

a
Probiidade

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

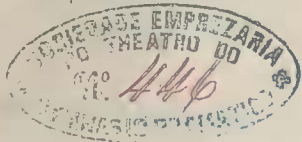
330
Probiidade

446
36

Le. Fe. 1773. e

(175)

Para representar-se nos paizes de
dos Theatros em 31 de Dezembro. 1858.



Mozzart.

Vol. 36

A Probidade

Comedia em 2 actos e 1 prologo

Instituto Politécnico de Lisboa

Original

de

A. Loran de Lacerda

Escola Superior de Teatro e Cinema

Para o Theatro de Gymnasio

Le. Fe. 1773. e

D
Personagens do Prologo.

O Commandante da Fragata Santa Biza	=	80	annos
O Immediato	-	48	"
Henrique Soares - Aspirante da Guarnição	=	18	"
Francisco Siqueira	- - - Idem	17	"
Manoel Escota - 1.º Marinheiro	-	56	"
Jacob Abraham - Negociante	-	36	"
Joze - - - - Criado da Camara	-	30	"
Um Official	-	40	"
Outro Official	-	40	"
1.º Aspirante	-	15	"
2.º Aspirante	-	13	"
Um - A Menina Sara	-	5	"
Um pagem	-	12	"
Officiaes e Aspirantes.	-		

D
Personagens da Toca.

D. Guitherrina - viuva rica	- - -	50	annos
Adelia	- - - - - sua filha	25	"
Henrique Soares - Negociante	-	37	"
Manoel Escota - Guardião da Armada	76	"	
Francisco Siqueira - artista	- - -	35	"
Colares - Procurador de D. Guitherrina.	54	"	
Souza - Guardalivros de Henrique	38	"	
O mendigo	- - -	55	"
Maria - criada.	- - -	26	"
Um criado de Henrique Joze	-		

O Prologo passa-se a bordo da fragata Sta. Boiza em 1837
os outros actos na actualidade.

Agre. J. M.
1837

Prologo.

O Theatro representa a traca-d'armas da fragata Santa Boiza. Ao fundo é a ammurada, com as suas canhoneiras e peças de calibre 24, envernizadas a preto: na boca do theatro supõe-se o outro bordo do navio. A direita porta, que figura communicar com a câmara do Comandante; a esquerda outra porta, q^d diz para a coberta. Ao meio do theatro vê-se um ponço inclinado, o Mastro da Gata que serve d'armeiro, onde estarão collocados (afins como ao fundo, entre as canhoneiras) machados, espadas de abordagens, clavinas, arcabuzes, e croques. Encostada ao mastro, p^a vante (esquerda) uma meza grande redonda, com apertor em roda. No tecto vê-se a enrolha-de-ré, da qual se desce por uma escada inclinada para vante.

N. O navio, ao commecar o acto, joga brandamente de proupa a proa, o que será de facil execução, fazendo apertar o gabinete sobre um estrado volante, e este sobre dois semicirculos de madeira, postor atravezador no theatro, e paralelamente. —

Emquanto ás ondulações de bom-bordo a estibordo, para

evitar complicações e despesas de maior machinismo, bastará fazer-se o seguinte: Um plano d'ares, que se vê por fóra das canhoneiras, e tendo as ondas quasi na borda inferior: este plano está sujeito a roldanas, e dois homens o farão descer o subir pausada e perpendicularmente. O resultado será, que, a aparição e desapareção ^{sempre} continua, q se virão pelas canhoneiras, fará a perfeita illusão do jogo do navio, ajudada pelo machinismo do de pòia á pòia.)

É dia - sente-se o brande sibilar do vento nas enxarcas e bater do mar quebrado na pòia do navio.)

Instituto Politécnico de Lisboa

Scena 1.^a

Henrique Soares e Manoel Escota.

O primeiro, sentado junto da meza, com o seu uniforme de Aspirante; o segundo de pé, barrete na mão e traje de Sr. Mariuheiro.)

Henrique = Poir anda lá, homens; pergunta mais alguma coisa; e, se eu errar... nada de contemplos! É logo quindan p.^a a frente.

Manoel = com certo acanhamento Ah, é o rei dos Sr.^s Aspirantes, meu Aspirante! Dar-me esta confiança... a mim...

Henrique = Ah? Quem melhor entende destas coisas, do que tu, meu rapoza do mar? Ora vamos! Tens-me feito m.^o do que quantos compendios e preleções

tive lá em terra. Namor! ^{And. fem.} Salta já uma pergunta... Uma?... Uhuitar! Ainda, aviate!

Manoel = torcendo o barrete Então... vá lá! ^{depois de pausa} Já disse como é que se vira por d'avante; já disse como se faz a volta ao mundo...

Henrique = Virar em roda, é o que tu queres dizer.

Manoel = Seja: nós cá chamamos-lhe afirm. Agora... diga lá o seu Aspirante como é que... procurando achar uma ideia como é que... Ah!... Como é que se virga, indo à bolina?

Henrique = La vae! ^{depois de pensar} Soê-se gente aos Bracos de barlavento e às Adricas de Gavias; e manda-se depois: ^{gritando} Arria Gavias! Ala bracos por barlavento! Soê sha ao laer!

Manoel = ^{muito contente} Sim sur! sim sur!

Henrique = Ala-se; até ficar por 6 quartas...

Manoel = ^{dando um pulo} Dito, meu Aspirante! oito... ^{com submissão} oito, se th. dá licença?

Henrique = Seus razão... é verdade; até oito quartas, ^{continuando} Atizam-se as talhas das vergas, por causa dos grandes balancos do navio. Depois manda-se a gente para cima: levantam-se os paus de cu telloz, pega-se na virgadoura, e ata-se

o pino a barlavento, até que o Garruncho
cheque ao seu lugar.

Manoel = Com sua licença; como se chama
isto, o meu Aspirante?

Henrique = jurando Isto agora é que... jurando não
me lembro.

Manoel = com satisfação Chama-se impunir!

Henrique = É verdade; impunir. Mandá-se
recolher a gente da verga, depois de a
marrador os piús, de cutello; descem
e segue-se com mandando Larga as tálias
do laer! Sea gaviar! Larga Estingues!
Larga os braços de setavento! Arria
sobre-volta os de Barlavento!

Manoel = E o depois?

Henrique = Depois?!... Ah! sim; manda-se
bracear, como mais conta fizer.

Manoel = Viva, meu Aspirante! Isto é q
se chama saber já da coisa, como quaer
ques home cá dos nosos! Diz-me o
coração, que hade vir a ser um dos
bons officiaes da noça marinha!

Henrique = Deus te ouça, meu velho!

Manoel = Ora agora diga lá o meu Aspiran
te, como é que... sim, que hade man
dar quaesquer embarcação por de capa
seguida.

Henrique = Vamos a ver. Sofo mandat-o fa

zer com Javier nos seguidos, ou terceiros ^{And. Fern}
rinzer; Mezena, Bebeca, e Nella d'Estay
de Próa. E de prevenção, se o vento for
muito, mando deitar abaixo as ver
gas dos Joanetes.

Manoel = Sim, sim! Viva! Tal e qual!

Henrique = Então parece-te que já podia com
mandar um navio?

Manoel = Não, lá' isto não, meu Aspirante,
commandar um navio isto lá' é' e' é'
coisa de muita monta; mas fazer o
seu quarto só', isto é' que t'ha já podia
fazer muito sobre si.

Henrique = Mas commandar um navio
é' que não; ein? Pois pergunta lá' mais
alguma coisa.

Manoel = Sim, sim; lá' vai. ^(depois de pensar) Vamos
a fazer de conta que, n'uma grande bor
rasca, leva o diabo o leme, e que o na
vio fica p'ra'li sem governo. Como é'
que t'ha havia de arranjar esta transoia?

Henrique = Mandava logo logo fazer uma
esparrella.

Manoel = Mas como? Sim, vamos lá' a
ver.

Henrique = Com muita facilidade. Costava um
pedaço d'amiãna....

Scena 2.^a

Os M^{rs}.^{mos} Immediato e Nogueira

(Entram da esquerda)

Immediato = (parando junto da mesa) O Sr. Aspirante não tem compendior?

Henrique = (wantando-se) Sr. Immediato?

Immediato = Pergunto se não tem compendior?

Henric = Por que me faz t^{ta} esta pergunta?

Immediato = (desabridamente) Não lhe admitto interrogação; sou eu que lhe dirijo uma. Tem ou não tem compendior?

Henric = Sim Sr.

Immediato = Então, se eu tem, acho inexplicavel o seu sistema de aprender. (vai a entrar p.^a a camara do Commandante)

Henric = (tomando de raiva) Serdaõ, Sr. Immediato: t^{ta} acaba de me reprehender diante de um camarada meu e diante d'aquelle marinheiro. Desejo que me diga por que mereci esse tom de reprehensão.

Immediato = Por que para um official, ou Aspirante a i^{fo}, a primeira qualidade precisa é a dignidade.

Henrique = t^{ta} entendeu então que desci d'essa dignidade, fazendo-me interrogar por aquelle homem?

Immediato = (mais desabrido) Eu é que não quero

deser da m.^a, dando-lhe satisfações ao Sr.^o,
ou explicando-lhe os meus pensamen-
tos! Entenda-me como quizer. *(vai a saber)*

Henrique = *(voltando-lhe as costas e andando em sentido contrario)* Não
eu entendi que os meios d'instrução, se
jam elles quaes forem, são sempre mui-
to superiores ás dignidades balofas dos
ignorantes.

Immediato = *(voltando a scena)* Sr.^o Aspirante!!

Henrique = *(voltando-se e perfilando-se muito)* Sr.^o Immedi-
ato?

Immediato = faz favor de explicar o pensamen-
to intimo da sua asserção.

Henrique = *(com intenção)* Ainda que não descia da
m.^a dignidade se o dissesse a t.^{ta}, faço
bastante da sua intelligencia para acre-
ditar que me comprehender.

Immediato = *(com raiva concentrada)* Ora o Sr.^o Aspiran-
te creio que desconhece que coisa é a su-
bordinação a bordo.

Henrique = Engana-se, Sr.^o Immediato; conhe-
ço perfeitamente e tenho dado d'isso sobe-
jas provas: o que não conheço é o servi-
lismo, a baixezça, e a hipocrisia.

Immediato = *(fora de si)* Eu o arranjaréi, deixe es-
tar!

Henrique = *(taca t.^{ta})* o que quizer; mas, ame-
açar d'homem, não a termo; injustiças

de superior, lá está o Quartel General
para mais reparar.

Immediato = Deixe estar! deixe estar, só crem
côta que eu lhe darei o premio d'essa
soberba revolucionaria! entra na camera do
Commandante

Scena 3ª

Os Mesmos, menos o Immediato.
Noqueira = Estas arranjado! Escotez-te boa
ocasião para questionar com elle: vai
faltar com o Commandante....

Henrique = patinando com o bonet raivoso Importa-me
cá! falle elle com o diabo! Decidamen-
te não nasci para esta vida! passando O
them que crime tão grande, que eu
cometti, por deliquencias saber se ainda
me lembrava....

Noqueira = Mas elle o que estranhou foi
tu dares a confiança a um marinhel-
so....

Henrique = Então que tem um marinhel-
so.... Ainda cá, o Manoel Escota!

Manoel = aproximando-se O que eu tenho pena é
que.... muito apouquentado sim, é que t'ha ou-
vise o Sr Immediato por via de
mim....

Henrique = Quantos annos tem de serviço?

Manoel = Vinte e cinco meu Aspirante.

Henrique = Quantas viagens tens feito? *Ant. Ten.*
Manoel = Quarenta e oito, com esta ⁵ sem Aspi-
raute.

Henrique = Quantas vezes tens sido castiga-
do?

Manoel = Swantando a cabeça e remando um pouco Eu, meu
Aspirante?! Ora ser uma, ainda have-
ra de ver a primeira!

Henrique = Sem prezo?

Manoel = Nunca fiz por isto, com bem o
diga!

Henrique = Que custumias tu beber?

Manoel = Agua... pela chupeta, quando ha
pouca; pelo quero, quando ha muita.

Henrique = para dogueira Ora agora diz-me tu
imparcialmente, se este homem e' ou
nao digno d'instruir com a sua prati-
ca, e edificar com o seu comportamento?

Nogueira = Pois sim, tudo isto e' verdade; mas
que queres tu? queres regenerar o mun-
do? queres vincular as tendencias do ge-
nero humano?

Henrique = Ah! veus com as tuas palavras
bombasticar! O mundo nao e' a Fraga-
ta Santa Boza; o genero humano nao
e' o Sin Immediato! Quiz provar-te q
aquillo foi um destempero, para the
nao chamar... outra coisa, prete-se a agita

para o rancho/

Manoel = Lá toca para os feijões! Não que
vens alguma coisa, sus. Aspirante?

Henrique = Vae-te embora, Manoel; vae
comer os teus feijões, e não comer o
que ouviste: perceber?

Manoel = Sim sus, sus Aspirante.

Henrique = Vae ao alojamento e dize ao Joze
que te dê um maço de cigarros do
meu.

Manoel = Muito obrigado, sus Aspirante;
mas eu trouxe tabaco para toda a via-
gem; e se Deus quizer, hade chegar, e
nao apauhar-nos; por ahi alguma cal-
maria podre, ou algum sudoeste rijo
que nos demore. Com licença, sus As-
pirante. /vahi/

scena 4.^a

Nogueira e Henrique.

Henrique = Vêr tu como as coisas saõ? -
Aquelle homem de bem (que não me
rece outro nome) vae comer os feijões
numa bandeja de pau, a laia de
porco ou carneiro; em quanto q' o sus
Immediato e outros que taes, vão go-
zar bons bocados, a meza do Comman-
dante. O homem de bem, o honrado, o
servical, o util á patria, vae descer qua

Acto 5.^o

si a' posicao de animal quadromano, o aristocrata, o parvo, o ignorante, o orgulhoso, vae gozar o fructo d'aquillo para que o outro trabalha! propeando Si mundo! mundo!

Nogueira = prindo / Saber o que eu te digo? e' q' te deixes d'isto: tens um caracter muito esquisito para viveres na dependencia.

Henrique = Oh! que se eu podesse! Dizer bem; nao nasci para viver dependente, isto e', nao nasci para viver onde hajam superioridades obrigadas.

Nogueira = Mas onde e' que ar nao ha meu amigo?

Henrique = Eu ar procuraria, se Deus me desse uma fortuna colossal!... Oha q' e' celebre, Nogueira! Nao sei que presentimento me diz, que ainda heide ser muito rico e poder entao proclamar-me independente!

Nogueira = prindo / Ja' me tens dito isto tantas vezes! E' uma grande mania, como outra qual quer!

Scena 5.^a

Os mesmos e Jacob.

Nogueira = prindo / O' Henrique, queres ver q' o judeu vem outra vez enjoadado?

Jacob = descendo a escada da escotilha da re' e vindo sentar-se junto da me

za, palido e limpando a boca com o lenço / Isto é que se cha-
ma vocação para viver no mar! Em vien-
te e tantos dias de viagem, é esta a decima
segunda vez que enjoa!

Nogueira = prindo / Bomra toucinho, Sr. Jacob!

Jacob = Não estive-se eu tão atrapalhado da ca-
beça, que eu lhe daria a resposta, meu
menino.

Henrique = Mas realmente, padecendo tanto a
bordo, não sei como embarca!

Jacob = Homens, cada um cá sabe as liuhar
com que se cose prupirando / Ah!... Ao menos
aqui não vejo o mar! Estou muito me-
lhor... Demais a mais os seus camara-
das tomaram-me a sua conta! Enten-
dem que por eu ter este genio de rir, hei-
de estar sempre para os aturarar...

Scena 5.

Os m^{mos} e os Aspirantes: descendo em
tropel pela escotilha /

Os Aspirantes = gritando e rindo / Esta' melhor Sr.
Jacob Abraham? Esta' melhor?... Ah!... ah!...
ah!...

Jacob = levantando se / Ora isto!... O' Sr.!!... deixem-
me, pelo amor de Deus!... O'hem que
já é de mais!...

Aspirante = Entrão! queremos saber da sua apre-

ciavel saude!

Andr. Fer.

Todos = É verdade!

Nogueira = Não ha nada mais natural e de maior delicadeza.

Jacob = ~~proferindo~~ ^{Pois} sim, muito obrigado, estou melhorzinho, graças a Deus. +

2.º Aspt. = Othe, Sr. Jacob, quer um bom remedio para o enjoô

Jacob = Comer toucinho?

2.º Aspt. = Nada, não Sr., coisa melhor.

Jacob = Vámos lá a ouvir.

2.º Aspt. = Pegue num cabo bem comprido.....
uma adria de joannete, por exemplo. Passe-the o chicote pelo gome do lae da verga grande; este chicote fica nas mãos, maior; o outro amarra-o o Sr. a cintura, e depois... zai! Quatro ou cinco merguthor da altura de meia emparrica, e verá como the papa o enjoô!

Todos = prindo! Ah!... ah!... ah!

Jacob = Foi o remedio que the fizeram, quando enjoou pela primeira vez, meu espetinho?

2.º Aspt. = Nada: a gente christã não enjoa.

Todos = Ah!... ah!... ah!...

Jacob = Deixem estar, que em saltando em terra heide vingar-me de vocês todos, meus diabinhos!

Moquira = Sim? então como?

Jacob = Como? convidando-os para um jantar, em que faço tenção de os emborra
char, a ver quem é então que ^{comba} arranga
e faz ^{escamios} tema do judeo!

Henrique = No fim de contar o sur, é um
grande patusco, e estou certo que não se
escandaliza com estas brincadeiras?

Jacob = Tão tolo era eu! então é que vocês
faziam peior. E de mais, fui victima
das maiores maganeiras e ^{zamborias} arruadas
que até hoje tem inventado o gene
ro humano! No principio da m.^a
carreira comercial, este caracter exen
trico, que sempre tive, e este nome he
branco, que herdei de meu paer, acar
retam-me tanta ^{cacoadas} lambada (como vocês
lhe chamam) que se não fosse a vont
de que me impelia a enriquecer, teria
de certo emorecido no meio da carre
ra do comercio.

Moquira = Ah! então o sur Jacob é rico, é?

Jacob = Graças a Deus, e... aos homens!

P. Asspat. = Ora vamos lá a saber como isto
foi, o sur Jacob Abraham. Continue
lá a sua vida.

Todor = Vallen! Vallen!

Jacob = Homem... isto não será mapada?

Nogueira = Não é, não; enquanto não for ho-
ra do jantar... André Ten. 8

Jacob = Então, vamos lá.

Nogueira = Espere... sente-se aqui. coloca-o no cen-
tro) Sôz, à roda. / sentão-se à roda d'elle)

Jacob = Então estou na presidencia, eim?

Nogueira = É como diz.

Jacob = Mas isto sem fumar, não tem gra-
ça... tira uma charuteira e oferece charutos, de que alguns
se utilizam)

2.º Aspt. = à porta da esquerda) O pagem! o murrad!
Um pagem traz um murrad d'entro d'uma especie de canu-
do de folha, accendem os charutos e sabe -)

Nogueira = Excelente charuto!

1.º Aspt. = Sabe a miofo!

2.º Aspt. = Vamos à sua historia, Sr. Jacob?

Todos = Venha, venha a historia.

Jacob = Lá vai. deix' de fumar, tocir, etc.) Saberao, em
primeiro lugar, que nasci em Lx...

Nogueira = com fingendo penas) Mas uma gloria
nacional... ignorada até hoje!

Todos = trindo) Ah! ah!... ah!...

Jacob = Ah! vocês estão n'essa beta disposi-
ção?... Por' d'hem que me callo, e ficam
sem saber a m.ª historia.

2.º Aspt. = Euoi em vingança, baptizamo...

Todos = Ah! ah! ah!...

Henrique = Calhem-se d'ahi! Vamos ouvir

como se faz fortuna.

Jacob = quando restabelecer o silencio Nasci em L^a, no
anno da graça de 1799....

Nogueira = Estamos em 1835; ergo tem 36...

Jacob = Trinta e seis annos, 5 mezes, e 28 di
as.

P. Aspt. = com um suspiro affectado Ah! A idade dos
amores!...

Dodor = prindo Ah!... ah!... ah!...

Henrique = para o Aspirante O homem!... é incor
rigivel! deixa fallar o su^o Jacob!

Nogueira = só mais uma interrogação. Co
mo demonio, tendo apenas trinta e
seis annos, apresenta o su^o Jacob o ca
bello e as barbas d'um velho?

Jacob = Ouça a mi^a historia e saberá o mo
tivo d'este phenomeno. continuando Meu
pae era um excellente judeo, que vendia
as suas tamaras n'um cestinho mui
to bonito, e trazia enfiadas nos braços
as contas mais lindas de vidro, que
appareceram em Lisboa por aquella
epocha. Além d'este commercio, que pou
co ou nada lhe rendia, fazia trocar
e baldrocar com as sur^{as} d'aquelle tem
pos, ora dando-lhes lindos charles de
caxemira em troca de ouro ou prata ve
lha, ora dando-lhes brincos e pulseiras

de coraes, por trapos, de seda, ^{And. Fern.} que elle de
por vendia as necefitadas a pagamen-
tos, e em que ganhava meio por meio.
O resultado d'este negocio foi, que, ape-
nar cheguei a idade dos 10 annos, man-
dou-me dar uma educaçãõ sita sof-
frivel e sahi da eschola sabendo con-
tar, ler e escrever. Não me podendo nun-
ca habituar ao commercio de meu pae,
e, sobre tudo, ao seu trazer rabinos...
Nogueira = Grande sotaina, barretinho etc.
eim?

Jacob = Justamente. Não me podendo habitu-
ar aqquelle modo de vestir, meu Pae
satisfez-me a vontade, e eis-me de so-
brecasaca, chapim etc, papeiando pelas
ruas de Lx.^a, a procura de um arru-
mo qualquer. Depois de algum tempo
de papeio, (tinha eu acabado de com-
pletar os meus 17 annos) fui para ca-
sa de um merceiro, lá p.^a as bandas
da Alfama, e ahi comencei a m.^a carri-
ra commercial, na qualidade de cai-
xeiro.

Nogueira = Pouca posicao!

Jacob = Não era das mais romanticas, não,
nem mesmo se conformava muito
com o meu genio; mas, enfim era

preciso procurar uma posição qualquer.
Na tal mercearia succedeu-me quasi
o mesmo que na escola. Soube-se que
eu era judeu, e choviam as chufas, os
sarcasmos, e até as vezes, as invectivas
sobre o pobre caixeiro, como lá chovi-
am sobre o pobre estudante. Eu ria-
me, por que não sei que voz oculta
me dizia, que ainda havia ~~de~~ ser
muito rico; e que, por consequencia,
o nome de judeu havia ~~de~~ ser em
mim considerado... uma nacionalida-
de, como outra qualquer. Tanto de ou-
vir dizer aos freguezes que roubava nas
meias quartas de manteiga, e nos
15^{as} de café; que pezava tudo mal, co-
mo um judeu que era, resolvi-me
a procurar outro morte. Mal concebi
esta idea, vieram dizer-me que meu
^{pa}pa fora fazer a inevitavel viagem do
outro mundo, e que me havia dei-
xado uma fortunazita de trez contos
de reis, pouco mais ou menos. Sahi
da tal mercearia, aluguei uma ca-
sinha e dei-me a agiota. Boreem...
(coisa extraordinaria nos da m.^a raa!)
convençime de que não tinha geito
para aquillo: se me pediasem sobre

Andr. Fer. 10

este ou aquelles objectos, e eu via que era para matar a fome, em vez de emprestar seis, emprestava oito ou 10... s'hem que não digo isto para me elogiarem; nem tal mereço, por que nunca attribui este factor a bondade de coração, mas sim ao pouco jeito que tinha para o tal commercio. Depois d'algum tempo, dando balanço aos meus fundos, achei-me possuidor de meia duzia de trapoz e trastes quasi inúteis, que, depois de vendidos, me fiseram ficar lerado em quinhentos e tantos mil reis. Deixei-me, por tanto, de emprestar dinheiro sobre penhores.

Nogueira = Ora deve couvir, Sr. Jacob Abraham, que (seja dito sem offensa) é' bem pouco interessante a sua historia!

2.º Ayt. = É' verdade: nem uma rajada q' cheire a romance!...

Jacob = Tenham paciencia, vicam, que talvez achem para o fim algum romance, como aquelle Sr. diz.

1.º Ayt. = Com as sentenças - / Continue o orador.

Jacob = jurando se Obedeco depois de pausa Sr. corre mundo com os meus dois contos quatrocentos e tantos mil reis. No fim de dez annos e meio stinha eu entad os

meus 28) achei-me, com o capital ~~que~~
quintuplicado, isto é com 12 contos e tan-
tos mil reis.

Nogueira = Mas como foi isto?

Jacob = Comprando, vendendo, tomando
a comprar, etc.

Nogueira = Mas o que?

Jacob = Negros; pois o que havia ~~de~~ ser, e
tanto e tão depressa vende-se? - Voltaria
Portugal, por que na verdade tinha san-
dades do paiz onde nasci, e, alem dis-
to, a m.^a sãde alterava - ~~me~~ considera-
velmente lá por aquelles climas. Lo-
mo travei conhecimento no Serri com
um negociante rico, portuguez, que
já havia voltado, foi-me facil achar
onde podese empregar o meu capi-
tal. Associei-me com o dito negoci-
ante, e comeci entãõ a gozar a vida.
Frequentava os theatros, os passeios, as
academias, etc; e, apesar de judeo, o
dinheiro abria-me todas as portas.
pej. de panna Ora não sei se sabem, que
vae agora, comecar aquillo a que eu
chamo o romance d'esta vida. Depois
d'alguns annos a m.^a fortuna cresceu
e, por consequencia, as m.^{as} relações
na boa sociedade. É preciso advertir

que eu adicionei ao meu nome Jacob
Abraão o apelido de - Netto. Suma
da caçar que mais frequentava, havia
uma menina encantadora....

Noqueira - Ah! até que enfim! Já cá tarda
na esse genero!...

Jacob - Era bonita, prendada e nobre. Os
raças entenderam que devia fazer dar su
ar, e eis-me loucamente namorado da
Sr.^a D. Guillermina da Silva e Netto,
menina de caracter attivo, uma verda
deira aristocrata, para quem não ha
via pessoa mais nobre do que ella se
não o rei. Mas o diabo, que ^{torrava} ~~manga~~
com as coisas d'este mundo, sogrou
no coração da menina Guillermina,
e ella tambem namorada do pobre
judeo!

Dr. Synt. - Bravo! foi bem feito!

Jacob - Imaginem a m.^a alegria quando
percebi que era tambem amado, mais
julquem dos meus sustos e temores
logo que me lembrava do meu nasci
mento e d'aquella aristocracia femini
na! Depois de muitas cartas, de mui
to namoro enfim, ella ordenou-me
formalmente que a pedisse em casa
mento. Obedeci tremendo! Trouxeri o

pae, homem respeitavel pelas caas, pe-
lo dinheiro, e pelos pregaminhos. (com certo
terror) Parece^{me} que ainda o estou vendo,
com o seu chambre de setim bordado
a matiz e o seu barrete de miçanga
orlado a oiro! Nunca me tinha vi-
sto n'aquelle transe! pedi a filha de
um aristocrata, no templo da real-
sa, eu, judeo de nome e de coração, é-
ra uma tarefa quasi superior as for-
ças humanas! Por outro lado a pope
d'aquella mulher aticava-me os bri-
os, e, cobrando animo, balbuciei um
pedido em forma + O Velho tirou os
oculos, e disse-me... (nunca me hei
de esquecer d'este dialogo). "Seu Velho
foi-me apresentado por uma pefioa
para mim respeitavel; sera o tal ne-
gociante com quem eu vivia afocia-
do) sei que é rico, e nos seus modos,
um perfeito cavalheiro: mas, apesar
de tudo isto, terá a bondade de me
dizer quem é th.? - Entendi logo a
pergunta, e um suor frio me banhou
o rosto! - Th.^a, disse eu tremulo, quer
sem duvida que responda a esta per-
gunta, mostrando-lhe os meus per-
gaminhos? ^{+ E' isto mesmo -} Tornou elle, com o seu mo

do gradualmente aristocratico: ^{mas sem} pois não ¹²
era o que devia esperar, quem como
eu, vem pedir para mulher a filha
de D. Antonio da Silva e Abello de Noro
nha e Souza?... Imaginem como eu fi
quei!

Henrique = O que é para lamentar é que
já houve tempo em que o genero hu
mano tivesse tae preocupacoer!

Jacob = E ainda as ha, meu amigo, acre
dite; apesar das ideas de progresso e
fuzão de racas! As tendencias aristocra
ticas em Portugal e Hespanha ha
de morrer, quando as republicanai mor
rerem em Franca!

Nogueira = Esta bom! nada de politica-phi
losophica! Vamos a historia que (hom
ra the seja feita!) vae interessando m.^a

Jacob = Depois de muita hesitacao da m.^a
parte e de muita insistencia da d'elle,
confessei-the quem eu era; e, escudado pelo
meu bom comportamento, pela m.^a soffi
vel fortuna, e pelo amor de sua filha,
reiterei o meu pedido. D'uetto le
vantou-se, rio-se e exclamou: - A que
tempo chegamos, meu Deus! Espar
tado por semelhante exclamacao, hia
perguntar-the o motivo, quando elle,

tomando a sua pitada estrondosamente,
dize-me com o maior socego: Saber que
mais? os teus venderam Christo; mas
a mim nem a m.^a filha não ha de
tu vender, judeo! - A colera subio-me
ao rosto! Hia responder-lhe, talvez bem
derabridamente, mas elle antecipou-se-
me: Nem mais uma palavra! ex-
clamou com voz de trovão: sahe já
de m.^a casa, senão queres que te jo-
nha fora por doir lacaios! - Nada
havia que responder! - sahi, e ainda
nos degraus da escada, she ouvi dizer
as gargalhadas: - Ora o demão do ju-
deo! - Depois sentio bater com a por-
ta violentamente e... achei-me na
rua... nem eu ^{me} quero já lembrar
em que estado de alienação, de colera
e de desespero!

Nogueira = E adas; menina Guethermi-
na, em? Acabou o romance?

Jacob = Nada, não sur; acabou o primei-
ro capitulo.

Henrique = Então vamos ao segundo; es-
tou morto por saber como aquelle co-
raçao apaixonado tomou a recusa do
pae.

Jacob = Vou satisfazer-lhe a curiosidade. O sur

Madr. Jun

D. Antonio da Silva e Bello de e Morouha
e Souza amava extremosamente sua
filha; e, conhecendo a paixão que eu, a
pezar de judeo, lhe havia inspirado,
guardou-se bem de lhe contar com ver-
dade a noiva entrevistada. Dize-lhe ape-
nar, que eu era pouco favorecido da
fortuna, e que, por consequencia, não
convinha semelhante casamento. O
demonio, que tal disteste! A menina
Guilhermina, que não era para graças,
desimulou, fingio ceder a vontade pater-
na, e nessa mesma noite enviou-me
um proprio, que me conduziu a dez ho-
ras, a sua presença. Vellez, disse-me
ella, meu pae não quer o noivo ca-
samento, por que es pobre; apromp-
ta-te, que d'aqui a meia hora quero
fuger contigo!... Alegre e atterrado, fi-
quei sem saber o que lhe respondesse.
O amor puchava-me para um lado;
a honra para outro. Ainda apim, te-
nho a consciencia de que lhe fiz al-
gumas observações a respeito de seme-
lhante passo; ella insistio, invocou o
meu amor, e.... (como quasi sempre
succede) o amor venceu a honra! Da-
hi a meia hora veio ter comigo, q

já a esperava n'uma carruagem d'ali
quiet, e partimos a trote raiado para
Loires, onde ella tinha uma tia ve-
lha. Chegámos; continuou-se a tija-
ria do pae; chamou-se o capellão da
terra; metten-se-lhe em cabeça, que
era, não só um casamento d'amor,
mas até uma reparação, e o grande
cazo é que d'ahi a tres dias estava-
mos casados!

H. Aspt. = Bravo!

Nogueira = Acabou o romance?

Jacob = Ainda não; fim do segundo capi-
tulo.

H. Aspt. = Ah! ainda ha mais?

Jacob = Ainda; mas, se os enfartio, callo-
me.

Henrique = Pelo amor de Deus, não faça
tal! Estou gostando immenso! Vejo
n'epa sur. ^a uma força de vontade e
uma energia, que... desejava conhece-
la! -

Jacob = Sim? pois oia o resto, que tal-
vez depois não diga o mesmo.

Henrique = Vamos a ouvir.

Jacob = Emquanto isto se passava em Loi-
res, o pae da m.^a noiva - dava-se a
perros em Lo.^a para a encontrar. A

historia divulgou-se, e no fim de dois
mezes e mais deram com o ~~monstro~~
escondido. Um dia... (^{nipo.} sentriestecendo pouco a
pouco e deixando o seu modo jovial) sentimos pra-
rar uma carnagem á porta de nos-
sa casa. Cheguei á janella, e vi de-
a figura aristocratica e gigantesca do Sr.
D. Antonio!... Corri a prevenir m.^a mu-
lher; ella empalideceu, e contentou-se
em me dizer: - Muito bem: vá receber
seu sogro; é que lhe cumpre fazer! -

1.^o Aspt.^o = Bravo! Isso é que se chama uma
mulher-d'armas!

Henrique = E depois?

Jacob = Obedeci; sabe Deus com que vontade
de!... Abri-lhe de par em par as por-
tas da sala; vi-o entrar sereno, mas
pálido e... e com duas pistolas na mão!

2.^o Aspt.^o = Saca! Está-se-me a arrispiar os
cabellos!

Jacob = Mandei chamar m.^a filha, disse el-
le, com voz fraca, mas vibrante. Fiquei
immovel! Repetio a ordem, mas não
foi preciso executá-la... Minha mulher
entrou de cabeça erguida, e pediu a ben-
ção a seu pae, que não respondeu e lhe
cravou os olhos com uma certa expre-
ção de horror e de dó. Minha mulher

vio-lhe a pistola na mão, recuou
um passo, e perguntou-lhe, carregando
o sobrolho: Vem matar sua filha, meu
pai? - O velho não respondeu logo; de
pois d'alguma hesitação, disse sem se
alterar: - Sr.^a D. Guilhermina, V.^a
lançou uma nodosa indelével n'um
ma das famílias mais illustres de
Portugal! V.^a matou a honra de seu
pai, e' justo que lhe tire a vida! Não
posso sobreviver a uma deshonra pu-
blica e tão aviltante! A Sr.^a, se qui-
zer, viva; eu não posso! Tome essa
arma... (atirou-lhe com uma pisto-
la aos pés) Aprenda comigo, como
é que se lava a deshonra n'uma fa-
mília distinta! - Quis sustentar-lhe
o braço!... foi de balde... antes q' tal
fizesse, senti uma explosão, e vi o velho,
através de uma pequena nuvem de
fumo, cahir no chão, sapicando de san-
gue o meu colete branco!... D. Guilhermi-
na correu para elle... - Meu pai!...
meu pai!... Por que motivo seme-
lante attentado?!... O velho ergueo ainda
a cabeça e articulou... - Lazada... com
um judeo!... e expirou!... Minha mu-
lher cahio sem sentido; eu... fugi hor

rorizado, como louco, e só parei em *And. Ten. 2.ª*
Sogreira = Sapa! É uma tragedia de Shakespeare
Henrique = penebelivado / Não!... é um drama da
vida íntima!...

2.ª Spt.ª = dep. de pequenos siluncis / Capitulo 3.º

Jacob = Entrei em m.ª casa: other casual-
mente para um espelho e vi... um ve-
lho! Os cabellos encanecidos, os olhos en-
covados, a barba grisalva... enfim, pa-
recia um phantasma! Só depois de
oito dias é que me resolvi a procurar
saber de m.ª mulher. Montei a caval-
lo e dirigime para Loires. Achei tu-
do fechado. Indaguei e soube q m.ª mu-
lher tinha vindo p.ª Bemfica para
a sua casa de campo. Dirigi-me lá, e
um criado disse-me q a sua estava do-
ente e prohibida de fallar com peçoã
nenhuma. Ordenei-lhe que me fosse
anunciar: obedeceu, mas a resposta q
me trouxe foi uma carta. Abri-a tremen-
do e li o seguinte: "Sim. Um grande en-
" me peza sobre nós dois, mas especial-
" mente sobre mim! É impossível viver
" nos juntos, por que actualmente não
" o odio só, tenho horror até em pensar
" que o tornaria a ver! Conservo em meu
" poder a arma que meu pai me en-

"tregou; e juro-lhe pela alma d'aquelle
"velho honrado, que, na hora em q' o sus
"transportar a porta de m.^a casa, despe
"daco o cráneo, como meu pae despeda
"cou o coração!" - Li vinte vezes esta car
"ta!... Que me restava fazer? fugir p.^a
"sempre d'aquelle mulher, para me
"não pezar na consciencia irar um
"suicidio! Tornei para Lx.^a, e por um
"criado de m.^a mulher obtive noticias
"suas. Sempre doente, e encolorizan
"do-se a ponto ~~de~~ de enlouquecer,
"cada vez que ouvia pronuncia o meu
"nome! Resolvi sair de Portugal, mas
"constou-me que m.^a mulher estava
"gravida. Desejo de obter meu filho,
"única felicidade a que podia aspirar,
"addiei a m.^a partida. D'ahi a meser re
"cebi uma carta trazida por uma
"mulher do campo; era de m.^a esposa
"e dizia assim: "Bemetto-lhe este igno
"bil fructo da deshonra e do crime. Gu
"arde-o, e peço-lhe que, em expiação do
"pafado, não lhe diga nunca o nome
"de sua mãe" - Mandava-me m.^a fi
"lha!... com alegria Minha filha!... n'ella
"desde então, rezumi todos os sentimen
"tos do meu coração!

Henrique = É aquella linda menina, que vem
com o Sr. Jacob? And. Fern. 16

Jacob = É: tem cinco annos, e é linda, como
foi sua mãe! *[fica pensativo]*

Nogueira = Então? acabou o romance?

Jacob = Acabou... ou, por outra, quem sabe
como acabará! *[tomando juocos a juocos ao seu tom
jovial]* Topuidor de m.^a filha, não quiz sa-
ber mais d'aquella mulher, que me
odiava de morte, e d'aquella terra onde
fui tão infeliz. Juntei os meus capi-
taes; apurei uns 228 contos de reis;
obtive do Ministerio da Marinha u-
ma passagem a bordo d'esta excellente
fragata, e cá vou com os meus bons
amigos para longas terras, onde tenciono
viver feliz com m.^a filha e... para m.^a
filha! O que succederá? Deus, o sabe, e eu
cá estou para o que Elle determinar!

Nogueira = Sou Sr., e interessante a sua his-
toria, Sr. Jacob.

Henrique = *[sonriso]* O que me admira é a fran-
queza com que o Sr. nob-a contou: o Sr.
Jacob, o Sr. quiz conseguir alguma coisa
de nós, com essa narração tão compri-
da e tão interessante.

Jacob = Quiz, não o nego. Em primeiro lo-
gar, mostrei-lhes que, apesar da mi-

nha jovialidade ordinaria, que me
tem acarretado as amaveis imagina-
ções de tho., sou, fui, e, quem sabe
se heide ser sempre, desgraçado!... Em
segundo logar, quiz dar-lhe um exem-
plo terrivel da desobediencia aos paes!
(com seriedade) Com fallando agora com al-
guma seriedade, vejam-se neste es-
pelho, e aprendam a nunca desobe-
decer a seus paes!

2.º Aspt. = E verdade: olhe que e celebre, mas
parece que o diabo toma conta dos fi-
lhos desobedientes!

Nogueira = E por que os paes são a figura
de Deus cá na terra!

Henrique = E as mães a dos anjos!

1.º Aspt. = Eu cá pelo menos, não faço ten-
ção de desobedecer aos meus.

2.º Aspt. = Nem eu, se Deus quizer!

Jacob = (commovido) Outros como as suas ca-
çoadas acabaram de prefa, meus ami-
guinhos!... Então? já não tem vonta-
de de ris, de marcar?...

Nogueira = Não, que a coisa agora e mais
seria.

1.º Aspt. = (sagrimendo) Si... quem me dera a
gora ver m.ª familia!...

2.º Aspt. = E eu a mamã, que e tao m.ª a

miga!...

Adv. Ferr. 17

Henrique = sonrindo Vamos lá, ou tudo ou nada!...
Cedo as veremos, se Deus quiser!

Scena 7ª

Os ^{mes} M. - Manoel Escota e a Memi
na Sara.

Manoel = Quando de quizerem: o jantar
está na mesa, Sr. Aspirantes

Todos = procedendo a creança Oh, que linda creança!...

Outros = É a sua filhinha, Sr. Jacob?

Jacob = Sim, meu amiguinho! É m.^a
filha.

Sara = Estes meninos são seus amigos, meu
papai.

Todos = dando-lhe beijos e fazendo-lhe meiguices Sorsool! so-
mos!...

Sara = pinça amuada Mas d'ante não me fa-
riam festa!... por que é, papai?

Jacob = Não te importe... Aceita-lhas e re-
tribue-lhas.

Sara = O que diz o meu papai?

Jacob = Que lhes faças também festas,
por que são já muito teus amigos.

Manoel = baixo p. Henrique, em quanto os mais estão entes-
dor com a creança Então meu Aspirante?
houve mais alguma novidade com o
Sr. Immediato?

Henrique = Não; está ainda com o Comman-
dante, e eu não saio d'aqui, em quan-
to o não vir sair de lá.

Manoel = com acanhamento O meu Aspirante!...
Desculpe ella... mas não era melhor
saffar-se, que elle o não vize outra
vez?... Talvez se esquecesse...

Henrique = Por que? commetti algum cri-
me!... Nada! quero ver o resultado
d'isto!

Manoel = Nalha-me Deus!... Nossa Senhora
da Bonança permitta que não ha-
ja por ahi algum desgosto com ella.

Henrique = procurando e dando-lhe com a mão no hombro
Deixa estar meu vestote que já met-
ti nos tercos contra aquelle vento fres-
co!

Manoel = Uho! de capa, meu Aspirante!
de capa contra os vendavaes do Sur Sur
mediato!

Nogueira = pi. Sara Certo está dito; janta
hoje commosco; sim?

Sara = Se o papá dá licença?...

Jacob = Dou, sim, m.^a filha.

2.^o Aspt. = Certo, vamos.

Sara = E o Manoel Escoto, não janta?

Manoel = correndo pi. ella Olha o arquinho!... Sem
mesmo apim se esqueceu de mim!...

São, m.^a menina; mas, se quer, ^{chovendo} levo-a
ao colo ao alojamento dos Sur.^s Aspi-
rantes.

Jacob = p.^o Henrique / Até a creança é amiga de
te homens!...

Henrique = Quem o nav é cá a bordo?

Manoel = com os olhos no chão, e torcendo o boné / O meu
Aspirante epa é boa... mas cá um
homem tem amigos por que: sim,
são favores que ^{far} me fazem!...

Nogueira = adoidadamente / Por sim, sim; está
para ahí a mascar como quem ma-
ca tabaco!... São teu amigo por que
é um pobre diabo digno d'ípo!...

Manoel = commovido / Ora... Sur Aspirante!...
Eu até tenho vontade de... de chorar,
quando os Sur.^s me dão estas confian-
ças!...

Nogueira = Ah! sim?... eu te tiro a vontade
de chorar!... dando-lhe uma chulipa / Vá!... se-
tro a virar!...

Manoel = prindo atoleiramente / Ah!... ah!... não
me doei!...

Nogueira = Vá! pega na pequena, e salta-
me já por epa ^{coberto} escotilha a cima, man-
dado!

Manoel = prompto!... prompto, meu Comman-
dante! agarrar em barra ~~poer~~ na sobre o hombro, e sobre pe

lá escotilha da reij

Sara = Já es cinnaj A Deus, papà; até logo!

Jacob = Até logo, minha filha. Todos os Anjirantes sobem

2.º Anj. = Já boca da escotilha/ Não quer jantar commoço, sr. Jacob?

Jacob = Agradeço; mas já estou convidado pelo sr. Capitão Tenente Araujo.

2.º Anj. = Então até logo. Jochem todos

Scena 8.ª

Jacob e Henrique

Henrique = Ora não sei se sabe, sr. Jacob, que a sua historia sensebetiron-me!

Jacob = Prindo tirou-lhe até a vontade de comer, seguindo vejo. Não vai jantar?

Henrique = Estou á espera que o sr. Sr. mediato saia da camara do Com. mandante; além d'isto... preciso fallar com o sr. em particular.

Jacob = Comigo?... Estou ás suas ordens.

Henrique = Em primeiro logar pergunto: é capaz de me dizer com franqueza se sympathisa ou antipathisa commigo?

Jacob = Gosto até muito do sr., por que a pesar de creancola ainda, parece-me ter mais juizo prudencial do q' os se

meus camaradas.

And. Fern. 19

Henrique = Bem; entã sempre me atrevo a pedir-lhe um grande obsequio.

Jacob = Bejito; estou às suas ordens; e no q^o lhe poder ser útil...

Henric = Eu lhe digo, sr^o Jacob. Não lhe conto a m.^a vida, por que não tem nada que contar, à vista da sua, tão cheia de episodios e scenas dramaticas. Par ta que saiba, que a m.^a fam.^a hoje resume-se n'um ente muito querido p.^a mim: é meu pae. Mãe não tenho, nem irmãos. Dediquei-me a esta vida para ter de futuro um bocado de pão: e, à custa de grandes sacrificios, meu pae, pobre empregado publico, com segui completar o meu curso e só me falta esta viagem em que vamos para ser Guarda-marinha. No entanto... eu não estou contente sr^o Jacob!

Jacob = Não está contente?!

Henric = Não: não, por que... enfim não nasci para esta vida! Por um acaso singular, disse até, por uma fatalidade, tenho sempre encontrado nos meus superiores intelligencias e mais qualidades muito inferiores às minhas; e nos meus subalternos, tenho às vezes estudado e visto parti-

superioridades, que os colocam muito acima de mim.

Jacob = procurando / O Sr. é philosopho?

Henrique = Não sei o que sou: o que sei a pensar é q' sinto em mim uma força de vontade, um poder sobrenatural que... que me impe-
te a... enriquecer!

Jacob = procurando / Isso é bom!

Henrique = Tudo em mim é refractario á ob-
diencia ~~estúpida e egotista~~ da vida mili-
tar...

Jacob = Permitta, meu amiguinho, que lhe fa-
ca notar... é uma pequena qualidade
o orgulho!...

Henrique = Mas se isto não é orgulho, Sr. Ja-
cob: othe que não é!... Depare-me o acaso um
pobre diabo, bem pobre, bem roto, bem des-
presado por todos, mas em quem eu conhe-
ça a honra e a intelligencia, e verá o Sr.
Jacob como eu lhe estendo a mão d'a-
migo. Enfim, não nasci para a vida
militar, por que não posso curvar a ca-
beça ás superioridades obrigadas! Perce-
be agora?

Jacob = É o que eu disse: o Sr. tem em si o ger-
men da philosophia. Não lhe dê espan-
ção, othe que morre de fome!

Henrique = Não heide morrer, se Deus quizer! Ais

da heide ter muito dinheiro, para fazer bem ^{Supr. Sem.} 20.
à humanidade!

Jacob = ^{prindo} A' humanidade?! Mas como?

Henrique = Ser exemplo: fazendo do Sr. Immediato o meu escudeiro, e do Manoel Escota commandante dos meus navios!

Jacob = O Sr. é uma criança!

Henrique = Seres. Quer ajudar-me?

Jacob = Pela terceira vez the digo, que desponha de mim.

Henrique = Bem. O Sr. é já muito rico, mas vai continuar no commercio, não é assim?

Jacob = Vou.

Henrique = Pois bem, dou baixa, e o Sr. leva-me consigo para onde quizer; da-me um pequeno ordenado, e ensina-me a negociar.

Jacob = Isto é serio?

Henrique = Muito serio! Seres o seu guarda-livros, o seu commis voyageur, o seu secretario..... enfim, o que melhor the parecer, mas faça de mim depois um negociante.

Jacob = Seres....

Henrique = Dize-the que tenha o curso de marinha completo; já vê que, quer no mar, quer em terra, posso, creio eu, ser-the muito util. No mar guardando-the as suas mercadorias, e levando-the a porto de salvamento; em terra fazendo-the as suas

contar por mais difíceis que sejam. Sir
vo-the?

Jacob = Tattaremor em chegando a terra.

Scene 9^a

Os m^{mos} o Immediato e o Comman
dante = (sahem da camarã) =

(o jogo da Fragata vai-se ativando, e a cor do mar mudou
para mais escura)

O Commd. = (vendo Jacob) Oh! por aqui, Sir Jacob! Não
quer vir até cá cima?

Jacob = Nada; vou-me deitar; o mar parece-
me que levantou mais alguma coisa:
e eu... é uma miséria! sempre enjoa-
do! Até logo, meus Sir! (sae p.^{ra} esquerda)

O Commd. = Venha cá Sir soares.

Keung = (opt.) Semot-a travada!... (alto) Prompto, Sir
Commandante!

O Commd. = O bom comportamento de um mi-
litar não é só o exato cumprimento dos
seus deveres; a subordinação não é uni-
camente a obediência cega e silenciosa
às ordens dos chefes superiores. Tanto o
bom comportamento, como a subordi-
nação, caracterizam-se também pela ma-
neira como tratamos os chefes superi-
ores, mesmo fora de objectos de serviço.
Não lhe parece verdadeira esta asserção,

Sus Aspirante?

Act. 21

Henrique = Muito verdadeira, Sus Commandante.

Command. = Desgraciadamente para o Sus, as suas acções não estão d'acôrdo com a sua opinião, segundo me consta. O Sus Henrique Soares é um moço inteligente, um bom estudante, mas pouco militas em quanto a obediencia. Sei que mais de uma ocazião as suas respostas têm offendido o Sus Immediato, e, para acabarmos com isto, vou pela primeira vez, impôr-lhe um castigo.

Henrique = perdendo Sus Commandante!... deligenciando sozegas Não sei em que tenha offendido o Sus Immediato!...

Command. = Sem, tem, que eu bem o sei: ainda ha pouco isto aconteceu. Quando um official respeitavel pela sua posição e pelos seus annos de serviço, dirige uma reprehensão a um moço da idade do Sus Aspirante, faz-lhe não só um serviço, mas até uma honra; e não é com ditor epigrammaticos e com um revoltante desabrimiento, que se deve responder a essa reprehensão, como o Sus costuma fazer, e no que mostra ter peffimas qualidades: - falta de educação, orgulho e in-

60
- gratidão. Sou tanto, repito, pela primeira
vez, sou corrigido d'esper grandes defeitos.
Heunig - A maneira singela e franca com q
V.ª se digna fallar-me, animou-me a
pertender justificar-me d'essa oppinião,
que de mim forma o Sr. Immediato.
Não sou orgulhoso, nem ingrato. Sou
Commandante. Entendo que pelas m.^{as}
habilitações scientificas, e mesmo pela m.^{as}
idade, estou um pouco a cima dos me-
us camaradas, isto é que já não devo
ser tratado como uma creança. D'esta
convicção é que nasce isto a que V.ª
chama dezabrimiento.

O Command. = Mas seja, ou não seja crean-
ca, o Sr. é um Aspirante, e o Sr. Im-
mediato é um capitão de ~~marinha~~
fragata.

Heunig = ~~pondo~~ Sr. Commandante, é real-
mente muita bondade, na sua ele-
vada posição, descer (creio que é o ver-
bo proprio) descer a questionar comigo. Se
todos os superiores assim fizessem, a su-
bordinacao militar devia ser, em vez
de perada cadeia, um laço d'amizade en-
tre superiores e subalternos. Essa bonda-
de de V.ª coloca-me na restricta obri-
gação de lhe fallar com a maior fran-

X ^{queza.} ^{Sup' Commandante} ^{depois q' ~~tra~~} ²²
~~o anno passado~~
~~pouco mais de tempo~~ se celebrou em
 Evora Monte uma convenção entre os
 defensores da realza e os do liberalismo,
 entendi que a aristocracia de raca e o des-
 potismo de posiçoes, tinha cedido o lugar
 á uniao fraterna das classes sociais, e á
 emancipaçaõ das intelligencias. Se isto a-
 sim aconteceu, Sup' Commandante, não
 vejo em homem algum o direito de re-
 prehenber as ^{mas} ^{accões}, quando ellas
 não forem d'encontro aos bons principi-
 os da moral e da honra. Se eu errar to-
 lero... não digo bem, estimo, até, aprecio
 um conselho dado por pessoa respeitá-
 vel pela sua posiçao e pelo seu amor
 de serviço, como V. Exa se dignou dizer-me;
 mas, uma reprehenção, não fundamenta-
 dada, uma reprehenção aspera diante de
 um camarada e de um subalterno, uma
 reprehenção no tom em que se faria uma
 accusação de crime, isto é que me revolta
 e me faz talvez, sair fora dos limites da
 prudencia.

Immediato = pp. o Commandante Sem a bondade com q'
 o Sup' Commandante o trata lhe faz dei-
 xar aquelle tom revoltoso, bem vê!

Henriq = Essa mesma bondade é que me faz

tirar a máscara, e apresentar-me tal e qual sou, tal qual penso.

Comand. = Pois Sr. Aspirante, como o liberalissimo, de que falhou, não é a anarchia e a desordem, como é mister conservar illeza a subordinação e punir severamente os que, ou por má índole, ou por uma deploravel philosophia, desconhecem as conveniencias militares, condemnno o Sr. Aspirante ao castigo de prizad por quatro horas no cesto da gavia grande

Henrig = prezando Sr. Comandante!!...

Comand. = severamente Namor!! Não cumprir immediatamente o castigo! ente-se dar 5 horas

Henrig = pregando mais São 5 horas, Sr. Comandante, é hora de eu entrar de quarto com o Sr. Tenente Beir. Creio que tta. não querirá que eu deixe de fazer o meu quarto....

Comand. = Não fazel-o: descance meia hora e depois cumprirá o castigo. probe p. a tolda

Immediato = baixo p. Henrique Sem tempo p. a se entregar lá em cima ás suas meditações philosophicas. probe rindo

Henrique = si pensando agitado Morrito!! estou arranjado! ~~3~~ horas no cesto de gavia, exposto á vista de todos os officiaes e de to

da a mariuhagem!... ^{Adv. J.M.} ²³ prindo freneticamente Ex-
cellente meio de sustentar a subordina-
ção e a dignidade militar!... É cohe-
rente na verdade!... Um official em ex-
posição trepada como um macaco lá
naquellas atturas, e isto diante dos se-
us subalternos, que se hão de ris, que...
Então, não é um optimo meio de se
fazer respeitar?!... Ora isto! Que cohe-
rência, que logica, que intelligencia!...
depois de silencio Não vou! decididamente não
faco semelhante indignidade! Leve o
diabo o sur Commandante, mas decla-
ro que não vou para o certo de gavia, só
se me amarrarem de pés e mãos!...

Uma voz = na tolda Sur Aspirante Soares!

Henrique = Lá está o outro já a chamar-me p.
o quarto!... tem medo que eu fatte!...

Si, meu Deus! e não heide um dia
ser bem rico para mandar ao inferno
esta vida e esta gente!

A voz = Sur Soares!...

Henrique = Lá vou! lá vou! probe apressadamente / B.
sente-se o vento mais forte e o bater do mar na proa

Scena 10.^a

Manoel virado da esquerda

O Commandante foi para cima: va-
mos a ver se eu apanho do criado... / B.

cando hvementerã porta da Camara) O' Son José, Se Le!

Joze = (abrindo da camara) Ah! e' voce, sô Manuel la
cota! Então o que o traz por cá?

Manoel = Homenem, a gente, como o outro que
diz, anda cá n'este mundo p'ra servir
mos, uns aos outros: não e' apim?

Joze = Apim deve ser.

Manoel = Homenem, eu... eu venho pedir-
the um favor.

Joze = O' sô Manuel!... se eu poder servir-o...
sim, se for coisa que esteja na m.ª
mad.... prunte se em cima o ajito a chamar a mari
nhagem do quarto

Manoel = Olá!...

Joze = Aquillo e' chamar a gente do quar
to, não e' sô Manuel?

Manoel = E' entra o Tuente Beir...

Joze = Tambem aquelle diabo, em chegan
do a sima, sempre tem que butir com
a fragata.

Manoel = Não, que o sudoeste vae rijo, e não
e' para brincadeiras!

Voz de Henrique = sem cima! Carrega Joanetes, e
arria a Giba! Ferra! Carrega Papafig
gor!

Manoel = (dep' de ouvir) Não the dize eu? Car
regam Papafigor: não tarda que deitem
a baixo os mastareos de Joanetes, ou

mettam nos rinzes. / superitando peça portinhola du
ma peça) Olha lá!... Já cá temos a vaga de
noroeste a embalar-nos!

Joze = Mas que me queria você pedir, sô Ma
nel Escota.

Manoel = Ora eu lhe digo. Você sabe que o
Joze da Espicha, est'outro dia, quando
começamos a botinar....

Joze = Bem sei: ante-ontem

Manoel = É verdade, ante-ontem. O rapaz
estava de quarto, e foi pôr-se a' escota da
velha d'Estaj de Brôa, e quando heia a amu
rar, bateu com o garruncho (que é gran
de e de ferro) na cabeça, que lhe fez u
ma brexa dos diabol! Ora o rapaz que
é mal humorado, tem-se-lhe aquillo fei
to maior, de forma que.... enfim sô lê,
aquillo não está nada bom.

Joze = Mas não se cura?

Manoel = Homem, o rapaz não quer ir p.^a
a enfermaria, por que, pelos modos,
aquillo por lá é uma calmaria podre,
a respeito de tratamento, que isto é lá el
le que diz, manja eu, que nunca lá
estive, em boa hora o diga! / NB. Vê-se por
fora das cauchonuras um grande nevoiro, que oculta mais o mar

Heurig = sem cima) Cente aos amantelhos e aos bra
ços de Joannetes!

Manoel = Olhe, não lhe disse eu? lá vão deí
tar a baixo os mastareos de Joannetes.

Joze = polhando cazualmente por uma portitholaj Jh, com os
diaboz! que cerração!

Manoel = ⁵⁰ parece-me que vamos ter mosqui
tor por cordar, só Leé

Joze = Mas afinal de contar, o que é que
você quer, homem?

Manoel = Quero ver se você me arranja por
lá um trapito de linho para a cabeça
do rapaz, homem! Ora faça-me isto,
petar almas, ande!

Joze = Mas elle não pôde pedir isto na bo-
tica?

Manoel = Não, que se o curandeiro o vê lá
n'aquelle estado, ferra com elle na en-
fermaria, e o rapaz é o que não quer.
Se pede lá os trapos.... elles já andam de
confiador que aquillo da cabeça não vai
bem.... Ainda agora o Mar-e-guerra, quan-
do elle foi receber a ração, lhe disse que
descepe para o hospital, mas o rapaz tem
medo!... D' só Leé, vá lá buscar os tra-
pos, ande.

Joze = prindo! Mas você é que o cura?

Manoel = hoiz então! lebo fresquinho, al
catrao amarello, e banho d'agua salga
da, de duas em duas horas! Heide pô

É bom, se Deus quizer! O que me tem atra-
sado é o diabo do algodão cru, que lhe pran-
to naquella appareta todo.

Joze = Está bom, deixe-me ver se acho algum
trapo de linho.... Mas onde diabo hei-de eu
achar isto?...

Manoel = Alguma camisa velha do... / tirando o
barrete / do sr. Commandante: elle hade telas
de linho.

Joze = Ora vá lá, vá lá... mas bico, ein?

Manoel = / tapando a boca / ballado... como um inbor-
nal entupido, só lé

Joze = Ora vamos a ver o que se arranja. / entra
p.^a a Camara /

Scena II.

Manoel e Jacob.

Jacob = / vindo da esquerda / com um grande barrete e um capote / -

Olá, sr. Manoel Escota! Parece-me que
isto refrescou mais, ein?

Manoel = / vindo / Antes isto do que calmaria, soze
Jacob

Jacob = Mas... haverá perigo?

Manoel = Eu sei... isto é lá com os sr. officiaes
de quarto. } Henrique = Amura Papafigo.

Jacob = Vou até cá a cima: parece que abafou
no camarote.

Manoel = É que elle faz calor, faz; parece-me que
sempre teremos a uopa refrescasinha.

Jacob = apustado / leior!

Manoel = Não se chegue muito para a amurada
da, que o mar está de levar a gente pe-
la borda fóra!

Jacob = A pequenita ainda lá está no alojamen-
to?

Manoel = Breio que sim, sim: a não terem
já acabado de jantar, e que fossem todos
para cima...

Jacob = Deixa-me ir ver. / sobe pela escotilha, com difi-
culdade e agarrando-se muito à encada / Mi, 9 mar-
zinho em? / desapparece / critico de Lisboa

Joze = intrando com uns trapos na mão / Ora aqui tem
sô enfermeiro, vá lá curar a tota ao
rapaz.

Manoel = Obrigado, sô Ze! Deus lhe dará o
pago, que eu cá não lhe posso dar mais
do que este bocado de tabaco. / quer dar-lhe um
pedaço de rolo /

Joze = prestando / sage bem, não cater a quem, di-
zia a m.^a avó, que era uma santa ve-
thota; já lá está no reino da verdade;
deus lhe falk n'alma! Eu quero cá o
sen tabaco, sô Manoel Escota! Tenho lá
tabaco do patrad a ufa. / A fragata dá um salto imor-
me, e sente-se o som subterraneo da quilha roçando sobre a areia.
Os dois cahem cada um p.^a seu lado. sente-se um grito unissimo da
marinhagem que está em cima /

Manoel = /wantando-se/ Olha lá!!!... *M. V. F. M.*

Joze = /wantando-se/ Encalhâmos!!!

Manoel = /ponendo a uma portinhola/ Não! rocâmos em
arêa, mas parece-me que vamos safor!

Voiz de Beng. = /em cima/ Lestro a virar! /pente-se novo cho
que, mas menor forte/

Manoel = Olha lá!!! É banco d'arêa que temor
prolongado pela proa. /novo choque/ Outra vez!!!
Mem bom! É a cerração que não deixa
ver nada! /vae expeitar a uma canhoneira: Joze segue-o
int.º apustado e tremulo/ X

Henrig = /em cima/ Mette o leme de bô! A-lá a de
tranca a Parlavento! Satta as escotas das
velas de proa! Satta a escota do traquete!

Manoel = /pejor de silencio/ Viva! Vamos virar por
d'avante, e o navio obedece! Vamos chegan-
do a linha do vento.

Joze = /tremulo/ Estamos safor?!

Manoel = Ainda não.

Henrig = /cada vez mais forte/ Larga amunas sobre boli
nas! Carrega estinguer!

Manoel = /depois de silencio/, observando p.º fora, e com certa impaciencia)
Vá, com os diabol! Larga as bolinas de...

Henrig = Larga as bolinas de ré! A-lá e larga
a pé! Alivia o leme!

Manoel = Bravo!!! /com enthusiasmo/ O panno de
ve. comecar agora a encher!!!

Joze = Estamos livres de perigo?!... /novo choque, mas

mais pequenos, e com um rumor int.º menor)

Manoel = Ainda não.

Joze = por mesmo tempo) credo!†

Heurig = Larga as botinas de proa! Alla e larga a proa!

Manoel = (depois de silencio) Isto vai bem!... isto vai bem! O navio já vira ao vento!

Joze = Nopa senhora das Necepidades mor, Natia, só Manoel Escota! Saca! e surto!...

Heurig = Alivia o leme! Alla os braços de proa! Mão a sotavento, a encostar! Baca as velas de proa! Baca mais o traquete

Manoel = (depois de silencio e tirando-se da canhoneira desce à scena cantando)

Escola Superior de Teatro e Cinema
* Triste vida é a do marujo
Qual d'ellas a mais cançada...

(ponte-se o apito de volta aos cabos) (declamando) Olhe, vê? volta aos cabos. Estamos safor, só Zé. (a cena desaparece já a pouco e pouco)

Joze = Saca, com os diabol! Cuidai que era o ultimo dia da m.ª vida!

Manoel = Agora, deixe-me lá ir ao Zé la picha (vai a subir)

Joze = Não vá por ahi: lá vem o Comman-dante!

Manoel = Saca!... (bate correndo p. esquerda - Joze entra pa

Cena 12.

O Commandante e o Immediato.

e mais Off. da Guarnição. (desempeja a escotilha)

O Command. = (risinho) Pois meu sur., a mim abri-me o apetite; e, esperando que lhes acontecesse o mesmo, convidou-os a jantar comigo. (n'outro tom) Mas aquelle Tenente Reis é miope? pois não via o mar?

Um off. = Ninguém o via, Commandante; estava uma cerração tal que do catavento não se distinguia o Gurupes.

Alguns off. = É verdade, é..

O Command. = Então merece desculpa; (risinho) mas o que realmente não a merece, é aquelle estado de turpior em que ficou, quando viu o perigo. +

Um off. = É verdade, se não fosse o Aspirante de quarto, a manobra seria muito mais morosa, por que na verdade o pobre Tenente Reis ficou, que nem podia abrir boca!

Immediato = É que realmente a coisa não se teve muito bem figurada.

Command. = (p. um off.) O sur. Guarda Barinha, faz favor de me chamar os outros sur. officiaes e os Aspirantes.

O off. = Sim sur. Commandante. (subindo a escotilha)

(fallando p.^a cima) Os Srs. officiaes e os Srs. As-
pirantes, que venham cá abaixo ao Sr.
Commandante. (dize - momento de silencio)
Comm.^{d.} = Eu, como já fui rapaz, sei conhe-
cer toda a qualidade de incitivos pa-
ra a mocidade. Oxalá que este aprovei-
te.

Sena 13.

Os M^{mos}, mais alguns Off.^{es} e os
Aspirantes (precepto) Henrique.

(Formam todos em semicirculo á roda do Commandante)

Comm.^{d.} = Chamem-me o Aspirante de quar-
to.

Um off.^{al} = (já boca da escotilha) O Sr. Soares, venha
falar ao Sr. Commandante.

Henrig = (descendo a escotilha, com o bonet n'uma das mãos e o porta-voz
na outra, deixando-se ficar ao fundo) Sr. Commandan-
te?

Comm.^{d.} = (risinho) Venha cá; chegue-se para a
qui.

Henrig = (passando por entre os officiaes, que lhe abrem caminho, e fi-
cando no centro) Prompto, Sr. Commandante.

Comm.^{d.} = Eu, apénas como sou inexoravel pa-
ra castigar quem erra, sei tambem pre-
miar quem o merece. O Sr. Aspi-
rante acaba de prestar um bom serviço a
bordo, commandando a manobra com
uma energia e coragem superior á sua

idade.

And. Fen.

23

Heurig = (abaixando os olhos) Cumpro o meu dever como mandante; aquella indisposiçao repentina do Sr Tenente Heir....

Commid. = Bem sei que cumpro o seu dever, nem é disso que o felicito sinceramente: felicito-o e tenciono fazer do Sr uma mençao honrosa para o Quartel General, pela coragem com que encarou tanto perigo, e pela muita pericia em commandar a manobra, que, n.º hora sua, salvou um navio de Sua Magestade.

Heurig = E as vidas, creio eu, dos seus tresentos subditos.

Commid. = Não venha o demonio do orgulho apagar, deixe-me apim dizer, o brilho da sua victoria, Sr Aspirante. Salvou a fragata com a sua manobra, mas não salvou a guarniçao. Sabe muito bem.... (creio que deve saber) o que se faz quando um navio encalha?

Heurig = Sim Sr.

Commid. = Diga lá.

Heurig = Quando o navio encalha, arriam-se os Mastareos e Vergas de Joannetes ao Convez; dejoin os Mastareos de Gavias, Vergas de Gavias e as de Papa-figor, até

ficar o navio em abastros reaes; e com
estas vergas e abastros escora-se o na-
vio da borda ao fundo.

Commd. = Justamente. Ora já vê que, em ul-
timo caso, executava-se esta opera-
ção, e por consequencia a fragata, ar-
ruinava-se completamente, talvez, mas
salvava-se as vidas.

Henrig = Perdão, Commandante; quem se-
ria capaz, com o mar que se levan-
tou, com o vento fresco, que nos leva
tão seguido, e com a vaga de noroeste,
que nos levanta a vinte braças de
altura, quem seria capaz de escorar
um navio da borda ao fundo?

Um off. = com voz, como approvando Verdade!...

Outro = com voz Realmente, o mar é muito!

Alguns = sem razão!... tem razão!...

Commd. = justando-lhe a suster o riso Bem! não ca-
zo... dou-me por convencido, e estou dis-
posto a declarar o salvador do navio e
dos homens. Dê-me um abraço, sus-
Aspirante, abraça-o e ha um pequeno rumor de appro-
vação Na' continuar o seu quarto. Está
perdoado do castigo que lhe infringi.

Henrig = Obrigado, Commandante.

Commd. = Vamos jantar, meus sus. entra
a camara - o off. entra com elle

Heurig = ^{chôr. Fev.} 1.^o immediato, q' e' ultimo a entrar, e como fazendo the juracao)

Ah!... Não fui para o cesto de Gavia, co-
mo um macaco, (sob a escotilha)

Os Ayt.^{tes} = (correndo a traz d'elle) Parabens!... parabens!...

Scena 14.^a

Joze, Sepulchanoel.

Joze = (sahindo da camara) Ora como esta gente tem
fome, depois d'um susto d'ester!... Era bem
feito que o jantar nao estivesse ainda promp-
to!... (vae a saber p.^o a esquerda)

Manoel = (vindo d'efe lado, palido e apressado) O' sô Ze'!... o
sô Commandante?... Quero fallar ja' e
ja' ao sô Commandante!...

Joze = O' homem!... elle esta lá com a officiali-
dade toda!...

Manoel = Não importa!... diga the que quero...
que preciso fallar-the ja' em objecto de
servico!...

Joze = Como voce' esta' atarantado, homem!...
Que the aconteceu?...

Manoel = (impaciente) O' sô Ze'!... Ande! avie-se!...
Ná dar-the recado!... O the que vae para os
pichinhos!...

Joze = (prestando) Credo!!! lá vou!...

Manoel = Em particular, oivio?...

Joze = Nalha-me Deus!... que mais teremoz!...
(entra na camara)

Manoel = pó! Estamos arranjados, não tem duvida! Enfim... será o que Deus Nosso Senhor quizer! E ninguém se atembra de tal, homem!... Faz incrível!...

Scena 15.^a

Manoel - o Comand.^{te} - e Joze.

Comand.^{te} = Que se aviem com esse jantar.

Joze = Lá vou sú Commandante. pó! Que temor de novo!... pábe p.^a a esquerda

Comand.^{te} = Que queres tu, Manoel?

Manoel = Perdão, sú Commandante, se o encommodei; mas estamos em perigo!

Comand.^{te} = Que dizes, homem!?

Manoel = Não quiz dar alarme a bordo, p.^a

isso pedi para fallar em particular a V.^{ta}. Depois do acontecido, ninguém se

atembrou de ir ver o estado do navio:

eu, como mais cocado cá n'estas coisas,

fui ao porão e vi...

Comand.^{te} = papustado! Avia-te, homem!

Manoel = Vi lá duas bracas d'agua, Comandante!

Comand.^{te} = Viste!... Seria alguma ^{torre} ~~torre~~ que se arrombaria com o choque: a fragata é nova e tão bem construida...

Manoel = Perdõe V.^{ta} de eu lhe denegar a sua palavra honorada, Comandante!

+ Provei a água e achei a água
Estive a observar um pedaço, e vi entrar
a água aos jorros, assim como a um re-
puecho. A coisa é na sobrequilha ao pé
da carlinga do Mastro do Trequete; p.
tanto é d'esperar que estejam também
abatadas algumas cavernas de piôa.

Comm'd. = Bem: calla-te. Não ou lá ver isto.
Anda comigo. (bate pela esquerda seguido p.^o Manoel
e.)

Manoel = (pnt. / sabindo) E o mar a levantar cada
vez mais! Parece-me que estamos ar-
ranjados!

Scena 10. (H. C.)

(V.B. o jogo da Fragata é cada vez mais activo e pronunciado: o mar,
que se vê pelas cauhonieras, apresenta vagas enormes e que pare-
cem subir muito acima da Fragata. Sente-se o vento cada vez
mais forte zimir pelo mastame e arvores do navio; e o mar
quebrando-se com estridor na piôa.)

O Immediato e m.^o Off. (sabindo da camara)

Immediato = E q' certamente ha alguma novidade.
Um off. = Eu, se estivesse de quarto, mandava
correr o navio em arvore seca

Outro Off. = Isto não digo, por que havia o perigo
de cair outra vez sobre o baiso; mas man-
dava pôr de capa rigorosa, com aga
via nos ultimos ringes, com a Be-
zena, Rebeca e Vella d'Estaj.

Immediato = Isto deve abrandar quando sa

bir a ma.

Um off. = prindo / Se d'agui até lá nos não
levar a brica!

Vozes = um cima / * Agua!... agua no porão!...
Outras vozes = Gente ar bombar!... Gente ar
bombar!

Immediato = Gente ar bombar!... Isto a
gora é mais serio! Meus sur., va
mos para cima. / sente-se em cima um
grito unsono de susto e terror

Um off. = Que mais aconteceria?!...
pouve-se o apito a chamar toda a marinhagem

Immediato = Reune toda a guarnição!...
Vamos!

Scena 17^a

Os MM^{mos} e o Commandante.

Command. = palido, mas sereno / Camaradas! é pre
cisa muita coragem e sangue frio!
O navio faz agua de uma forma es
partoza, e estou certo de que ar bom
bar não lhe darão vazão. Demais
a mais não podem ir os catafates
em balcon tapar o rombo, por que é
quasi na quilha, um pouco a Esti
bordo. Por consequencia, estamos per
didor inevitavelmente, se não hou
ver enégia e coragem!

— — — — —

Os Memmos e Henrique.

Henrig = (descendo a escotilha, atagado, pálido, e com o ca-
bellor em desordem) Commandante, veja
se vem animar a guarnição com a
sua presença! Está tudo com a ca-
beça perdida! O mar levou-nos a
borda quasi toda a Barlavento, qua-
tro homens da marinhagem, o pas-
sageiro, e uma creança!

Command. = Sim senhor!?

Henrig = Sim sim: os quatro homens do
leme, o passageiro e a filha d'elle; a
quella creancinha de 5 annos!....

Command. = (caminhando p.^a escotilha) Mas não po-
deram salvar ninguém?

Henrig = Quiz mandar descer ao mar u-
ma lanchar; mas ninguém se mecheu,
quando faller n'isto. O mar está terrivel,
Commandante: quem foye na lanchar, e-
ra victima infalivelmente.

Command. = Não temor senão um meio de salva-
ção: vamos deitar a artilharia ao mar;
e, se fôr preciso, piquem-se os mastros e...
~~querem que~~ Deus nos acuda! p.^a Henrique! Vá
despir-se, que está encharcado: depois... (a mui-
ta vez venha para ao pe' de mim!) pohe p.^a o comuz
com o officiau)

Scena 19^a

Henrique - só -

(sentando-se desfalecido) Eu nem já posso comi-
go!... Deue me vá despir!... (ponindo com a-
marçura) Para que, se d'aqui a um quarto
d'ora vamos a jirique!... É impossível
salvar a Fragata! A agua que mette
é tanta, que nem tempo dará para
construir a jangada, unico meio de sal-
var a guarnição! E aquelles pobres ma-
rinheiros, que eu vi ir pela borda fóra!
coitador!... E o Jacob, aquelle homem em
quem eu tinha fundadas todas as mi-
nhas esperanças fucturas!... Não tenho
de ser rico, já vejo. (levantando-se de repente, e co-
mo sobresaltado por uma idea repentina) Rico!... E a
riqueza d'aquelle homem!... aquelle homem,
que eu acabo de ver sumir-se nas ondas!
Aquelles ^{seguintes} ~~quarenta~~ e vinte e ^{oito} ~~dois~~ contos
de reis!... Amimó, Henrique! Vamos a
isto!... (deita mão de um machado, e sai apressadamen-
te pela esquerda)

Scena 20^a

Joze - (vindo da esquerda com
um taboleiro, em q' traz loiã, facas, garfos, etc.)
Sois será crível que estes homens tenham
vontade de jantar?!... Isto parece incrível!

Adv. Ferr

Eu ~~era~~ capaz de dar um tiro em quem
me convidasse agora para outra coisa, q
não fosse... rezar! Ai! Nôpa senhora das
Necessidades se lembre de mim... e de to-
da a tripulação! (entra para a Camara)

Scena 2.^a

(Um momento a scena isolada; a orchestra executa um pe-
queno tremulo, muito piannissimo)

Henric - (vindo da esquerda, com um grande maço de
notas, e mais papeir, uma bolsa grande, um peda-
ço de lona umbreada, e o machado) Ninguém
me viu!... (colloca o machado no seu lugar) -
Arrombar os bahus, seria um crime?
mas se o dono morrer!... Ainda lá
ficaram talvez, seis ou sete contos de
reir em oiro... Mas ehez, se tiver de
me deitar ao mar... não os posso le-
var comigo... Esta bolsa de guta-per-
che é impenetravel á agua... (mette den-
tro os papeir) Agora... ainda esta cinta de
lona umbreada! (enrola-na bolsa, e coloca tudo á ro-
da da cintura) Bem!... se me salvar... ~~ser~~
rico, ^{ser} ~~ser~~ feliz!... (vai a subir p.^a a escotilha, mas
suspende-se, como tomado por uma idea aterradora) Mas...
será isto... um roubo!?!... (depois de longa pau-
za e sorrindo) E: roubeim o mar! (tobe yda es-
cotilha)

/Música continua em sordina até ao fim do acto/

Scene 22^a

Manoel = pentrando com grande dificuldade por uma das canhoneiras, um alagado e traz agarrada a menina Sera, que vem demmaiada, e que elle põe no chão cuidadosamente. Quer de pois pôr-se de pé, mas cahê desfalecido/ Não posso!... Já não sou para estar coisar! Deligenciando erguer-se/ Nada! Não vae lá! Chamando mar com voz muito fraca/ O' só Zeé!... só Zeé! Otha lá! Com a bulha do mar, não ouve! Chamando mais alto/ O' Zeé!

Joze = pentrando/ O que é isto, só Manoel he cota? Namor para o fundo, ou não namor?

Manoel = Não sei. Veja você se me leva esta creança e a deita n'uma cama! Hoje parece-me que é o ultimo dia da m. vida, só Zeé!

Joze = Mar o que foi? você cahio ao mar?

Manoel = Nada, deitei-me eu. Veio uma vaga e levou a borda de ré quasi toda; mas o peor é que tambem lambeu quatro camaradas e o pae desta pequena, coitadito!... e a ella tambem! Vae o' depois, quando ouvi aquel

le desgraçadinho gritar lá de baixo: - ^{And. Tom. - Quem me} Sal-
vem a m.^a filha, pelo amor de Deus!!
O sô Zeé!... eu não sei o que senti!
Cheguei-me à borda e... não precisei
fechar os olhos; as lágrimas tiveram
esse cuidado! Deitei-me ao mar, e a
garrei a petiza, coitadinha!... O des-
pois nadei para o navio, e o mar
mesmo me ajudou aguindas até
uma canhoeira... mar amolgou-
me o corpo d'encontro ao costado. A
qui estou... mar, olhe sô Zeé; já não
sou para isto! Sinto-me mais es-
cangalhado do que a pobre fragata,
coitada!

Joze = ajudando-o a levantar-se Venha para a cama-
ra, sô Manoel: com descance e agu-
ardente, gasta-lhe isto n'um promp-
to!

Manoel = levantando-se a custo Veja se pôde tra-
zer a pequena; ande, que eu já não
posso... meus corações.

Joze = pegando na criança e amparando Manoel, dirige-
se p.^a a Camara Ora vamos lá.

Manoel = Levem-a com cuidado, sô Zeé!
olhe que ella é... é m.^a filha.

Joze = Sua filha!?

Manoel = Sim! pois quem tem ella agora?

cá n'este mundo? Diante de Deus e do
mar juro... que serás seu paê! Entram
para a Camara
(torte na orchestra e cate o piano.)

— *Finis do Prologo.* —

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 1.º

com. Fern.

Gabinete pequeno mobilado com riqueza e elegancia. Mesas
cadeiras, fogão, um piano, um cavallete de pintura com
um quadro pintado, album, etc. etc.

Scena 1.ª

D. Guillermina e Adelia.

Sentadas ambas a uma pequena mesa, a primeira dese-
nhando num album; a segunda bordando a petit point

D. Guillermina vestida de preto com riqueza e elegancia; ca-
bello quasi branco, e grandes canudos caidos nas faces.

Adelia vestida com muita simplicidade e elegancia.

Adelia = depois de pequeno silencio Então, Mãe? Ain-
da me não deixa ver a sua obra?

D. Guilh.^a = porindo És impaciente, Adelia. Já te dis-
se que é uma surpresa, e que só em es-
tando prompto....

Adelia = Prompto? Ah! então já sei, ao menos,
o genero a que pertence a sua obra, no sen-
tido grammatical.

D. Guilh.^a = No sentido grammatical? Não sei
o que queres dizer.

Adelia = A mãe disse: - em estando prompto.
prompto é masculino, por consequen-
cia a Mãe está a fazer um retrato.

D. Guilh.^a = prindo Quiseste adivinhar, m.^a filha, mas
enganastes-te. Se disse prompto, foi rela-

tivamente ao substantivo trabalho.

Adelia = Ah! então não é um retrato?...

D. Guilh.^{pa} = Depois veras o que é, m.^a impaciente.

Adelia = (com malícia) O Mamã! e se eu me levantar
tápe apertu muito devagarinho... (percutando o
q. diz) e fofe a correr de repente, e vife... (corre
p.^a ella)

D. Guilh.^{pa} = (dando um pequeno grito e fechando o album) Eu fa-
zia isto!

Adelia = (poeia amuada e vindo sentar-se novamente) Mã!...
A mamã é muito má!

D. Guilh.^{pa} = Mãir má é tu, que me queres rou-
bar o prazer da tua surpresa.

Adelia = Tem razão, Mamã, perdõe-me: acabe a
sua obrazinha, que prometto não a inter-
romper mais.

D. Guilh.^{pa} = E eu, em premio, heide hir hoje com-
tigo a um certo divertimento... por q. tu
morres!

Adelia = (dando um pulo na cadeira) A S. Carlos, Ma-
mã!!

D. Guilh.^{pa} = Desta vez advinhaste.

Adelia = (levantando-se, correndo p.^a ella, e suspendendo-se) O Mamã;
tápe o seu desenho, que lhe quero ir dar
um beijo!

D. Guilh.^{pa} = (pondo uma folha de papel sobre a folha do album) Poder
vir.

Adelia = (corre p.^a Mã e dá-lhe um beijo na face) O que hi

rá hoje, Mama?

Adv. Ferr.

35

D. Gueth.^{pa} = Não alli no Jornal do Comercio

Adelia = findo buscar o jornal que está sobre o fogão e tendo o es-
pectador. Theatro de S. Carlos: sexta feira-
A Favorita - dança Terina - (largando o jornal)
Antes queria o Trovador.

D. Gueth.^{pa} = com malicia Então, se queres, não vamos
hoje; esperemos pelo Trovador.

Adelia = rapidamente Não, não! Vamos hoje e.....
vamos depois outra vez.

D. Gueth.^{pa} = Pois seja assim. Parece-me que não ha
ninguém mais condescendente do que eu.

Adelia = findo pôr em ordem os seus papeis de musica sobre o pian-
no A mamã é uma banteinha! Ha, porém,
uma coisa, que eu desejava que me expi-
casse.

D. Gueth.^{pa} = que tem continuado sempre com o seu trabalho O que é
mãe, filha?

Adelia = Qual será o motivo por que, sendo tão
rica como é, tendo todas as commodidades da
vida, não se lembrou ainda de tomar um ca-
marote d'assignatura no theatro Massimo?

D. Gueth.^{pa} = Nunca o fiz, por que me pareceu sempre
mal empregado o dinheiro que se gasta n'eu
se objecto de luxo: muito mais depois que ad-
quiri estas duas convicções: 1.^a - que não ha
maior prazer no mundo do que aquelle q
se sente em fazer bem; segunda - que a impor

tancia de uma assignatura em S. Carlos,
pode sustentar parcamente uma familia
necessitada. Não tenho razão, Adelia?

Adelia = Bem, m.^a Maria: mas parece-me que
há outro motivo, sem ser esse que disse....

D. Guith.^a = Então qual é? Levanta-se

Adelia = O seu caracter essencialmente melanco-
lico, que não se identifica absolutamente
nada com o prazer da harmonia, e com
a distacção da convivencia.

D. Guith.^a = Chama-se a isto mizantropia, não?

Adelia = Não, não, m.^a Sr.^a; não é isto o que
eu quero dizer....

D. Guith.^a = procurando Mas pensat-o, que ~~eu~~ bem o
sei: e tens razão. Mas que queres? não é
dado, senão a Deus, mudar as tendencias
dos seres humanos.... Escola Superior de Teatros e Cinema
saberes que está prompto o meu traba-
lho; é um pequeno esboço... Vê lá como
te parece.

Adelia = correndo p.^a ella Ora graças a Deus!

D. Guith.^a = procurando-lhe o album Vê lá....

Adelia = prestando e dando um grito Ah...!!! abaixando os olhos, bal-
bucante e muito confusa Como está parecido!...

D. Guith.^a = procurando Parece-se? Ainda bem, com ternura
e certa malicia Mas que tens tu, Adelia? Lan-
zaram-te medo estes bigodes retorcidos, e
estes olhos vargados?

Adelia = muito perturbada Mãe!...

Act. IV. Ter. 36

D. Gueth.^a = Julguei que tinha retratado uma pessoa muito nova conhecida, mas vejo que me enganar: creio que fiz o retrato do... do demónio!

Adelia = olhando p.^a o retrato de Luiz Não, Mãe; é o retrato d'elle... e tão perfeito!...

D. Gueth.^a = mudando de tom Ora vamos, Adelia; isto foi uma experiencia, de que obtive o resultado mais completo, do que eu imaginava. Tu amas este homem?

Adelia = escondendo a cara no seio de D. Guethermina Mãe!...

D. Gueth.^a = beijando-a na testa Vamos, m.^a filha! Quero saber tudo. Dize-te alguma coisa? Ama-te?

Adelia = Não sei, Mãe. Trata-me com uma delicadeza, quasi ~~que~~ demasiada para a m.^a idade; mas nunca me disse nada, q^e se assimetha a um galanteio.

D. Gueth.^a = Mas tu amas-o. -

Adelia = Não, Mãe?

D. Gueth.^a = Ainda t^o não posso dizer. no entanto, como não quero senão a tua felicidade, hei de experimenta-lo; e se tambem te amas... casar com elle, não lhe vejo o mais pequeno obstaculo.

Adelia = sorrindo se envergonhada Eu... casada!... Mas, nunca me hei de separar da mãe; não é assim? Ah! é verdade!... E meu pae, q^e não

sejo senão de amor a amor?... também tem
direitor sobre mim....

D. Guilh.^a = Epe hade querer o que eu quizer.

Adelia = Agora por me lembras de meu pae,
ocorreu-me uma idéa bem triste! Ain-
da que elle também chegue a amar-me....
quererá ser meu marido, logo que saiba
o meu nascimento? Ah! Mãe! Parece-
me que sou bem infeliz neste meu pri-
meiro amor!... aquelle caracter activo, a
quelle aristocracia de dinheiro e de posi-
ção, aquelle sorriso sarcástico de q^e sem-
pre acompanha os seus ditos epigramá-
ticos.... enfim, aquelle todo, não achará
um certo ridiculo no meu nascimento,
por consequencia na m.^a pefiça, por conse-
quencia no meu amor!

D. Guilh. = sonando Não.

Adelia = Não! Mas é que a mãe não tem,
talvez, como eu estudado, observado / com impor-
tancia / e philosophado, (deixe-me apim dizer)
o caracter d'aquelle homem. Eu mesmo,
apuzar de todo o meu estudo, ainda o não
poude classificar. Ora parece comprazer-se em
louvar o mal e ^xdeprimir o bem, ora stig-
matizar este para glorificar aquelle. Em-
fim, Mãe, é um caracter tão excep-
cional, um typo tão novo, que se torna impos-

sivel qualquer juizo sobre elle. ^{chov. sem} Uma vez parece bom, outras parece... um monstro!

D. Guilh.^{pa} = ponindo / Sobre Adelia! Tu imaginado um verdadeiro personagem de romance: enganaste esse homem ~~nao~~ e' um ente vulgar, e' verdade, mas tambem ~~nao~~ merece o idealismo de que o queres rodear. E' um homem pratico do mundo, com uma especie de desprezo pelas intelligencias mediocres, e pelos vicios da sociedade moderna: e' um philo-
sopho; mas toda essa philosphia, toda essa excentricidade, todo esse desprezo pelas coisas do mundo, haõ-de acabar no dia em q' elle te dixer que te ama.

Adelia = com juar / E no dia em que elle souber o meu nascimento, Mama?

D. Guilh.^{pa} = Minha filha, tu hoje ja' ~~nao~~ es crean-
ca e por isto posso-te fallar com a franqueza de uma amiga. acompanhando as palavras de um certo tom de saudade e iniquice / Damos m.^a Adelia, ~~nao~~ e sentimento que se obscureca com esperanças, que preocupam os espiritos fracos, ou com esas aristocracias caracteristicas dos corações menos bem organizados. O amor, quando e' verdadeiro, ~~nao~~ ha obstaculo que ~~nao~~ venca, ~~nao~~ ha conviniencias que recombem, ~~nao~~ ha ridiculo a que ~~nao~~ resista! E saber por que? Por q' e' o unico sentimento humano q' deixa

de ser humano, quando chega a ser verdadei-
ro! Por q̄ é o unico sentimento, que o mundo
ainda respeita, apesar do decantado scepti-
cismo, apesar do positivismo da vida mo-
derna, apesar de tudo! E q̄ importa o mun-
do, e o seu scepticismo, e o seu positivismo,
a um coração que chega uma vez a amar
deveras?! O que lhe importa?... Aquelle en-
te não vive, não pensa, não tem outra
miséria no mundo, outro pensamento na
terra, que não seja o objecto do seu amor!
E se um dia... (quasi em lagrimas) a morte lhe
rouba o cubo do coração, vem a saudade,
mar doce e consoladora, trazer-lhe á me-
moria o objecto da sua passada ternura!
Então a vida passa-se n'um profundo me-
ditar e na esperança viva de um dia nos
encontrar-mos em melhor mundo... (mu-
dando de tom) Mas isto foi um devaneio, m.^a
filha; fallei talvez de mim, quando era de
ti que devia tractar, tem paciencia!...

Adélia = A Maria já amou... muito, não é as-
sim?

D. Guith.^a = Quem não tem amado, quando che-
ga á m.^a idade, filha? Mas, fallamos de ti:
quero um preparentimento que me assegure
a tua felicidade futura. Estar contente?

Adélia? = Ainda não, para q̄ heide eu mentir? ain-

da não, por que... aquelle ^{Adriano Fente} caracter tão in- 37
classificavel... aquella attivez...

D. Guilh = Aquella attivez hade dobrar o joelho di-
ante do teu amor e dor teu 25 annos....

Adelia = Olhe, Maria, tomara eu que elle
saiba quem eu sou!... Ao menos obte-
nha um desengano....

D. Guilh = pruntando / Calla-te! vem gente.

Scena 2.^a

As Mesmas e Maria.

Maria = Minha sur.^a, está alli o sur.^o Soguei-
ra e o sur.^o Collares.

D. Guilh = Mandé entrar. (Maria sahe)

Adelia = prindo / No meio de tanta poezia, lá vem o
positivismo destruir tudo! um mestre
de musica e um procurador!

D. Guilh.^a = Se vivermos sempre com a poezia,
m.^a filha, entouqueciamos no fim de um
anno.

Scena 3.^a

As Mesmas - Sogueira e Collares -

(O primeiro vestido com elegancia o segundo com certa affectação
redicula)

Os Doiz = pruntando / Minha sur.^a....

D. Guilh.^a = com amabilidade / A musica e o commercio.... e
entraram juntos; é raro!

Collares = Lá identidade, m.^a sur.^a uma cauza pra

zer pelo ouvido, e o outro pela algibeira.

Adelia = prindo / Nem spiritoso o Sr. Collares! ... / com
materia / Que dia é hoje, Sr. Nogueira?

Nogueira = Sexta feira, m.^a Sr.^a

Adelia = Dia do Sr. dos Papos: é muito muito
grosso aquelle Sr.!

Collares = prindo contrafuto / Muito obrigado, Sr.^a D. A.
delia!

Adelia = prindo / Não tem de que. / pr.^a Nogueira / Esqueceu-
se da m.^a musica?

Nogueira = Não, m.^a Sr.^a / desenrolando um papel que
traz na mão / Cit-a...

Adelia = prindo pr.^a o piano / Namor ~~se~~ ver. / sentar-se ao pian
no

D. Gueth.^a = O que é isto?

Adelia = É ^{uma phantasia} ~~o duetto das Vesperas~~. O Sr. Noguei-
ra apostou que eu era capaz de tocar á
primeira vista; mas, tenho tam pouca
confiança em mim, que estou certa de
ganhar a aposta.

Nogueira = prindo / Veremos.

D. Gueth.^a = E o que apostaram?

Adelia = Eu uns versos compostos por mim, pa-
ra o album do Sr. Nogueira, e elle uma
poltka de composicao sua. Veremos quem
perde.

Nogueira = Hade ser Sr.^a; apostava até a vida!
paranja-lhe a musica na estante

Adelia = A vida?!... Não valia apenas. E se per-
de-se? o q' havia de ser das suas discipulas,
Sr^{ta} Nogueira?

Nogueira = (ponindo) Procuravam outro mestre.

Collares = Sim; ha tanto.

Adelia = (pindo) Do espirito passou a amabilidade!...
Que boa disposicao em que vem hoje
o Sr^{to} Collares!

Nogueira = (mordendo os beiros) Quando V^{ra}. quizer....

Adelia = Varnos.... Si, a m.^a aposta! Deus quer
ra que eu toque bem mal! (percuta o duetto; No
gueira volta-lhe a musica)

Collares = (sentando-se proximo de D. Guilhermina) Estou á su-
a ordem, m.^a Sr^{ta}.

D. Guilh.^a = (ponindo) Ah! espera que eu o enterrogue?
Contas o que ha de novo? Soube alguma
coisa?

Collares = Nada, absolutamente, nada.

D. Guilh.^a = (contrafito) Mal empregada interrogacao!
Tubo notado, Sr^{to} Collares, que sendo t^{to}
tao activo nos meus negocios, parece mos-
trar pouca vontade, e, dissei até, uma cer-
ta repugnancia n'estas indagações.

Collares = (perturbado) Minha Sr^{ta}.

D. Guilh.^a = Se tivesse a bondade de me explicar o
motivo?

Collares = Mas... permitta-me V^{ra}. q' eu me
que, em primeiro lugar, esta repugnancia:

depois, permitta-me tambem que she obser-
ve, que a indagação de facto passado ha
vinte e tantos annos, não é dar coisas m.
fazer, m.^a sus.^a

D. Guith.^a = Com intelligencia e vontade tudo se
faz, sus^o Collares. Oica. O sus^o não é só
meu procurador é tambem... meu ami-
go.

Collares = peruvando-se / Oh! m.^a sus.^a....

D. Guith.^a = Tenho-the dado provar d'isso, e tenho-
ar tambem obtido do sus^o. Por consequen-
cia, devo fallar-the com franqueza. Hoje,
sus^o Collares, não é só levada por uma
especie de dever, que me empenho tanto
nas indagações de que o encarreguei: ho-
je até chega a ser uma necessidade do
coração. Sabe muito bem a m.^a vida, sus^o
Collares.. Sabe que desde a mais tenra ida-
de tenho sido infeliz, e que (parece incre-
vel!) sem crimes positivamente ditos,
tenho vivido uma vida de remorços!

Collares = De remorços!?

D. Guith.^a = Sim, de remorços: bem sabe todo o
meu passado. Não acha, pois, natura-
lissimo que ~~me~~ procure mitigar na
velhice? Não the parece de justiça que,
depois de tantos annos de expiação, eu de-
sigerencie obter uma vida mais feliz?

Collares = Mas V.ª considera felicidade o em-
contrar novamente esse homem? 40

D. Guilh.ª = Considero, sim; não o nego. Tenho tido tanto modor de pensar na m.ª vida, que só depois de muito amor, é que apuntes definitivamente ~~min'um~~.

Collares = ponindo Isso é que é franquezas!

D. Guilh.ª = Repito, fallo-lhe como a um verdadeiro amigo. Amei aquelle homem; para ser sua mulher desobedei a meu pae e esta desobediencia causou-lhe a morte! o resultado foi em mim um desprezo profundo por tudo quanto me cercava, e um horror completo por tudo quanto foi motor d'aquella desgraça. Mas hoje, que já lá vão tanto amor, hoje penso de outra forma. A culpada, a unica culpada na morte de meu pae, fui eu! Lá rece-lhe, pois, de justiça, Sr. Collares, que deixe viver esse homem longe da sua patria em terras inhospitas, talvez, e quem sabe se na miseria?! Não acha de justiça que eu dê um premio a quella resignação de tanto amor, a quella exilio voluntario de que só eu fui cauza? Por que, (sejamou francos!) elle podia ou não fazer valer os seus direitos? É legalmente meu marido: podia.

Collares = Mas, m.^a sur.^a; M.^a tem uma fortuna independente; a sua caza e' vinculada.....

D. Guilh.^a = ponindo Quando the disse que hia fallar the como uma verdadeira amiga, devia logo entender que nao era meu procurador. Fallo the agora do coracao, nao the fallo de duheiro.

Collares = Verdade, m.^a sur.^a; fallou-me tambem nos direitos do sur seu marido, por is-
so....

D. Guilh.^a = Depois, sur^o Collares, ha um motivo tao forte para eu diligenciar saber d'elle....

Collares = Alem da compaixao que the inspira esta resignacao de que fallou?

D. Guilh.^a = Alem disso, sim.

Collares = Se M.^a se dignasse dizer-m'o....

D. Guilh.^a = Pois nao advinhou?

Collares = Nao, m.^a sur.^a

D. Guilh.^a = Pois nao the disse ja' uma vez, que este homem tem em seu poder uma filha?!... com enthusiasmo Minha filha, sur^o Collares! Quando eu tenho ja' tanto amor a quella, mostrando Adelia que me nao e' nada, o que seria se eu possuísse minha filha! Oh! parece-me que morria com tanta felicidade!

Collares = contrafita De certo... Enfim, m.^a sur.^a, eu

protesto-lhe pela ¹⁰⁰vezesima vez, que heide
fazer todas as diligencias para a satisfazer.

Adelia = que tem acabado o ditto Entao' Sr. Nogueira?

Nogueira = ponindo Deve-me um versor para o
meu album, m.^a Sr.^a

Adelia = Entao' toques bem?

Nogueira = Deliciosamente, m.^a Sr.^a collaram comte
na fallando baixo com D. Guilhermina

Adelia = Não haverá exagero n'essa classifica-
cao?

Nogueira = Não, m.^a Sr.^a, a prova e' que, como
seu humilde creado, espero continuar a
servi-la; mas, como mestre, peço a m.^a
dissipad.

Adelia = Que diz, Sr. Nogueira! Não ouve in-
to, Sr. Nogueira?

D. Guilh.^a = O que e'?

Adelia = O Sr. Nogueira que se despede!...

Nogueira = ponindo De certo, m.^a Sr.^a Os meus
servicos ja' lhe são inutilis; e não costumo
receber nada individualmente.

Adelia = zangada Tal e' qual como o meu mestre de
desenho!

Nogueira = E' que realmente Sr.^a e' um pro-
digio de talento!

Adelia = prindo Os meus mestres, segundo vejo, fi-
zeram uma conspiracao para eu me tor-
nar vaidozza! continuando a fallar baixo com elle

Collares = levantando-se / Por m.^a Sur.^a, en retiro-me
e...

D. Guilh. = prindo / Não; não o deixo sahir, sem me
dar a sua palavra d'honra, que me vae
tratar o mais activamente possível do
meu negocio. levantando-se

Collares = como tomado por uma resolução repentina / Sur.^a

D. Guilhermina, as suas instancias collo-
cam-me na restricta obrigação de lhe
não occultar por mais tempo o que sei
a tal respeito. Quiz deixat-a viver espe-
rançosa; mas, como mais dia menor-
sia, devo dar-lhe uma decisão, vou di-
zer-lhe o que sei.

D. Guilh.^a = apustada / Ehe tom!!! Está a apustar-
me! Pelo amor de Deus, explique-se!

Collares = Perca as esperanças de tomar a ver
seu marido m.^a Sur.^a

D. Guilh.^a = trunendo / Por que?!...

Collares = O que ponde saber a seu respeito, mas
desgracadamente com toda a certeza, foi q
embarcou a bordo da fragata St. Proza com
destino para a India. Saphado o cabo da
Boa Esperança, nas alturas de Boncam-
bique, a fragata perdeu-se com toda a
tripulação, a 18 de Março de 1835. +

D. Guilh. = aterrada / E não se salvou ninguém?

Collares = Não consta, m.^a Sur.^a

D. Guilh.^{pa} = suffocada / Morto!!! e ella ^{cheg. Sept.} tambem!!! E
quazi por m.^a culpa!!!

Collares = Designe-se, m.^a sur.^a; não pense mais
n'isso. Já lá vão 20 annos....

D. Guilh.^{la} = suffocada em lagrimas / Muito obrigada, sur. lol-
larer!!! sobe rapidamente

Collares = opt. / Bom! se não tenho a certeza, pe-
to menos tenho a prohibidade. Já é al-
guma coisa.

Maria = entrando / Minha sur.^a, está alli o abrica-
reiro, que vem dar parte da chegada do
Serra do Petas: o brigade entrou hoje às
8 horas da manhã

Adelia = muito alegre, olhando p.^a o relógio / É meio dia!!!
Finalmente vou ver-o!!! p.^a Maria / Pague ao
abricareiro, Maria, e diga logo à Mãe.
Maria vale / Desculpem meus sur.^s; vou dar
esta boa noticia a quem, como eu, está no
caso de a apreciar! sobe

1.ª Cena 4.^{ta}

Collares e Nogueira.

Nogueira = Quem esperavao estar no Serra do
Petas? Algum parente?

Collares = Creio que sim; o pae da menina A-
delia.

Nogueira = O pae?! Pois não se diz por ahi que
a sur.^a D. Guilhermina é viuva?

Collares = É de facto.

Nogueira = Não percebo....

Collares = Aquella rapariga não é filha del-
la. Educou-a e trata-a como filha, mas
é tudo devido ao seu bom coração.

Nogueira = Ah! é o pai....

Collares = É um marujo rude e abru-
tado como todos; mas que teve a for-
tuna de conhecer a sur.^a D. Guilhermina.
Pelos modos o marujo traz de foro umas
terrinhas ahí para a outra banda; e
n'uma das occasiões de vir pagar o
importe, trouxe a pequena consigo: a
D. Guilhermina viu-a, gostou d'ella e
tomou-a para casa.

Nogueira = Parece impossível tanta inteli-
gencia.... dissei até, tanto genio, na pro-
genie de um marujo!

Collares = A natureza é caprichosa, meu ami-
go. Tenho visto d'esper phenomenos cen-
tos de vezes.

Nogueira = Fallando n'outro assunto, Sur Col-
lars: será atrevido perguntar-lhe quan-
do se casa?

Collares = Eu?!

Nogueira = ponindo / Essa admiração prova-me q' foi
falsa a noticia, que me deram do seu proci-
pio casamento com a sua ^{compatriota} ~~cliente~~.

Collares = opt. / A coisa espatou-se... bem! atto /
Mas, com qual d'ellas?

Nogueira = Com a sus.^a D. Guilhermina; as
severaram-me que casava com tta.

Collares = com fingida reserva / Vozes do mundo, meu
amigo, vozes do mundo.

Nogueira = Ah! vejo que por ora, foi indis-
cripção minha fallar nisto....

Collares = prindo / A indiscripção não foi comet-
tida por tta.; foi o mundo que a teve:
e, como todos nós somos um atomo
d'esse mundo, está no seu direito de me
interrogar e eu de me callar. Mas, só
o q' lhe digo, é que se a esta casa vem al-
gum pretendente, parece-me que não sou
eu: será antes esse sr. Henrique Soares,
com o seu meio milhão e os seus mo-
dos afidalgados.

Henrig = dentro / Está bom: esperarei sua Ex.^a aqui.

Collares = Fallae no mais....

Nogueira = Eu retiro-me; tenho motivos fortes
para me não encontrar com elle. Até
mais ver, sr. Collares.

Collares = Adeus, meu charo Nogueira sabe / com
oigo / Ora vamos ver se consigo saber defi-
nitivamente as intenções d'este homem.
Se forem as que suspeito.... é na verdade
um grande contratempo.

Scena 5ª

Collares e Henrique Soares vestido

com primor e elegancia: cabelo frizado mas, tanto este como

o bigode, já um pouco esbranquiado. [sic] na mão um papel

Henrig = apertando-lhe a mão Ah! por cá, Sr. Colla-
res!... Esta no seu posto?

Collares = stupéfato Como no meu posto?

Henrig = Sois não! Um general o seu posto é
à frente dos exercitos: um official de ma-
rinha a bordo de um navio: um padre
dentro d'uma sege atraz de um caixão;
um procurador o seu posto é em casa
dos seus clientes.

Collares = Bem: então estarei no meu pos-
to.

Henrig = Diferam-me que a Sr.^a D. Guither-
mina sentia ~~se~~ um pouco incommo-
dada!...

Collares = Não é nada, creio eu: uma ligei-
ra indisposicao nervosa. Ah, vem ul-
timar definitivamente o seu negocio?

Henrig = O meu negocio.... Ah! já sabe: vejo
que, alem de procurador, é tambem con-
fidente.

Collares = São honras que não mereço, mas
que a Sr.^a D. Guithermina se digna
conceder-me.

Henrig = sentando-o E de que o Sr. é realmente me

recedor. Pois é verdade, venho disposto a con-
chuir definitivamente a transação. Tra-
go as inscrições... sabe para que?

Collares = São tantos os negócios desta sur,^a
que chego às vezes a confundit-os....

Henric = sonindo / Admirra, um procurador!..

Collares = A confundit-os: a primeira vista,
entendose. Mas, depois, reflectindo um
bocado... Por exemplo, a respeito do seu
negocio. N.ª comprou ha pouco tem-
po uma quinta, que está situada nas
costas de uma herdade d'inta sur... Ser-
tende que ella lhe subroque essa herda-
de por inscrições da Junta do credito
Publico, e N.ª oferece dois contos de reis
de luar. Não é isto?

Henric = fingendo admiracao / Que prodigio de memoria!
É isto mesmo!

Collares = part. / Elle está a arranjar comigo... E
pera ahí que eu te arranjo! part. / A sua
admiracao faz-me admirar a mim! Pois
é para estranhar que eu saiba tudo, absolu-
tamente tudo, que se passa n'esta casa?

Henric = É verdade, ou se é procurador, ou não.

Collares = deliquenciando series / Ora, sur Soares, o sur ha
de ter poucos Amigos.

Henric = prindo / Certo até que não tenho nenhum.
Mas por que diz isto?

Collares = Por esta sua zombaria constante para tudo e para todos. Deixava saber o que ha de serio no mundo para o sur.?

Henriq = O que ha de serio?... não percebo bem: se quizesse emmendar a redacção...

Collares = Pergunto o que será capaz de lhe inspirar attenção e seriedade?

Henriq = Ah! percebo agora. Só uma coisa.

Collares = O que é'?

Henriq = muito serio Os ciuumes d'um velho.

Collares = estremecendo Os ciuumes de um velho! ora esta!

Henriq = Sim: pois ha nada mais respeitavel, e mais digno de seriar attencoes.

Collares = papiciando Creio que t'ha não quer fazer eluzoes....

Henriq = Ora esta! A ninguém absolutamente. Fallo na generalidade. Um homem respeitavel pela sua idade e intelligencia em negocios de tribunaes, frequenta a casa de uma viuva rica. Namora-se d'ella e dos seus contos de reis. ^{O Mas o Diabo} ~~foram o demónio~~, que sempre gosta de fazer das suas, de que se ha de lembrar? De introduzir em casa da viuva um homem, que vae lá com outros fins, mas que involuntariamente inspira um ciuume parvo no respeitavel anciao apaixonado. Este começa então a expender pu

Abdicamente a sua opinião a respeito do supposto rival. Diz que duvida da sua fortuna... ba-
lôsa; e diz isto aonde? na Praça, sur^o Collares;
na Praça do Comercio! O que lhe parece, cin?

Collares = patrayalhado / E exquerito é.

Heurig = Esquerito primo, pou não acha? Dejoir
volta-se para a sur.^a de quem vive enamora-
do, e diz-lhe coizar atrozer do outro. (Quan-
do digo atrozer, othe que sublinho o abjetivo)
Diz-lhe que uma vida de decepções, de orgias,
~~de deboret~~ e talvez, de pequenos crimes, fi-
sera encanecer a cabeça de seu rival, q^e con-
ta apenas 38 annos. Ora esta sur.^a que tem
mais juizo do que o apaixonado ancião, con-
ta isto na Philharmonica, a uma pessoa q^e o
veio dizer ao intrigado. Este, que tem por
custume rir-se de tudo, encontra o ancião, dá
uma gargalhada, e diz-lhe: O sur é... é um
parvo!

Collares = pondo-se nas pontas dos pés / Sur Soares?!
Heurig = com socoço / O que é, sur^o Collares?

Collares = proferiando agitado / Admira-me que n'uma sal-

ta, em caza de uma sur.^a respeitavel, hajam
destas provocações, e tão... tão ordinarias pa-
ra homens de bem!

Heurig = levantando-se e sorrindo / A que chama o sur ho-
mens de bem, sur^o Collares?

Collares = A' quetter com quem tenho a honra de

lidar geralmente, e que não proferem as ex-
preções que tth. se dignou dirigir-me!

Henric - prindo / Não me agradou muito a explica-
ção, Sr. Collares; ou, por outra, não a com-
preendi perfeitamente. Se tivesse a bonda-
de de me fazer melhor explicação.

Collares - desabrido / Explicação de que? do homem de
bem?

Henric - Justamente. entra-se

Collares - com certa ironia / Defina-o o Sr., que pa-
rece ser mais philosopho do que eu.

Henric - Eu lhe digo, Sr. Collares, e peço-lhe que
se não zangue, por que realmente não va-
le a pena. Li ha pouco tempo (não me
lembro aonde) uma especie de figura al-
legorica d'esto nosso seculo, era assim: - Num
lado o vicio e o egoismo, do outro a baixe-
za e a immoralidade, e no centro a igno-
rancia, a ambição e a soberba de mãos
dadas e coroadas de flores. -

Collares - impaciencia / Muito quadro!

Henric - Bem feita allegoria, e que o Sr. deve
dizer. Ora, um seculo caracterizado por es-
ta forma, ~~entende-se~~ ^{parece-lhe que possa,} ~~que e justivel pro-~~
duzir tantos homens de bem, quantos os q
se apregoam como tal? É um engano. Ho-
je o mundo está cheio de uma abluviad
de tratantes, que se sandam e abraçam

Chov. Ferr.
pela frente, para com mais facilidade se
morderem e atravessarem pelas costas, sem-
pre com a amabilidade e delicadeza de ho-
mem de bem. No mundo d'estes homens
chama-se esperteza e habelidade ao roubo e
à má fé; negocio, à usura; religião, à hip-
pocrizia; justiça, à chicana; sciencia, à im-
postura; diplomacia, à intriga; grandeza
d'alma, à ostentação; amizade, ao servili-
mo; paz d'espírito à perquiria; firmeza de
caracter à deshumanidade... em fim, crime
à virtude, e virtude ao crime! Ora aqui tem
como se pensa no mundo dos homens de
bem..... como th.imenta-se

collar = sui soares!!!

Heurig = um pouco serio Tedi-the que se não zangasse,
e, como o vejo pouco disposto a satisfazer-me,
vou fallar-the com mais franqueza. O Sui,
por motivo que já the explico, deliquenciou de
sacretar-me no conceito d'esta sur. ^a Pela an-
tipathia com que se digna honrar-me, diz
mal de mim, ~~como faria qualquer mu-~~
lherinha, por toda a parte onde entra e
onde me conhecem. O Sui vê que a Sur. ^a d.
Guitherrina honra-me com a sua estima
e confiança, assim como ao Sui. ^{so} ~~so~~ ^{como}
~~na~~ da m. parte ha unicamente a sympa-
thia, e da de th. ha um calculo indigno

e repugnante....

Collares = Sr. Soares.

Heurig = Deixe-me dizer o resto, já agora oica a conclusão a que pretendo chegar. É procura dor da Sr.^a D. Guilhermina. Tem-lhe complicado de tal forma os seus negócios, tem-se-lhe apopado por tal maneira do seu espirito cansado pelo sofrimento (ignoro qual seja, mas vejo-o;) que, quando essa Sr.^a conhecer as vistas de H^a, será já int^o tarde. H^a então pede-lhe formalmente a mão de esposa, e eis a pobre Sr.^a na coalisã de, ou casar com o Sr., ou ver-se envolvida n'uma serie de demandas e negócios, que não comprehende, e que a ^{hão de a casar} ~~casarão~~ por empobrecer-a.

Collares = Ora Sr. Soares, que faça de mim e de se conserto, vá; mas que faça da Sr.^a D. Guilhermina uma idiota....

Heurig = Verdade, não faço: faço-a uma infeliz crente nas palavras do homem de bem. São crente, que lhe tem dado procurações sem limites, auctorisacões assignadas em branco....

Collares = ^{poterico} Mas, finalmente, o que tem o Sr. com isto?!...

Heurig = Ah! chegámos à conclusão. Nada, absolutamente nada, ^(com seriedade) mas quero, exi

jo e ordeno-lhe que, diante de mim, pelo me-
nos, não torne a enrovalhar o nome de
homem de bem! Percebeu, sus Collares?

Sena 6.^a

Os m.^{os} e Adelia

Adelia = O' sus Collares, a Mama.... pendo Henrique
e estremeendo Ah!.... cumprimentando Sus Henrique
Soares.....

Henrig = Minha senhora....

Adelia = pp.^a Collares A Mama manda-lhe pedir o
favor de chegar à talla grande.

Collares = Eu vou.

Henrig = O' sus Collares, tem a bondade de lhe
dizer que estou eu aqui.

Collares = tocando uma campainha e apt.^o Que te leve o di-
abo!... pp.^a Maria que entrou diga a S. Ex.^a que o sus
Henrique Soares pretende fallar-lhe. pp.^a Adelia
com licença, m.^a sus.^a sahe: Maria segue-o

Henrig = prindo Ah!... ah! Este homem é jarvo!

Sena 7.^a

Adelia e Henrique

Adelia = pruito admirada Mas o q' foi isto, sus Soa-
res?

Henrig = prindo O que V. Ex.^a viu, m.^a sus.^a Uma
sensaboria do sus Collares.

Adelia = Tenho notado, que t.^{as} parecem antij-

pathisar fortemente!...

Henric = promendo / E que lhe heide eu fazer, m.^a se-
nhora? São infelicidades miúdas... a q^d
não ligo a mais pequena importancia.

Adelia = E eu julgava que sempre merecia al-
guma ~~o~~ qualques sentimento que inspiras-
se-me, fope a quem fope.

Henric = tambem já assim pensei, m.^a Sur.^a mas,
depois que vi a maior parte dos homens
inverterem constantemente as m.^a accoes
e os meus pensamentos, formando quasi
sempre juizos ⁺ errados e pouco favoraveis
à m.^a pessoa, entendi que devia viver nê-
te doce prazer de não ligar importancia
a taes juizos e ris-me de tudo e de todos.

Adelia = promendo contrafita / De todos!?!...

Henric = Exceptuando aquelles, que pelas suas
indoles e corações estão a cima do vulgar
do mundo.

Adelia = De forma que o Sr. Soares não tem
amigos?

Henric = Se os tenho, m.^a Sur.^a, escondem-se por
tal forma de mim, que os não conheço.

Adelia = E' por que th.^a, naturalmente, tambem
não é amigo de ninguem.

Henric = Há só duas pessoas no mundo a-
quem hoje estimo com o maior interesse e
respeito com admiracao: Th.^a e sua Mãe.

Adelia = (abergementé) Se eu podesse acreditar-o!... se podesse
ver n'ellas suas palavras, em vez de um cum-
primento lizongeiro, uma verdade do coração...

Henric = (int. serio) Dou-lhe a m.^a palavra d'hora que
ha muito tempo não digo o que sinto com tan-
ta verdade como agora. E, para melhor th'o pro-
var, vou patentear-lhe a m.^a alma, como o fa-
ria a meu pae, se ainda vivesse. Porém, pa-
ra haver franqueza da m.^a parte é preciso
que Voz.^a, se não negue a dizer-me o juizo
que forma de mim?

Adelia = (sustando-se) Com todo o gosto. O Sr. Soares
não cre em nada. Por esta mania que
hoje predomina nos homens d'inteligen-
cia, ou talvez tambem resultado de gran-
des desgraças, o Sr. Soares fez-se aquillo
a que o mundo chama sceptico. Não é
verdade?

Henric = Não, m.^a Sr.^a (sorrindo). Os scepticos mo-
dernos (em geral, os homens mais crentes
do mundo) são tantos, que aborrecendo ~~em~~
tudo quanto é vulgar, não posso entrar no
seu gremio. Sceptico não sou m.^a Sr.^a, te-
nho crencas, e tão fortes, tão inabalaveis,
que se não fossem ellas, vivendo como vi-
vo, só, sem parentes e sem amigos, já te-
ria morrido de hijpochondria, como qual-
quer inglez com o seu nacional systeem.

Adélia = sonhando Mas, então, a que heide eu attribuir esse desprezo profundo pela humanidade?

Henric = A um unico facto, que me deu a conhecer o que são a maior parte dos homens do novo seculo.

Adélia = Estou morta por saber esse facto.

Henric = sentando-se proximo da meimba, onde está o Album de d. Guilhermina Eu thó digo m.^a Sur.^a fui pobre por que de gente pobre nasci. Foi custa de grandes sacrificios de meu pae, diligencias apeguras um futuro a minha subsistencia, porem, despido de recursos, falta de relações, e, consequentemente, de empunhos, completei o curso de uma academia scientifica, mas desde que comeci a exercer a m.^a proficão, fui sempre preterido nas coisas mais insignificantes da vida militar. Continuei, pois, a viver pobre, e por consequencia desprezado. Se, para manter meu pae n'uma longa enfermidade de que morreu, eu me chegava a um, q se dizia ~~meu~~ ^{seu} amigo, e lhe pedia um favor, ouvia logo uma recusa, baseada em frivolidades, que me revoltavam. Se pedia ao a giota um adiantamento dos meus mezes quinhos salarios, alem de litteralmente me roubar, parecia dar-me uma esmola, acompanhada do thchirico - ora va' lá, que

isto não se faz a todos! se, depois de exami-
nar os meus ultimos ~~recursos~~ ^{recursos}, meu pae conti-
nuava doente, e eu, invocando a charidade
d'aquelles que se diziam seus amigos, lhes
mostrava as noças tristes circumstancias, a
consethavam-me a embarcar, por que me-
lhor soldo percibia, e que deixasse meu
pae para alli ao desamparo! Houve até' um
m.^a Senhora, que se lembrou de aconselhar
a entrada de meu pae... levantando se arrebatada-
mente para o hospital!

Adelia = com tristeza Bem me dizia o coração, q
o Sr. Soares tinha sido infeliz toda a sua
vida!

Henric = com tristeza Muito infeliz, m.^a Sr.^a; e ver-
dadeiramente ainda o sou!... fica gemativo

Adelia = com p.^o Cada vez me entereço mais por el-
le!... Dedicadamente o seu riso constante
é uma mascara com que encobre os de-
gestos do coração!

Henric = Nisi apim muito tempo, até que ven-
do algumas melhoras em meu pae, resol-
vi-me a embarcar. Por um acaso singular,
depois de algum tempo, fiquei possuidor de
uma fortuna. Tomei para Portugal e achei-
me... commovido achar-me só no mundo! Meu
pae tinha peorado na m.^a auzencia, e mor-
rido... no hospital!...

Adélia = /com terror/ Ah...

Henriq = E isto m.^a sur.^a, com parentes q. o podia so-
correr, mas para quem a miseria quebrou
os laços do sangue! Em poucos mezes sou-
be-se que eu era rico, riquíssimo! Então
mudaram-se as scenas completamente.
A m.^a casa enchia-se de parentes e de
amigos!... O servilismo, a baixeza e a
hypocrisia presidiam aos meus jantares,
como dantes presidia a miseria! Desespe-
rado por tantas infamias, fechei as m.^{as}
portas a todos! Mesmo assim, ainda
aquellas linguas damnadas e aquelles
caracteres repugnantes vem ás vezes
ferir-me no meio do meu socego do
mestico. Se, por um resto de sensibe-
lidade que me deixaram, procuro ás ve-
zes mitigar a miseria que já conheci
tão de perto, lá vem o mundo com a sua
lingua viperina, classificas de ostentação
aquillo para que me impete a charida
P de ~~se~~ me enondo, o mundo descobre-me:
se me descubro o mundo calumnia-me!
Numa casa, por exemplo, onde a virtu-
de e o trabalho são inseparaveis: morre
o chefe d'esta casa, e ficam duas orfaãs
com sua pobre mãe, reduzidas á mise-
ria. Vou lá; procuro mitigar aquella des-

Chad. Fern.

gracia, como eu desejaria q me tivessem mitiga-
do a m.^a. mas lá vem o mundo roubar-me
este prazer com os seus juizes infames, que
importão uma deshonra para a m.^a pro-
tegida! Salvo-the a vida; o mundo diz q
the roubo a honra!... Em fim, m.^a senho-
ra; alguém, que me ouvisse, havia certamen-
te estranhar semelhante confidenciais fer-
tar a uma menina da sua idade; mas,
como tenho conhecido a sua elevada inte-
ligencia, e sobre tudo o desejo ardente de q
me faça justiça, e me não considere tão
mãu como pareceo, me obrigaram a ser
talvez franco em demasia. Sou bom, m.^a
sur.^a; o mundo é que me faz mãu com
os seus exenjos, com a sua perversida-
de. Acredita-me, não é assim?

Adelia = com certa commoção Acredito e muito mãu
agora, que pela primeira vez the descubro
um vislumbre de sensibilidade. Não faz
idea do prazer que isto me cauza!

Henric = segue-se que se interessa por mim?

Adelia = machinalmente Muito... porindo Mas não
vá agora a julgar que é pela sua posição,
pela sua riqueza... Não me confunda com
esper de quem fallou ha pouco....

Henric = Oh, m.^a sur.^a! Era confundir o bem com
a terra, os anjos com os demonios! Não m.^a

senhora; já lhe disse que são as únicas per-
soas que respeito e estimo: Mãe e sua
mãe.

Adelia = procurando / E quem lhe assegurou que fosse-
mos dignas dessa excepção, Sr. Soares?

Henrique = Disse-me o coração, m.ª Sr.ª Mãe.
é quem, mesmo sem o saber, me tem
segurado à beira desse precipício onde
mora o scepticismo!

Adelia = primito perturbada / Eu?!.

Henrique = Sim, m.ª Sr.ª. As m.ªs crenças, as mi-
nhas únicas ~~crenças~~ ^{mas} inabaláveis crenças,
tenho-as em Mãe.

Adelia = Mas que crenças?

Henrique = Duas, tão suaves de tanta ventura,
que se as perde-se... morria!

Adelia = Apurta-me, Sr. Soares!

Henrique = levantando-se / Minha Sr.ª, não sou ho-
mem versado em galanteios de salta, sou
franco e directo. As duas crenças de que
lhe falto são estas: creio que Mãe é um
anjo de bondade, de pureza e de amor... creio
que veio ao mundo para mi.ª felicidade;
por consequência atrevo-me a pedir-lhe
a sua mão!

Adelia = levantando-se mt.ª perturbada / tremula de alegria

Então... o Sr. Henrique Soares... ama-me?!

Henrique = Quanto se pode amar com um primei-

ro amor! seria tyrannia o fazer-me perder
as duas creanças que ainda tenho!

Adélia = sem dignidade / Sus Soares, apprecio mais,
do que ninguem o pedido que me derige;
por que, se considera uma felicidade o ser
meu marido, tambem eu vejo neste ca-
samento um futuro venturoso para mim.
Nao sei ^{o que sinto} pelo sus, e receio en-
ganar-o se lhe disser que o amo...

Henrique = sem tristeza / Ah!...

Adélia = Receio enganar-o, porque nunca te-
ve ninguem que me definisse o amor.
prezido / Creio que isto deve satisfazer-o, até int.
Porém, se o amor é uma extrema dedica-
ção, em pensar constante, uma sympa-
thia pronunciadissima por qualquer per-
soa, então sus Henrique Soares, explicando
o amor apim, posso-lhe jurar... que tam-
bem o amo!

Henrique = pegando-lhe na mão / Visto isto não me rou-
ba as m. ^{as} creanças, não?!
D?

Adélia = pega a m. na mão / quem tem director
sobre mim, e verá que, em vez de th'a rou-
bar, heide ~~delicencias~~ arrigar-las cada vez
mais.

Henrique = poelhand e beijando-lhe a mão / pega primeira
vez que conheço o que é a verdadeira felici-
dade!

Scena 8ª

Os mesmos e Collares.

Collares = surpreendendo e opt.º Olá!...

Adélia = surpreendendo-o e recusando Ah!...

Heurig = levantando-se e chegando-se a Collares com muita plaue-
dez Não?

Collares = surpreendido e ao mesmo tempo alegre Essa
é boa!... eu... sim, não me importa...

Heurig = com ironia Vae mais descansado?

Collares = surpreendido e parvamente Decididamente o Sr. é
o homem de mais espirito que eu co-
nheço! Julguei que era a mãe, q' o
Sr....

Heurig = Enganou-se, e espero que continua-
rá a enganar-se...

Collares = aterrado Que ^{quer} t'á dizer?

Heurig = Depois o saberá. surpreendendo-a junto de Adélia

Collares = opt.º O homem cuida que a rapariga é
filha da outra e hade fazer todo o possível
para evitar o meu casamento, com o sen-
tido no dinheiro da caça. É preciso desenga-
nat-o. salto descendo um pouco a scena Sr. Soares, a Sr.^a

D. Guillermina está alli na sala; quando t'á
quizer...

Heurig = surpreendido Sim Sr.

Collares = Depois se tivesse a bondade de esperar-me
em sua caça... tenho coisas t'as serias a com-
municar-lhe.....

Henric = Espera-o - hei amanhã até ao meio dia.

Collares = Muito bem. (cumprimetando) Sur.^a D. Adé-
lia...

Adélia = (cumprimetando) Sur^o Collares... (p.^a Henrique) A
Mãe espera-o, Sur^o Henrique...

Henric = Eu vou, m.^a Sur.^a (ajusta-lhe a mãe e dirige-se p.^a
a porta)

Collares = (que chegou ao fundo e saltando-se p.^a a tona) Muitos pa-
rabenos, Sur.^a D. Adélia... Ah! vem seu pae!...
(pae)

Adélia = (correndo ao fundo) Ah!!!

Henric = (parando apt.^o) Seu Pae!!!

Manoel Escota = Ora até que dei fundo!!

Adélia = (lançando-se-lhe nos braços) Meu querido pae!!!
(ficam abraçados e sem poder fallar)

Henric = (apt.^o) Seu pae!!! A Mãe viuva!... Soc tam-
bem me enganaria com esta gente!!! (pae)

Scena 9.^a

Adélia e Manoel Escota.

(M.^o Manoel muito mais encanecido, traz o uniforme de Guar-
dião da Armada)

Manoel = (desembracando-se-lhe dos braços) (e chorando) Com o
diabor! Isto é que se chama uma verda-
deira avaricia na alma! Estou a fazer a
qua pelo othor, como quaesquer negreiro,
aquem se atirou ao lume d'agua!

Adélia = (puxa agarrada a elle) Venha cá, meu pae, seu

~~ter~~-se aqui!... Parece-me impossível vê-lo
ao pé de mim!... Está mais nutrido!
mais bonito!...

Manoel = sentando-se n'uma poltrona e admirando-se do clasti
co de Olha lá!... Vae-se abaixo com o balan
co!...

Adélia = sentando-se ao pé d'elle e pegando-lhe nas mãos / En
tão a que horas chegou meu pae? Deu-se
non-se tanto!...

Manoel = embarracado p.^a ella / Seu pae!!!... Parece-me
afim a modos cantiga, ter uma filha
tão liró, tão bonita, tão... Lisboa

Adélia = Tão crescida, não estou?

Manoel = ainda quasi chorando / Eu sei lá o que tu
estás!... Parece-me uma Nofa senhora
da Bonança, como cá a gente imagina ve
ta, no meio das tempestades!...

Adélia = Oh! não diga isto, meu pae!

Manoel = Se não é parecida com ella, pelo
menos tem a cara de um doz anjo pe
quinhos, que lhe prantam aos pés! fabri
cando a functivamente / Ora a m.^a querida filha!...

Adélia = Então por onde andou, meu pae? U
ma viagem de doz annos e meio!...

Manoel = Eu sei lá, filha: andei por onde não
anda a raposa, e por onde eu tenho an
dado mais de vinte vezes!

Adélia = Lá recebi a sua cartinha, em q me man

dava dar parte da sua promocao a... Ag, 5
meu pae?

Manoel = mostrando-lhe o seu uniforme / Pois não vê?

Adelia = sorrindo / Eu entendo lá disso...

Manoel = seus raios; não me alembra
que cá entre esta gente... Foi saberá q
sou Guardião.

Adelia = Quer dizer, que já governa?

Manoel = Alguma coisita, vamos andando.

chamando outra vez p. ella / Mas como tu estás
cada vez mais lizo!! Dão-te-dorm-eim?

cumprimentando-a / Sur.^a D. Adelia!... Adelia!

Olha que também a patrão sempre te
mantem um nome bem arrevezado!

Adelia = descontente / É feio, meu pae?

Manoel = tomando-a abraçada / Pode lá ser feio, se é teu!!

Olha não saber? Trago-te um papagaio cin-
zento, que falta, que tem diabo... Cande gos-
tar muito d'elle: não é bixo de mãe pa-
lavras, nem que morda linguems! A-
quillo é o que allí está!

Adelia = riendo / Muito obrigada meu pae. Toma-
ra eu já vê-lo!

Manoel = ficou lá na Afandega, com outras
coisas para despachar: logo cá te mando.

levantando-se / Mas onde está a patrão, que
lhe quero também dar um abraço?

Adelia = levantando-se / Pelo amor de Deus não a vá

enterronper agora?

Manoel = Está resando?

Adelia = Não; meu pae; está conversando com...
(abaixando o thór) com o meu noivo.

Manoel = Com o teu noivo!?!...

Adelia = Sim, meu pae; hoje mesmo hade
pedir-me... e ao papá também.

Manoel = Amim!... *(pyst)* Oha lá! Isto agora
é que está diabo!... Mas um enganado...
(pyst) Mas entad... quem é elle? quem é
o maganão que quer ser o Immediato-
mepe lindo bergantem?

Adelia = É um homem rico de diubeiro e
de boas qualidades.

Manoel = É homem apim cá dos meus?

Adelia = *(abaixando o thór)* Meu pae... elle... sim,
quero dizer...

Manoel = Não te prante a mascar, filha! tal
ta hizo e sem arrodior, que me não en-
vergonhas. Não é dos meus em? É al-
gum liró, todo catita e abonecado!... Ve
capa, filha! Oha lá não vá pra ahí to-
par com algum banco d'areia, q' dê cabo
d'epa embarcaçãosinha, q' tanto me cu-
tou a armar! Toma cuidado, filha!

Adelia = Com o papá o vendo; estou certa, que
hade logo simpatisar com elle.

Manoel = *(com seriedade)* É cá a patrão é ovida

e achada n'esse namorico? Andr. Fern. 74

Adelia = A Mama? A Mama até morre por elle!

Manoel = Bem; entã... caza lá... Mas eu sempre quero cá experimentar o primeiro... Heide fazet-o navegar em differen-
tes rumos... e se me for fiel ai mano-
bras....

Adelia = Hade ser, papa: hade ser. [pnt.] Deus per-
mitta que elle não ache ridiculo n'esta
franqueza de marinhairo! Será mais u-
ma forma de eu avaliar bem o seu a-
mor. [pnt.] Othe, papa, quer ver o retrato del-
le?

Manoel = Namor lá a ver se pela physiologia
eu tiro algumas observações. Si uizer lá
no mar, pela martraceação e se conhece
as temper de quaerques navio que nos
aparece pela goupa.

Adelia = [que temido buscar o album] Ora veja.

Manoel = [observando o retrato] Oha lá! e haveza bigo-
des retrocidos!... [preparando bem] Ora espera!

Adelia = O que é, papa?

Manoel = Ma raios me partam, se eu....

Adelia = Credo, papa! São pragueje tanto!

Manoel = Teus razão. Os diabos me tevern....

Adelia = [irada] Outra vez....

Manoel = Si, teus razão! [preparando melhor no retrato]

É o que eu digo! Subarocet não tringuem,
se eu não conheço esta cara d'alguém!

Adélia = Conhece-o!?

Manoel = O meu que conheço, é tudo! Elle é
home do mar?

Adélia = Não senhor, que eu saiba.

Manoel = surantado! Então tu ainda não saber
que modo de vida tem o teu noivo, ra-
pariga?! Man!... man!... Naê torta...
que é a moda nova q' cá vim achar!

Adélia = Sei que é rico, honrado, bom de cora-
ção, e que me ama: que mais heide
eu saber? Que mais preciso?

Manoel = Bem: vermos, já não saio d'aqui
sem vir a falta com elle. (p' dentro tem) Na
noiva, não lá a saber, o rapariga, está int.
adiantada lá n'aquella brincadeira? (p' fora)
tando p.º o piano)

Adélia = (sorindo) Vou mostrar-lhe o meu adian-
tamento. (dirige-se p.º o piano)

Manoel = (seguido-a) Tu d'antes, quando eras pe-
tiza, tinhas um jeito para a musica,
que era coisa de pasmar! Quisias quaer
quaer cantiga uma vez e... Até lembrar-te
quando eu á noiteinha, sentado na prasa,
comtigo ao collo, te ensinava...

Adélia = (radiante de alegria) Se lembra, papá! Era
eu tão pequenina!...

Manoel = Membras-te de uma cantiga cá
dos homens do mar, e que já tu aldraba
vas que era mesmo um rizo ouvir-te?
Membras-te?

Adelia = (com certa malicia) Manoel ~~o~~ ver, papa, puta-se
ao piano, e canta o seguinte a meia voz - com certa ex
pressão de saudade e ternura melancolica

Triste vida é a do marujo!
Qual d'ella a mais cansada!
Por' mor da triste ~~saudade~~
Papa tormento

Dom dom. de Lisboa

Manoel = (embaralhado, com as lagrimas nos olhos e pro
fundamente commovido) A cantiga do mari
timo!... Si, filha! Que até parece que
sae o coração do peito atraz d'essa cantiga.

Adelia = (continuando sempre com certa melancholia)

Andar a' chuva e ao vento
Luz de verão, quer d'inverno,
Que parece o proprio inferno
Com as tempestades!

Dom dom!

Manoel = (cantando a terceira copla com a voz tremula pe
la commoção)

As nojar necessidades
Noz obriga a navegar,
E a passar tempo no mar
E a aguaceros

Dom dom.

Scena 10^a

Os mesmos, Henrique e D. Guilhermina
mima. (Entram sem ser vistos pelo dor e conservam-se
ao fundo)

Adélia = (cantando)

Papão-se diaz interior
Sem se poder cosinhar,
Sem tão pouco mal apas
Nôpa comida!
Dom, dom!

Henric = (em quanto Adélia canta, baixos para D. Guilhermina
e comovido) Estou vendo papas diante dos
olhos da alma todas as scenas da m.^a ju-
ventude! Oh! que saudade!

Adélia = (continuando)

Arre nego^{eu} de tal vida,
Que nos dá tanta canceira!

(abaixando mais a voz com certa malícia e vergonha)

Sem a nôpa bebedeira
Nô não papamos!
Dom dom!

Manoel = (continuando)

Quando descansados estamos
No rancho — doegar, —
Então é que oico gritar —
O' heva arriba...

Henrique = /mas se podendo já conter e acabando a copula) Adv. Ferr.

Oh! leva arriba!

Dom, dom!

Manoel = /limpando as lagrimas apressadamente, e voltando-se/

Lestro a virar, que tenho home do mar
pela poupa! /endo o doir) Meu sus... p.^a D.

Guilhermina) Ora viva a m.^a patroa!... /preparan
do melhor em Henrique) Oha lá! Mas quem
elle é!...

Henric = /preconhecendo-o e correndo p.^a elle) O Manoel es
cota!!

Manoel = /surpreso) O teu Aspirante boaz!!...

Henric = /abrindo os braços) Abordagem, meu velho!

Manoel = Ora a barlavento, e arriba, Comandante!

Henric = /Comandante) /lança-se-lhe nos braços
suffocado em lagrimas d'allegria)

Adelia = /baixo p.^a D. Guilhermina) Que quadro Manoel!

D. Guilh = Não me enganou o meu presertimen
to, vir? O teu noivo e o teu pae... ali os
teus abraçados!

Adelia = O que faria eu a dem para ser tão
feliz?

Manoel = /surgando Henrique) Mas... t.^a vivo!... Co
mo foi isto?!

Henric = /deitando-se) e o Ferr...

Manoel = Ná!... vá, de cerimonia! O Subo?

Ohé que eu sou o mesmo! Mas como
diabo!... Já lá vão perto de vinte annos,

que aquella pobre fragata... othe que
era um bonito barco, Som Henrique!!

Manoel como demouio se salvou St.?
Henrig = Agarrado a verga do Traquete, q
foi o que achei mais a' maõ. Tapou
de madrugada um navio sueco, e reco
theu-me.

Manoel = Home! não é feio! E eu agar
rado a verga do Joannete grande! An
dei toda a noite de miõho e pela ma
nhã achei-me n'uma praia em Men
cambique: Ora está!

D. Guilh = Então naufragaram ambos?

Henrig = Sim, M.^a M.^a Em 1835, a 16
de Marco.

D. Guilher = justamente! A 16 de Marco de 1835?!...

Manoel = Sem mais nem menos; é ver
dade! Que marzinho aquelle, Sõ Hen
rique!... Que sudoeste!

D. Guilh = panciosa! E... em q navio... naufra
garam?

Manoel = Na pobre fragata St. Roza! De
u the falle n'alma, coitada!

D. Guilh.^a = perutando se vivelmente incommodada! A fra
gata Santa Roza!...

Adelia = perendo p.^a ella! Que tem Mania?!...

Henrig = Sente algum encommodo m.^a S.^a?

D. Guilh.^a = Não é nada, uma vertigem... creio

eu, Mas... ^{And. Ferr} disseram-me que foi a bordo da fragata Santa Reza, que...

Manoel = Lindo vazo de guerra aquelle; ein, Sore Henrique? É o pobre commandante, aquelle velhote, que era tão bom home!

Henrig = (que fica pensativo) É verdade ein

Manoel = (com matieira ingenua, dando-lhe com o cotovello)

O' Sore Henrique!... e o seu arrigo immediato, ein?... coitado, Deus lhe falle n'alma tambem, apesar d'andar sempre d'etiqueta com ellas.

D. Guilh.^{pa} = (deliquenciando soezas) E... digam-me: a bordo d'esse navio não hia um passageiro com uma creanca... filha d'elle?

Manoel = Ora, se hia: um judeo, chamado Jacob.

D. Guilh.^{pa} = (intermeendo) Ah!!...

Henrig = (exultando e estroncando) Ben Deus! sempre este murco!... Mas... de que, se elle morreu?... (fica pensativo novamente)

D. Guilh.^{pa} = E esse homem... seria tambem vitima?

Manoel = pois coitado, coitado: elle tiuha lá a mimo, como nós, para se agarrar a alguma coisa!

D. Guilh.^{pa} = E a creanca, que levava consigo... u ma filha creio eu; tambem morreu

no naufragio?

Manoel = *[supt.]* Mãe, mãe! Cuidado to
Mãe!... *[alto e balbuciante]* Espá... sim, e
ra uma pequerruchita de 5 annos...
prepentinamente e voltando a casa Também mor-
reu, sim senhor! *[supt.]* Mãe, que menti
como um moiro!

Henric = Nã^a conhecia o tal viajante, Sus.^a
D. Guitherrina?

D. Guith = [com um sorriso de tristeza] Conheci... per-
feitamente.

Henric = [ansioso] E sabe se esse homem tinha
parentes?

D. Guith.^a = [continuando a sorrir] Não tinha nenhum.

Henric = [como livre de um peso] Ah!... *[supt.]* Decidida-
mente não roubei... senão o mar!

D. Guith.^a = [p.^a Manoel] Então com toda a certeza,
esse homem morreu... com sua fi-
lha?

Manoel = *[supt.]* Outra vez!... E a modos que
ella olha apim para mim, como q.^m
não engole a peta!... *[alto]* Eu creio que
sim... *[atrapalhado]* Apesar que ouvi dizer...
sim, que a filha...

D. Guith.^a = [levantando-se arrebatadamente] O que?!

Manoel = *[supt.]* Ai, ai, que parece-me que lá
vã tudo, com o diabo!... *[alto]* Sim... que
so eu dizer, que...

D. Guith.^a = (anxiosíssima) Está tão perturbado, Sr.
Manoel!!! Que tens?!... Pelo amor de
Deus! fálle!

Manoel = (muito atrapalhado) Quero dizer... sim...
(apt.º) Ella já percebeu que estou a men-
tir, como um cão!...

D. Guith = (agarrando com um tremor febril na mão de Ma-
noel) Cuitão esta criança!?!... Esta crian-
ça.....

Manoel = Esta criança... (com um grande esforço) -
Esta viva!

D. Guith.^a = (prezando radiante de alegria) Viva!!!

Henric = (estrucendo apt.º) Minha herdeira!!! Est-
ou perdido já a m.^a consciencia!

Manoel = (como se se visse livre d'um grande peso) Prra!
fallei a verdade!

D. Guith.^a = Viva!... Mas onde está?!... Quem
a salvou?!...

Manoel = (atrapalhado outra vez) Ifo lá... onde ella
para... ifo é que eu não sei.

D. Guith = Mas vive! vive!...

Manoel = (com resolução) Homme! eu não sou cá
para estar esisar! Vejo que a historia
da raparigueta está dando que fazer á
patrioa, e sóia o que sábir, lá vai tudo,
com a brega!

D. Guith.^a = Fálle, Sr. Manoel! fálle!

Manoel = A pequena foi pela borda fora com

o pae; houve um home da tripulação
que se deitou ao mar, e trouxe a pequena
para bordo. Depois quando o navio foi
de todo a pique, o tal home amarrrou
a creança a si com quatro bandieras
de signaes, para lhe não magoar os
olhos; deitou-se outra vez ao mar,
agarrrou-se a uma verga, e pela ma-
nhã home e creança estavam sal-
vos.

D. Guith = (trímula de contentamento) Meu Deus!!!

Manoel = Depois o tal home entrou a ter
tanto amor á pequena, como se fôra
sua! Nunca lhe disse nada, por que
o pae d'ella era rico, e não quiz que
a todo o tempo a rapariga mal dissesse
a sua sorte, vendo-se pobre, e de baixo
da tutela de um ^{pobre} ~~triste~~ marunheiro.

Depois o pobre home ^{teve} tinha medo q
a rapariga deixasse de lhe ter amizade
se soubesse que não era filha d'elle....
(muita comovido e com os olhos no chad) e vale
d'ahi tem-na enganado ha vinte an-
nos.... tem-na abraçado e beijado co-
mo se fôra sua filha, e ella tambem,
como se elle fôra seu pae.... creio que
o estrema a mais não ser!... Mas, quan-
do souber.... o home tem medo que

a amizade fuja....

Chor. Ferr.

D. Guilh. = Mas quem é esse homem?!... ou
de está' esta criança?!...

Manoel = (depois de silencio) Esse homem... está' aqui!...
A tal criança... está' alli!...

D. Guilh.^a = (corre para Adelia; agarra-lhe nas mãos, como lou-
ca, beija-lhe a testa e ao fazer como si um doente febril,
fitá-a por algum tempo em silencio e cabe sem senti-
doz sobre uma poltrona)

Adelia = (agarrada a elle) Minha Mãe!!!

Henric = (p. p. profundamente atterado) A Deus meus,
sonhos de felicidade! Amantíssima, não só
estaris pobre, mas até quasi deshonra-
do aos olhos d'aquella mulher!... Em
bora (primeiro a honra, depois... a mor-
te! (cabe rapidamente, depois de lançar um ul-
timo olhar sobre as duas)

(cabe o panno.)

Fim do 1.º Acto.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Mr. Ferr.

Acto 2.

Um gabinete pequeno au rez-de-chaussé, com janellas ao fundo e portas aos lados. Uma secretaria, mezas, cadeiras, ottomanas, etc.^a Transparentes nas janellas, reposteiros nas portas, etc.^a — E' dia. —

Scena 1.^a

Um Criado ^[sacudindo os móveis] Souza ^[entrando]
— Souza —

Bons dias.

O Criado

Bons dias, Sr. Souza.

Souza

¿Não me dirá que novidade foi esta hoje?

O Criado

Não sei, Sr. Souza. O patrão entrou hontem para caça haviam de ser umas 11 e meia da noite: vinha triste e assim meio aparralhado, a fallar só... Orá já ao jantar elle estava a proquentar; mas á noite, costava e coraçãõ vê-lo a passear lá em cima no quarto!... Não fazia senão repetir: — Es q. dirá ella!?... O q. dirá ella de mim!?

Souza

Mas quem seria essa ella?

O Criado

Eu sei lá! Depois levou toda a noite sem pregar olho; e logo pela manhã, assim q. huzio o baraco, chamou-me e disse-me: — Vá a caça do meu guarda-livros e diga á familia, que assim q. elle acordar,

venha logo- logo ao escriptorio.

Souza

E' celebre! Quebraria alguma casa com quem elle tivesse relações? Mas não soui dizer...

O Triado

Nada, nada; não vae por ahi o gato ás filhices!
Aquillo é coisa de mulher...

Souza

De mulher?!

O Triado

Dois então.

Souza

Mas por que diz você isso?

O Triado

Por que depois de me mandar a caça de vocemê, vim dar com elle tão afflicto a escrever uma carta... Olhe, o bonhão ainda alli está. [Mostrando-lhe o sobre a secretaria] Escreveis uma carta e mandou-ma entregar em casa... cá é uma certa pessoa que eu sei.

Souza

Arde foi?

O Triado

Em casa da Sr.^a D. Guilhermina de Mello, que tem uma filha, que é mesmo um protestante!

[Sente-se uma campainha]

Souza

E' elle!

O Triado

Deixa-me lá hir... Provavelm^{te} é para o ajudar a vestir, que, como perdeu a noite, encostou-se um bocadoinho... [Novo toque de campainha] Ai! deixa-me lá hir!

Souza

Diga-lhe que já cá estou no escriptorio.

O Triado

Sim senhor. - [Sale]

Co Cena 2.^a
Louza (10)

Ad. Jers.

Mas que demorão terá elle? ~~Leve~~, não, por q. não
tem havido quebras, nem... To se foi na Inglaterra,
mas também não pode ser, porque o Paquete che-
ga hoje e portanto... Vamoz a ver se pelo bomão da
tal carta eu posso tirar alguma coisa. [Sentando-se à
secretaria e pegando no papel] Crevo! que rabiscos! Agora
é que eu digo q. elle estava atrapalhado severas!
[Lendo] "Minha Senhora: — Han tem, por um acaso
" singular, soube quem era o pae d'essa menina. Te-
" nha em meu poder grossos fundos, q. lhe pertence-
" ram e roga a V.ª q. se digne mandal-os receber
" a minha casa por penha de sua confiança, mas
" que não seja o Sr. Collares, nem creatura sua.
" — Algum dia, quando me achar mais no meu estado
" normal, explicarei a V.ª o motivo d'este meu pe-
" dido. Por enquanto, contente-me a adiantar-lhe
" sob a minha palavra d'honra, que esse homem
" é indigno da confiança q. nelle deposita e q. lhe
" deve pedir quanto antes contas da sua casa. Pro-
" go também a V.ª que me dispense de cumprir
" aquillo a que me obriguei para com sua excellentis-
" sima filha e que se esqueça totalmente de um pe-
" dido, que me vejo involuntariamente obrigado a reti-
" rar. Chamado de novo ao serviço da marinha, é-me
" impossivel — a mim — e muito desvantajoso para
" a ^{o mal part.} Sr.ª D. Melia — o casamento com um ho-
" mem, que vai ausentar-se d'esta terra, sabe Deus por
" q. tempo! ^(Não pegado) Minha Senhora, rogo-lhe q. não julgue
" mal do meu character por esta resolução. Ha nella
" um mysterio, que me emvergonho de descobrir a V.ª;
" ^{mas que} ~~mas~~ algum dia o farei. Fico pobre, minha senhora,
" mas honrado e, por consequencia, com direitos á sua
" estima. Adeus, minha senhora, peço-lhe q. não tenha
" o menor escrúpulo em aceitar os fundos q. lhe remetter,

"por que, sobaixo da minha palavra e honra the asse-
"guro, que são seus no melhor direito juridico e com a maior
"verdade da consciencia. Digne-se V. Ex.^a receber as minhas
"despedidas e os sinceros votos de felicidade, que tanto the
"deseja o seu attento venerador e criado, etc." [Acabando
de ler] Declaro q. não percebo! O homem enlaugueceria?
Tomava já q. este viesse para ver se posso apañhar-
the alguma coisa, que me explique.... Está pobre?!
pois um homem com o capital de mais de meio
milhão, está pobre!? Nada! aqui ha esquisitez
delle por força.

Scena 3.^o

Souza e Nogueira

Nogueira [Sentro]

Dá licença?

Souza

Entre quem é.

Nogueira [Entrando]

¿Aqui é que é o escriptorio do Sr. Henrique Soares?

Souza

Sim senhor. Superior de Teatro e Cinema

Nogueira

¿Poderei fallar the?

Souza

Creio q. não senhor: supponho q. ainda está recollido.

Nogueira

Dá-me licença q. o espere?

Souza

Pois não; mas, se é objecto de negocio, e quizer ter a
bondade de se entender comigo... Sou guarda livros
do Sr. Soares.

Nogueira [rindo]

Nada, não senhor; o negocio... que o não é propriam^{te}.
dito: o objecto q. aqui me conduz é directamente com
elle. Repito; se me dá licença, espere-o.

Souza

14 de Fev. 62

Então, queira ter a bondade de se sentar e estar à sua vontade.

Nogueira [sentando-se]

Muito obrigado.

Souza [sentando-se novamente à secretária e trabalhando nos livros da casa]; 2ª sabe-me dizer se já chegaria o Paquete d'Inglaterra?

Nogueira

Não sei; [sorrindo] e mesmo é uma vaidade eu saber essas coisas. Não pertencço ao commercio.

Souza

Quero tanto poderse eu dizer!

Nogueira

! Pois é má a vida commercial?

Souza Politécnico de Lisboa

Para quem a segue, não senhor; pelo contrario, actualmente é optima: mas, para quem (como eu) se vê obrigado a seguir-a... de longe, elle q' não é nada divertido! Quero dizer, deixa de se ser homem, para ser uma simples machina de contabilidade.

Nogueira

Mas quando ha a fortuna de achar um patrão como o Sr. Soares...

Souza

Ah! sim; é verdade: mas, como nem todos são como elle... generoso, tractavel, enfim um perfeito homem de bem...

Nogueira

Quis dizer q' é muito emoler?...

Souza

Demais até: ha dias na semana em q' o escriptorio chega a parecer um Asylo de Mendicidade.

Nogueira [à parte]

Bem! Tenho homem!

Scena 2.^a
Os Mesmos e Manoel Escota.

Manoel [Seratro]

Dá licença?

Louza

Entre quem é.

Manoel [entrando]

Ora guarde-se Deus. Quería fallar ao Sr. Soares....

Louza

Faz favor de esperar um bocadinho, q.^o elle não pode se-
mover-se.

Manoel

Se está lá em riba no primeiro andar, creio q.^o posso hir
ter com elle...

Louza [tocando uma campainha]

Eu mando saber. [Para o criado, q.^o entra] Diga ao Sr. Soares,
q.^o estão aqui duas pessoas, q.^o precisam fallar-lhe.

Manoel [para o criado, q.^o vae a sahir]

Olha, ouviste, rapaz? Dize-lhe q.^o é o Manoel Escota e tu
verás como elle salta logo por essa escotilha abaixo!

[O criado sahe]

Escola Superior Nogueira [como recordando-se do nome]

Manoel Escota?!...

Manoel [cumprimentando]

Um seu criado... [Preparando nelle] Ora esta! Olha lá!
Desde q.^o cheguei, ainda não fiz senão topar com se-
functos! [Pirado] Com q.^o então, no fim de vinte annos
é q.^o nos tornamos a encontrar, eim?!?

Nogueira

Conhece-me?!... Eu tambem tenho idea do seu nome....
[Reconhecendo-o] Ah! o Manoel Escota #. Marinheiro
a bordo da S.^{ta} Proza!

Manoel

É como diz: e V.^o o Sr. Aspirante Nogueira, que fa-
zia parte da guarnição.

Nogueira [apertando-lhe a mão]

Verdade. E' celebre! Não te acho muito mudado!...
Bravo! Já és Guardião!... Também não te fizeram
favor nenhum, q' sempre foste um bom homem e
optimo marinheiro.

Manoel

Ara... são favores!... Eu já tinha ouvido dizer que
D. foi um boi que escapou naquelle cangalhada
toda! Se não me engano, foi salvo ^{pelo} ~~por~~ ~~de~~ ~~se~~ ho-
mes da canção daquelle valente brigue americano, q'
nos appareceu pela manhazinha a balravento?

Nogueira

Justamente. E tu, por q' não alcançaste a tal canção?

Manoel

Por q' me não viram e eu ja não podia nadar. Es-
tava agarrado à verga do Jannete-Grande e nem
ciria tinha para me desapegar d'ella. Não sei se
sabe, q' cá o patrão Soares também foi assim q' se
salvou?

Nogueira

Bem sei; - não q' elle m'o contasse, por q' seide 35 que
she não fallo.

Manoel

Olha lá! Elle ha de ficar bem contente em over!
; E como vamos de fortuna? Ainda é cá da marinha?

Nogueira

Deus me livre! Desde a tal brincadeira de 16 de
Março de 1835 (nunca me ha de esquecer!) jurei não
pôr mais o pé a bordo de navio nenhum! Deixei a
carreira e fiz-me artista.

Manoel

Artista?! Que diabo de vida é essa? É coiza em que
se ganha patacos?

Nogueira [rindo]

Dizes bem; é a vida em q' se ganham... [com certa ironia]
patacos!..

Manoel

E pintor, sim?

Nogueira [trindo]

Isso agora é que... é lá de vez em quando.

Jana 5.º
Os Mesmos e Henrique.

Henrique [pálido e taciturno; traz na
mão uns papéis] Bons dias... [Vendo Manoel] Alheus, Manoel;
eu já lhe fallo. [Cumprimtando Nogueira sem o cumprimentar]
Senhor... [Dirigindo-se a Souza] Bons dias, Sr. Souza.

Souza

Muito bons dias, Sr. Soares.

Henrique

Tome lá estas letras. umas estão já vencidas e outras
por vencer. As primeiras recebe-as o mais depressa
possivel; as outras, como as firmas são boas, facilmente
achará na Praça quem lh'as vende.

Souza [admirado]

Então o patrão quer desfazer-se d'ellas?

Henrique

Quero, preciso liquidar todos os meus capitães. Depois,
há de ir à Alfândega e veja se me arranja com-
prador aquelles fardos, q. vierão no brigue Eliza das
Telhas e galera Palmeira do Rio. Se achar compra-
dor, venda com despacho. Depois, procure algum cor-
rector (o Lamasão ou o Almeida) e diga-lhe q. venha
fallar connigo; preciso pôr em leilão umas coizas...
Vá; e veja se me arranja tudo isso antes da tarde.

Souza [aterrado]

V.ª sabe do reino, patrão?!

Henrique [com bom modo]

Talvez; ande, vá, Sr. Souza; e... não se assuste: ain-
da q. eu deixo a casa, não me heivê esquecer do senhor.
Ande, vá depressa. Deite tambem este requerimento
na caixa do ^{o Sr. Val} Sr. Souza da Mourinha.

Sim Sr.ª: até logo... [Suspendendo-se] O patrão; o que

há de eu dizer na Praça a respeito das letras? Podem
desconfiar de ...

Ador. Ferr
64

Henrique

Diga que me desfaço d'ellas, por q. preciso realisar uma
nomina consideravel para... [somnido] para uma transac-
ção com o governo.

Souza

Sim senhor. [Aparte] Que demonio será isto!.. [Sale]

Scena 6.^a
Henrique, Manoel e Nogueira.

Henrique [para Nogueira]

Se V.^{za} não tem pressa, dá-me licença que... [Designando-
lhe Manoel]

Nogueira

Dei não.

Manoel

Nada, não senhor, falle lá com elle primeiro.... Não te-
nho pressa de seguir viagem: deitei ferro e... cá estou!

Henrique

Julguei q. trazia algum recado das senhoras...

Manoel

Nada... ellas... sim, pelo modo, creio q. vêm logo cá,
por via de uma carta q. V.^{za} pra lá mandou, assim a
modos de... sim, como quem diz... Enfim, não sei, ellas
logo the explicarão... Agora eu cá vim, por que... sim,
sou seu amigo deveras, e ^{logo} ~~logo~~ houte sahio de lá as-
sim a modos de escabreado com a gente!.. Pareceu assim
navio, q. larga a amarração sobre a bóia e q. se faz de vel-
la sem metter piloto a bordo!.. Ora, como isto quasi
sempre acontece quando ha algum perigo, eu desejava
saber... o q. the aconteceu, ou q. mal the fizemos, para
V.^{za} se saber assim.

Henrique [apertando-lhe a mão]

Eu t'o direi depois, meu bom Manoel: demora - Te um

instante, q^o tenho muito q^o conversar contigo.

Manoel

Eu cá estou; faço de conta que vim de porto sujo e q^o preciso quarentena. [Sentou-se ao fundo]

Henrique [para Nogueira]

Poderei saber a q^o deve a honra de...

Nogueira

Meu amigo, nem quero essas felicitações, nem exijo reconhecimento^{to} de comedia. Percebeste?

Henrique [espantado]

Não senhor!

Nogueira

Decisivamente Manoel. Escota tem melhor olho do que tu! Não me conheces?

Henrique

Deus... Tenho uma ilha...

Nogueira

Chamo-me Francisco Nogueira; fui Aspirante de Marinha e... Conheces-me agora?

Henrique [estendendo-lhe a mão]

Agora!... Mas... há tantos anos!...

Escola Superior Nogueira [apertando-lhe a mão]

Tens desculpa; se te encontrasse na rua, havia de me misseder o mesmo, faço ilha; e quem sabe quantas vezes nos teremos encontrado!

Henrique

Decerto. Mas a culpa é tua: por que me não procuraste há mais tempo?

Nogueira

Por que sou pobre e tu és rico. Envergonhava-me de te aparecer na minha posição, que não é realmente, das mais próprias a conviver.

Henrique

Tosse qual fosse a tua posição, devias lembrar-te q^o sempre fui teu amigo.

Nogueira

Lembrei-me d'isso bastantes vezes; mas tambem me lembrei, que as nossas relações d'amizade eram relações de creança; e que hoje, homems, tu quazi millionario e eu mestre de piano por casas particulares... Em fim, homem; para ser de tão franco, dir-te hei, que a amizade impelia-me a procurar-te, e o orgulho puxava-me para traz.

Manoel [lá do seu canto]

E eu stava-lhe com o chicote d'um cabo para diante... no orgulho, já se vê.

Henrique

Mas, em conclusão?

Noqueira

Em conclusão... desejei, como disse, procurar-te, a fim de estreitarmos as nossas amizade passada; mas, receando que julgasses que era devido a tua boa posição pecuniariva... escondi-me sempre de ti.

Henrique [sorrindo]

E chamavas-me tu orgulhoso, Noqueira!...

Noqueira

E verdade, a bordo da St. Roza...

Manoel

Deus lhe falle n'alma, coitava!

~~Noqueira~~ Henrique

Dizias-me q. o meu caracter não era de philozopho, como eu julgava; mas sim um excessivo orgulho!...

Noqueira

Tudo isso é verdade; então, q. queres? [Rindo] Tomei-me peor do q. tu, é a conclusão q. devemos tirar.

Henrique [apertando-lhe novamen-

te a mão] Mas a final, aqui estás!

Noqueira

E verdade; aqui estou... e o mais bonito não é isso; o mais singular é que, deitando a vergonha para traz das costas, (ou o orgulho, como quizeres) venho, no fim de vinte annos, em nome da antiga cama-

camaradagem, invocando a nossa reciproca ami-
sade, venho... imagina lá o que?

Henrique

Eu sei!...

Nogueira

Dê-lhe-te dinheiro e protecção.

Henrique [assustado]

Dinheiro?!...

Nogueira

E protecção. És rico; por consequencia....

Henrique

Fui, meu amigo; fui....

Nogueira [muito sério]

Foste!?!... Pois já não és?

Henrique

Não; hoje sou pobre... pobrissimo!

Nogueira [comovido]

Soares! Quem vês q. tinha razão para te não pro-
curar!... Sei q. és rico e dizes-me q. és pobre, apenas
te falto em dinheiro!... Acabas de me chamar ami-
go e fechas-me a tua bolca!...

Henrique

Não fecho, não; mas... se tu roubesses o q. me a-
sentecem!...

Nogueira [rapidamente]

Nem quero saber! Enganava-me contigo... ou,
por outra, era o mundo q. me enganava, quando me
repetia incessantemente ao ouvido: - Henrique
Soares é millionario; Henrique Soares é erudito;
Henrique Soares possui um coração magnanimo!...
Finalmente, Henrique Soares é um homem de bem!
Enganava-me! Henrique Soares é... é um homem
vulgar!

Henrique [tristemente]

Dize-dize, Nogueira! Tortura mais este coração,
que elle já padece pouco! -

Nogueira

Andr. Ferr.
66

Dico não é assim!? Protestas-me pobreza, apenas te falto em dinheiro... e sem ainda saberes o que venho pedir-te! Supponho, talvez, que, como epilogo da vida d'extravagancias, q. sempre tive, venho encostar-te (como se diz em gíria d'estroinas) para extravagancias à tua custa? Enganaste, Soares: as minhas dividas já lá vão. Desde q. comecei a pobreza, morreu em mim o rapaz extravagante. Não venho pedir-te debores; venho implorar-te... uma emolla!

Henrique

Uma emolla!?

Nogueira [com certa ironia e tristiza] Tenha paciencia, irmão: não é assim?

Henrique [muito commovido]

Mas q. precisão tens tu de me estar p'ra ali a flagellar com esses modos de ironia e desprezo, se eu não sou máo, não sou culpado... se eu te não me receio!?

Nogueira

Cherces, sim; ainda que o arrependimento venha agora mudar as tuas intenções a meu respeito, já não podes mitigar o mal que me fizeste! Fui de veras teu amigo, Soares!

Manoel

Esse também o foi sempre: ora Alheus!

Nogueira

Se o foi, não me deixasse antever uma recusa, sem saber o q. d'elle pertencia um camarada velho, um amigo sincero e em má posição.

Manoel

O homem! Cada um lá sabe as linhas com q. se coze! Ora esta!

Henrique [sensibilizado e apertando a mão de Manoel] Obrigado, Manoel! [indo à secretaria

Tira uma chave do ~~do~~ bolso, abre uma gaveta; com certa
requisição] Que sinheiro precisas, Nogueira?

Nogueira [Depois de silencio,
fictando o profundam^{te} e pegando no chapéu] Nenhum,
Soares! Alheus! [Vae a saber]

Manoel [correndo para a porta e
abrindo os braços entre ellas] Eh lá! Está fechada a barra!
Não sabem d'aqui navios... em guerra!

Henrique [correndo para Nogueira
e tomando-o por um braço] Anda cá, Nogueira! Jul-
gas q. é tão facil encontrar um amigo verdadeiro,
que te deixe saber assim?!

Nogueira [commovido]
Não podes ser meu amigo!... Não me convens
... por q. já não és o mesmo.

Instituto Henrique Lisboa

Acabemos com isto, Nogueira! Sou teu ami-
go... juro-te pela minha honra! Se me
viste perturbado quando me fallaste em sinhei-
ro, não foi por t'o não dar; foi... por que ver-
daderamente não o tenho... meu! Essa fortuna-
na ~~de~~, que possuia, eres centenas de con-
tos de reis, serdizeram-se me hontem nas mãos,
como as bolhas de sabão de q. tanto gostamos
em creança! Finalmente, o Tom equivooco, que
me viste tomar, foi devido á pena que me causou
o não poder valler-te, como desejava. No entan-
to, peço, Nogueira... [como se fallare só e com certo
desespero] Mas meia dúzia de moedas não podem
fazer maior peso na consciencia de um homem,
q. tem gozado ha vinte annos uma riqueza, que
lhe não pertence! [N'outro tom] Repito, Nogueira:
quanto queres?

Nogueira [no seu tom habitual]
Repito tambem - nada! Mas este - nada - olha
q. não foi dito na inflexão do outro; não sei se

reparaste? Já não estou zangado; estou triste,
por q. vejo nas tuas palavras um certo caracte-
rístico de desgraça. O q. te succedeu? Dejabafa
ao menor; é a maior prova d'amizade q. exijo
agora de ti.

Henrique

Succedeu-me... q. possuindo eu uma fortuna,
começava com o grosso capital de um homem, que
já morreu, aparece-me agora uma filha d'esse
homem e, por consequencia, é dever meu entre-
gar-lhe esta fortuna.

Marcel (aparte)

A modo q. vou entendendo a coisa!...

Noqueira

Mas... vê se caza com ella; fica tuó em caza.

Henrique

Deus me livre!... Isto é, eu amo-a, Noqueira!
e é justam^{te} por isso q. me considero desgraçado;
por q. ella, algum dia, havia de ver no meu amor
uma especulação... Além d'isto, a maneira como
me achei senhor da fortuna de seu pae... Não
sei; vig-me a ~~consciencia~~ consciencia, q. é um pouco
vergonhosa! Nem eu me atrevo a dizer-te
mais nada!

Noqueira

Enfim, o tempo me dará o direito de saber os
teus segredos. Não fallemos mais n'isto.

Henrique

Não; fallemos: somente q. precisavas de sinheiro...

Noqueira

Não tenho cinco-reis commigo, é verdade; mas,
já disse, não fallemos mais n'isto.

Henrique

É que, se não tenho sinheiro meu propriamente
dito, tenho alguns objectos de valor...

Noqueira

Vende, Soares, vende, mas não empenhes! Em-
penhar! Oh!... O Prêgo é a coisa mais anti-
constitucional q. ha, pelo absolutismo do dom-
no e pela mansidão das victimas! É a coisa
mais indigna q. eu conheço! É o nome mais re-
pugnante do dictionario dos extravagantes! Prê-
go! instrumento objecto das orgias e do jogo! -
Entidade monetaria, q. ~~xxxxxx~~ reúne em si
tanto mysterio, quanto os objectos q. tem visto
pendurados nas suas garras d'aspia! Prêgo!...
é o mesmo q. Ujev - carrasco de caçacas e de col-
letes! Mysterioso Pedalo, onde o capital se per-
de n'uma alluviaõ de patacos, q. por fim já
se não percebem aquellas contos! O Prêgo mo-
derno, meu Soares, é a verdadeira continuação
dos juizes da idade-media; com a differença, q.
n'elles ainda se podia achar a intelligencia e,
por consequencia, um bocadinho de compaixão:
mas no Prêgo! no Prêgo propriamente dito, en-
contra-se a rigidez, a firmega de caracter, o
inabalavel e até o griso do proprio ferro! Bem
ponto nome! Prêgo!... Allí não ha compaixão,
por q. o prego é de metal, não ha torcel-o, por
q. é direito, não ha abrandal-o, por que é griso,
não ha abalal-o, por q. se tem cabeça, não tem
pés!... Enfim, meu Soares, o Prêgo é o maior
flagello q. a humanidade, e q. a civilização tem
apurado de uma forma... insuportavel! Vende,
Soares! vende, mas não empenhes! Olha que
estás falando com uma victima do Prêgo ha
perto de vinte annos!

Henrique

Visto isso tens passado uma vida d'infertu-
nias?..

Nogueira

Sim e não. Ora ente conto. Apenas vim para
Lisboa, depois d'aquella deliciosa e recreativa viagem

da Fragata S.^{ta} Roza, disse a meu pae q. não que-
ria já semelhante vida e, com a devida licença, sei-
baixa. Figue uns poucos d'annos no doce far niente
de um verdadeiro vadio; e, como meu tinha algum
dinheiro, tratei de me divertir. Infelizmente meu pae
não era immortal e... foi-se! Fiquei, por consequencia,
feito somno de casa, com minha mãe e duas irmãs
a sustentar. Começavam então os apertos! Meu pae
era empregado... (creio q. te deves lembrar) e com elle
morream também os poucos meios de subsistencia. Fe-
lizmente, como o emprego lhe rendia bastante, a nossa
casa estava posta com ~~um~~ tal luxo, q. nos chegou per-
feitamente para vivermos dois annos e tanto... E sa-
qui q. dacta o meu conhecim.^{to} com o Prigo. Depois
de tudo emprenhado e vendido, entendi que devia pro-
curar um modo de vida. Empregos... quero, q. é Seller?
Por consequencia, fiz litterato!

Henrique

E ganhaste dinheiro?

Nogueira

Ah! muito, pois não! Tanto, que, para pagar a edi-
ção do meu primeiro romance, tive de vender o pian-
no, unico objecto ^{de valor,} q. ainda nos restava, para pagar
as victor... q. é outra raça de judeos como os do Prigo,
não sei se sabes! Enfim, convencido de q. as letras
nada me davão, fiz-me artista. Tocava bem piano;
estudei mais algum tempo com seriedade, fui ao
Lotto e dei um concerto no theatro.

Henrique

E ganhaste?

Nogueira

Ganhei: — o dinheiro das passagens para fora da al-
gibeira e uma patcada, que veio tudo abaixo!

Henrique [rindo]

Então é por q. tocavas mal!..

Nogueira [rindo]

Tiso
Nadar; e' por q' era portuguez! A final, fiz-me mestre de piano por cazas particulares, e d'isso tenho vivido até hoje... soffrivelmente. Quando ha poucos discipulos, vende-se, empenha-se... (Nota q' sempre o mal-dito Prigo me acompanhava!) Quando tenho muitos discipulos, como bem, bebo melhor, desempenho e com-pro. Pra aqui tem as alternativas da minha vida presente e quem sabe se da futura.

Manoel

Eh, se fosse a D^{na}, tomava para a marinha! Não ha vida melhor!

Nogueira [rindo]

Ha a tempo! Além d'isto, fallavam-me hoje no mar, e o mesmo q' fallar... em brócos a um desgarrado, que apantane com elles uma forte indigestão!

Instituto Manoel de Lisboa

Por isso o Lord Henrique fez bem, que nunca quiz barganhar a marinha, seguindo-me disseram lá no Arsenal.

Nogueira

Pois tu ainda pertences á arma?

Henrique

Nunca dei baixa. Tenho-me conservado, uns annos com licença registrada, outros pela Junta; ás vezes tenho feito algum serviço, mas consegui nunca seguir viagem.

Nogueira

E tens sido muito promovido?

Henrique

Sou Capitão Tenente.

Nogueira

Pois meu amigo, como epilogo d'esta minha vida exquisita, deixa-me contar-te o q' me aconteceu ha dois mezes e o q' fez com que eu viesse pedir-te dinheiro, esperando que, como eu, te interessasses no negocio. Alha q' vaes ouvir uma especie de romance e desde já te prohibo que me elogies.

Henrique

Av. Ferr.

69

Que te elogie?

Nogueira

Sim, ouve. Ha de haver coisa de dois mezes, indo eu a recolher-me para casa... (na rua da Janelas verdes - 34; esta' as tuas ordens.) Fim'o a entrar para casa... + vinha eu da espetunca e não trazia um real, como quasi sempre me acontecia.

Henrique

Tu jogas?!

Nogueira

Quanto tenho pouco, para ver se apanho mais, mas sempre fico sem nada! Sou um aborto... Sazares! Ha a entrar, chegou-se a mim um velho, raffivelmente vestido e pediu-me uma emolla, pelo a-mo de Deus. - Não pôde ser! - respondi eu, ainda todo esquentado pelo vapores da espetunca. - Aomenor, tornou o velho, como W. vai para tua casa, veja se me deita da janella um pedaço de pão, porque estou a morrer com fome. - Fiz-me aquillo espanto! A ringeliza do pedido trouxe-me a idea que, quando eu era pequeno, (nos tempos da opotencia!) costumava juntar debaixo das janelas uma cohorte de caes navios, a quem mimosava com pedaços de pão. Ora, esta idea do homem se collocar na posição dos meus protegitos d'outro ora, fez-me não sei que impresão de do; o grande caso é, que respondi ao velho, deligenciando conter as lagrimas e disfarçando as com um tom de dezagramento aristocratico: - Esta' bom, homem; ocencia não é nenhum animal para eu lhe ativar o pão da janella abaixo. Suba cá nima comnigo... (Tenha a bondade de não fazer bulha com os pis, para não acordar a missha familia, que já deve estar rescolhida;) e, do que heuser, esta' ao seu dispiôr: eu tambem ainda não ceei... -

Manoel

Alhá lá! Que bonita acção, Jo Nogueira! Pobre velhinho! Ainda bem q' a sua pessoa fez isso!

Henrique [apertando-lhe a mão]

Sempre te conheci assim, meu amigo!

Nogueira

Pois, sim, mas elogios é q' eu já disse que não quero! [Continuando] Subi adiante, acendi a vela e vim a lume. Era um riso ver o pobre velho se botar na mão, por causa da bulha, e todo atrapalhado sem poder subir a escada; não a conhecia... A final entrou. A minha familia dormia a sono no sótão. Fui á chaminé, tirei a ceia do borralho, puz a mesa e começámos a comer... isto é, eu; por q' elle, coitado, servia!

Mansel

Então a historia do pão da janella abaixo não era cantiga?

Nogueira

Não, homem!

Mansel

Tinha larica deveras, sim?

Nogueira [não percebendo]

Larica?!...

Mansel

Sim; fome?

Nogueira

Ah! tinha fome, sim; uma excellente e apetitozissima fome, que o fez servir um pão com meia dúzia de batatas e dois ou tres pedaços de carne guisada, [com importancia] ceia a q' sou a preferencia. Depois de comer, agradeceu-me, mas sem grande chovadeira, e hia para sair, quando lhe perguntei: - Onde mora vocemê? - Na praia de Santos, respondeu elle, com uma certa ironia amarga. - Na praia de Santos, tornei eu admirado: - Sim senhor; lá há avia muito macia; e os botes, q' estão a calafetar, servem perfeitamente de telhado. - Percebi tudo! O desgra-

Andr. Ferr.

desgraçado nem casa tinha! - Mas quando chove? -
Tomei eu, um pouco atrapalhado com só: - Molho-
me - respondeu elle com um laconismo e sincerida-
de, que me fez reventar... não com riso: - as lagrimas
pelos olhos fora!

Manoel

Pobre velhote! Se eu o apanhasse lá a bordo....
Talvez que sempre servisse para atlar algum cabo,
coitado!

Nogueira

No fim de contas... não deixei sahir o velho. Tirei
o coltrão, sobrei um lençol do meu aomeio, para
não encomodar minha mãe aquellas horas; fiz-lhe
a cama e disse-lhe: - Durma para ahí. Tentei de
tambem dormir... mas não me foi possível. Pela
conversação do velho, durante a ceia, conheci n'elle
um homem educado, com alguma instrução e....
já se vê, imaginei logo um romance. Com esta idea,
sentei-me na cama e perguntei-lhe: - Você tem
tem sono? - Nem por onde, elle passou, me respon-
deu. - A partavelha tirou-me o sono, e depois,
estou já tão pouco habituado a estas comodida-
des!... - Chamava comodidade a uma cama de chão,
num coltrão magro e estupidamente remendado!
- Se não tem sono, conte-me lá a sua vida. -
Com todo o gosto, - disse o velho: - Tenha a bonda-
de se me dar um cigarro. - Dei-lho, acendeu-o e
começou a sua narração!... Ainda elle não hia
no meio, já eu tinha saltado da cama abaixado
e abraçado o velhote!

Henrique [admirado]

Mas por que?

Nogueira

Por que? Por que eu já tinha ouvido parte daquel-
la narração!... Por que aquelle homem é muito nosso
conhecido!... Pois não atirinhas quem é?

Henrique

Eu não!..

Nogueira

É o Jacob Abrahão, o passageiro da S.^{ta} Rosa!

Henrique [fica petrificado algum tempo e profundamente commovido] - O Providencia!! Que ~~essas~~ ~~coisas~~ & mysteriosos são os ~~teus~~ ~~secrets~~!!

Nogueira [não o percebendo ainda]

É verdade! Quem havia de julgar que aquelle homem, com tanto dinheiro, segundo dizia... [reparando no elle] Mas que demónio tens tu?... Fica-te embatucado!

Manoel

Se lhe parece q. não tem razão para isso!.. Este mundo sempre é uma bolla muito divertida!

Nogueira

Ah! lá isso é!

Henrique [com amarga ironia]

E... venhas-tas pedir-me uma esmola para esse homem?... a mim?!

Nogueira

Ah, sim, que és rico... Elle também já o foi, e imaginei que devia merecer-te a maior compaixão, assim como me aconteceu, que o tenho em casa ha dois mezes.

Henrique [vin do convulsivamente]

Quia esmola, a mim... para aquelle homem!..

E que venhas... Dize-me que venha a minha casa, quero dar-te uma esmola de... de meio mi-
lhão!

Nogueira [espantado]

Como percebo! Estás a brincar comigo?

Henrique

Não; depois te disse... É uma coisa bem extraordinaria!

Manoel

Mas a final, como chegou elle a pedir esmola?

Nogueira

Foi salvo por um barco de pescadores indigenas.

André Ferr.

mas o dinheiro ficou. The tido a bordo e por conse-
quencia lá foi para os peixinhos. Dois dias depois
partiu n'uma embarcação mercante de Mercambi-
que, q. navegava para os Estados Unidos. Lá arran-
jou-se como caixeiro em uma casa inglesa. Esteve
ahi bastantes annos; a final a casa quebrou, e ho-
mém, com algum dinheiro q. tinha, veio para Por-
tugal, na esperanza de encontrar aquelle negocian-
te de q. já nos tinha fallado abrido, quando nos con-
teu a sua historia... Lembraste, Soares?

Henrique

Lembro.

Noqueira

Chegou a Portugal ha de haver tres mezes e meio:
procurou o tal negociante, esperando q. elle o pro-
tegese e lhe desse a mão para começar novamente
o negocio; mas o homem tinha morrido e a fortuna
passou a uns parentes afastados, que elle nem conhe-
cia. Por consequencia, como se embarcou tendo ape-
nas na algibeira uns treze mil e tanto reis, ficou
em breve reduzido á miseria. Tem procurado muito
os seus antigos conhecimentos; mas, como lhe falta
a principal qualidade para ser bem sucedido - o di-
nheiro - ninguém o conhece actualmente!... De
forma q. o pobre velho (que já se é bastante) está quasi
disposto a entrar para o Asylo da Mendicidade!...

Vê tu em que parou aquella riqueza de tantos
contos de reis! Olha q. se fossemos philosophos, ti-
nhamos logo assumpto para philosopharmos

Henrique

E porque não procurou ~~ella~~ a mulher? Erica, se-
gundo o q. elle nos contou...

Noqueira

Uma menua pergunta lhe fiz eu. Diz que, antes
que pedir esmola ao recather. n. ao Asylo, lo que
hiz implorar a compaixão de uma mulher que

que o piz fora de ma' casa, protestando. He um
idiot eterno! Diz que não quer ir avivar aquelle re-
mor de tanto anno pela morte do pae!... Enfim...
Diz que não vai decididamente! Ora eu, que na ver-
dade tive do d'aquelle pobre diabo, lembrei-me do
seguinte: - O Soares é rico; dá-lhe algum dinheiro
para elle se vestir com mais decencia, toma-o para
caga na qualidade de guarda-livros, ou mesmo de
caixeiro; e ahí está o homem feliz e com uma ve-
lha mais descansada.

Henrique [sorrindo tristemente]

Dizes bem; graças tuas isso... e até muito mais!

Noqueira [abraçando-o com alegria]

Obrigado, Soares! É um verdadeiro homem de bem!
Obrigado!

Henrique [com ironia]

É tu o g.º es, que assim te entereças por um homem,
que não te é nada, e cujos títulos si tua estima
são apenas - a desgraça?!

Noqueira

Ora... o que eu sou!... Sou um extravagante cha-
pado, mas com alguma de gente! Sou um pobre diabo
com bom coração.

Henrique

É o g.º me chamaste a mim: - um homem de bem!

Collares [dentro]

Dá licença?

Henrique

Entre.

Acto 7.º
Os Mesmos e Collares.

Collares [entrando]

Com licença. Meus senhores... Ah! por cá, Sr. No-
queira! Como está? [Aperta-lhe a mão e cumprimentando
Henrique] Sr. Soares...

Henrique [recamente] c. Ant. Ferr.
Ant. Collares... [Para Nogueira] Vae buscar esse homem.
Eu, daqui a pouco, vou ao Quartel General apre-
zenta-me, para seguir viagem no Serra do Pilar,
que creio deve sair depois de amanhã...

Manoel [muito contente]
Tal e qual; depois de amanhã! Oha lá! Vem com-
migo, Seu Henrique! Seus Guardias do brigue!...

Henrique
Ainda bem! Haviamos conversado muito... [a meia voz]
a respeito d'ella!...

Manoel
A respeito d'ella!... [aparte] Ah! sim, percebe!... Está
arranjado! Nem se eu te deixo sair, sem primeiro
saberem quarentena no lazareto do matrimónio!

Henrique
Anda, Nogueira; vae dizer ao teu protegido, q. já
lhe preparaste um futuro mais feliz. Se, quando
vieres eu não estiver em casa, espera-me.

Manoel
Vamos lá; eu também quero fallar ao velhote, para
lhe alegrar aquella alma!... É uma brincadeira!...
Vou dar-lhe conta da filhita, que elle julga no
buro d'algum biacão marinho!

Nogueira
A filha?!
Manoel
Salvei-a eu, sim senhor! E ainda q. é só doce e
q. tem bom coração? Vamos lá ao velho, onde
pelo caminho lhe contarei essa historia.

Collares [aparte]
Que demonio de trápatha será esta? Não sei
o q. me abwinha o coração!

Nogueira
Bem; até logo, Seus.
Henrique [apertando as mãos aos dros]

Até logo.

Manoel [baixo para Henrique]

Tomelá conta nessa coisa de embarcar agora, em?
Olhe que para ser um verdadeiro home de bem, não
é só preciso entregar o q. não é seu!...

Henrique

Pois que mais é preciso?

Manoel

Que mais!? Fazer de ti o pai, a mãe e a mim...
não fazendo a filha desgraçada! [Táhe com Nogueira]

o. Cena 8.^a

Henrique e Collares.

Henrique

Querter a bondade de se sentar, Sr. Collares?

Collares [sentando-se]

Obedeco, Sr. Soares.

Henrique [sentando-se]

E poderei saber a q. seio a honra...

Collares

Eu cheigo: [sorrindo] apesar da amabilidade com
q. Sr. Soares hontem me tractou, entendi que devia procu-
ral-o, por que a sympatia em mim faz callar
as ~~suas~~ ofensas.

Henrique

E' muita alma generosa, Sr. Collares!

Collares

Adivinto-lhe, que, apesar das suas ironias continua-
das, he de - e vim aqui - para lhe fallar com
a maior franqueza n'um assumpto de muita
preponderancia para nós dois, pelos entesmes
recipros que encerra.

Henrique

Estou prompto a ouvi-lo; e peço-lhe que largue
na disposição de chamar ironias a todas as minhas

ameações.

And. Ferr.

Collares

Eu conheço-as, meu amigo; não faça de mim um parvo; considere-me tudo quanto quizer, excepto isso!

Henrique [impassiente]

Mas... a final, q.^o tem V.^o a dizer-me?

Collares

Muitas coisas. Em primeiro lugar, favor de me assegurar se acredita deveras n'aquelles planos, se q.^o hontem me fallou, ou se foi unicamente para... para me apanhar, como se costumava dizer?

Henrique

Quaes planos?

Collares

Os meus a respeito da Sr.^a D. Guilhermina.

Henrique

Acredito-os, por que os soube de pessoa fidedigna; V.^o confiou-os a alguém, q.^o os disse ao meu Guarda-livros.

Collares

Ene alguém foi o meu ajudante?

Henrique

Justamente; é primo e amigo intimo do meu Guarda-livros.

Collares [aparte]

Deixa estar, tratante, que eu te darei o premio! [alto] Pois, Sr. Soares, visto q.^o o sabe, não o negarei: tudo é verdade quanto me lançou hontem em roto. Mas como considera V.^o os meus planos?

Henrique

Como uma esperteza, de que estou certo não ha de lograr o fim.

Collares

Pois que? Por q.^o V.^o faz tenção de... de me desmarcar, para usar da sua provavel phrase?

Henrique

Talvez.

Collares.

Mas para que, Sr. Soares? Que interesse tem V.º nisso?

Henrique [à parte]

Vamos ver assim isto chega. [Alto] O interesse é unicamente aquelle que me inspira a amizade, que consagro a essa respeitavel senhora.

Collares [sorrindo]

Ora, meu amigo!... Cartas na meza e jogo franco! Não queira pintar com as cores da amizade, aquillo que deve sezenhar com as do interesse.

Henrique

Do interesse?!...

Collares

Sim: V.º, por amor ou por especulação, corteja a filha de D. Guilhermina. Na hypothese de que ella é ~~a~~ herdeira d'um grande vinculo, o Sr. não lhe convem o meu casamento, por que teme que ainda appareça algum filho varão, e que, por consequencia, segundo a instituição daquelle morgado, fique a menina Abelia sem entrar na posse d'elle.

Henrique

Nem eu sabia semelhante clausula d'instituição. Tenha a bondade de continuar.

Collares.

Sabia, sim. [Emendando-se] Perdão... quero dizer... Parecia-me que o Sr. devia saber-o. Ora, com estes calculos, sou-lhe toda a razão para me queirrear: mas, vou fazer-lhe uma confidencia, que, estou certo, mudará o seu modo de pensar a meu respeito. [Depois de silencio] Aquella menina não é filha de D. Guilhermina.

Henrique [sorrindo o fiamente]

Ah! não?

Collares

M^o Sr^o

Não senhor; é filha d'aquelle marujo, que havia lá
ver hontem.

Henrique [no mesmo tom d'indiferencia]

Ah! sim?

Collares [ap^{to}]

Que frieza com que elle sabe isto!... [alto] Talvez que
me não acredite, Sr^o. Soares: pois bem, indague
e verá se lhe digo a verdade.

Henrique

Eu já sabia tudo isso, Sr^o. Collares.

Collares [levantando-se]

Já o sabia!? Então para que continia a guer-
rear-me? Para que presiste no ~~x~~ casamento com
uma rapariga, que não tem nada?

Henrique [levantando-se]

Eu lhe digo, Sr^o. Collares: o Sr^o. não pôde compre-
hender o que faço, por que não comprehende se-
nào o Sinheiro; rogo-lhe, portanto, que não fal-
lemos mais neste assumpto, mas sim no que
lhe diz respeito. O Sr^o. tem, como já lhe disse,
não só complicado astuciosamente os negocios
d'essa senhora, mas até por muito boa parte sei,
q^e tem abuzado da sua confiança a ponto de...
(não me servirei do verbo proprio) a ponto de se-
fraudar a sua constituinte, já recebendo rendas
advantadas, de que lhe não dá conta, e que o Sr^o.
come, bebe e joga a seu bello-prazer, já abatendo
fôros, para receber grandes luvas, etc: etc:

Collares

Isso é uma calumnia!!...

Henrique

Não é; nada de palavras; ouça o resto, já que as-
sim o quis, procurando-me. O Sr^o. tem practica-
do o que em technologia juridica se chama - abuso
de confiança, e cuja pena (principalmente em
homem de fé publica, como deve ser um procurador

encartado) é... o senhor bem sabe qual ella é!...

Collares

Sei perfeitamente; mas não estou no caso....

Henrique

Está e mais que está. O Sr., depois de se collocar na pessima posição, entendeu que devia salvar-se por meio de um casamento; fez muito bem. Mas não lhe parece que eu, estimando severas essa senhora, queira e evite simultaneamente este casamento, não tanto pela não restituição do dinheiro, mas, sobre tudo, para não a ver ~~casada~~ ~~com~~ unida a um homem, que o mundo aponta já como... como... Dispense-me do nome; o Sr. bem o atrevilha.

Collares

Ladrão; não?

Henrique [com sinceridade]

Parece-me que sim.

Collares

Pois, senhor Soares, quando em trances taes, se encontram dois homens d'intelligencia, é preciso franqueza para se poderem entender.

Henrique

Ainda quer mais franqueza do que aquella com que o estou tratando?

Collares

Pois bem, suça: - Tenho feito tudo isso, que o Sr. disse, por q. sou viciado, por que sou amigo da ostentação... enfim, por que sou... tudo quanto o Sr. quizer. Mas, actualmente... avancei; já não posso recuar!

Henrique

Muito amigo é o Sr. Collares das phrazes bem-basticas!

Collares

Suça.

Henrique

Estou ouvindo e... e admirando!

Collares

Nesta situação em que me colloquei, só um casamento com essa senhora me poderia salvar. [Depois de silencio] Sem intenção de offender-o; podemos entender nos a respeito de... de dinheiro... de uma somma avultada...

Henrique

Ah! quer dizer, que me dá dinheiro para eu me callar?..

Collares

Seja a quantia que for!

Henrique

Eu lhe digo, Sr. Collares: se me fizesse essa proposta ha 18 ou 20 annos, o Sr. Collares sabia já d'esta casa de uma forma pouco ~~propria~~ propria para a sua idade e posição; como porem tenho hoje 38 annos, contento-me em lhe prohibir expressamente que repita semelhante... infamia, não acho outro termo!

Collares

Preciza?

Henrique

Formalmente, Sr.!

Collares

E tenciona avizara Sr. D. Guilhermina?

Henrique

Sim Sr.!

Collares

Bem! Advisto-lhe, porem, Sr. Henrique Soares, que... V.ª ainda me não conhece bem!..

Henrique

Creio que perfeitamente.

Collares

Ainda não. O Sr. acabou ha pouco de me fallar no castigo q. me espera, se se divulgar

a minha posição actual. Sei esse castigo: ca-
deia e talvez segredo. Por consequencia, sou um
homem perdido, desgraçado para toda a vida?

Henrique

Assim me parece.

Collares

Ira, sabe o que eu faço n'esse caso?

Henrique

Dizá.

Collares

Tenho em meu poder todas as escripturas d'institui-
ções, todos os testamentos, enfim, todos os papéis
do morgado da Sn.^a D. Guilhermina. Antes d'en-
trar para a cadeia, rasgo, despedaço e queimo
todos esses documentos, e, por consequencia, eis
a Sn.^a D. Guilhermina na impossibilidade de
mostrar perante os tribunaes o rendimento
d'esta ou d'aquella propriedade; eis-a ~~na~~ pri-
vada de fazer novamente ellevar os fóios que
eu abati; e eis-a, finalmente, despojada do
seu morgado, se houver alguém que se lembre
de ter melhores direitos a elle, o que decerto
não faltará apenas constar que Sua Excelencia
não tem documentos para apresentar em juizo.
Ira aqui está o que V.^o vai fazer com a sua
declaração.

Henrique

Dize muito bem, Snr. Collares: não o conhecia
ainda tão cynico e tão presidente. Não o co-
nhecia; mas V.^o também me não conhece
ainda. Não sabe que tenho um systema
particular para tractar com os cynicos e com
os que praticam accções como as de V.^o Tam-
bem estou n'uma tal posição, que já nada
tenho a esperar! O Snr. está perdido, porque
roubou; eu estou perdido, porque vou resti-

Sr. Ferr.

restituir uma riqueza, que me não pertence.
Ha, portanto, uma certa afinidade entre nós...
isto é, nada temo ~~ambos~~ a perder. Por consequen-
cia, vou fazer-lhe uma unica e ultima exi-
gencia. [Vae á secretaria e traz um par de pistolas.
Salta] O Sr., não só ha de hir para a cadeia,
se enquizer, mas até, dentro de uma hora, ha de
apresentar-me, aqui, no meu escriptorio, todos
os documentos pertencentes á casa da Sr. D. Gui-
chemina de Mello.

Collares [aterrado por aquelle tom
decizivo] Mas que quer V.ª dizer?!

Henrique

Quero dizer que... sou-lhe a minha palavra
de honra, e juro-lhe pela alma de meu pae
e de minha mãe, que, se dentro de uma hora,
V.ª não executar o q.º lhe ordenei, na primeira
parte onde o encontrar, fare-lhe saltar os
miolos!

Collares [recuando]

Sr. Soares!!... É um assassinato!!...

Henrique [sempre rogado]

Nada, não, é o remedio contra os cynicos e la-
dros! [Apontando-lhe para porta] Láia!

Collares [sempre recuando]

Sr. Soares!!...

Henrique [engatilhando as pisto-
las]

Láia, a não queres que lhe aplique já o
remedio, e que vá depois a tua casa buscar
os documentos: a policia sempre me dará tem-
po para isso.

Collares [aterrado]

Esta!!... [Alto] D'aqui a uma hora cá tem os papéis

Henrique

D'aqui a uma hora, Sr. Collares! [Soe vendo o
salto] Ha de trazer os! A infamia e a covardia
andam quasi sempre de mãos dadas. [Toca uma

campainha, e vai guardar as pistolas na secretaria,
fechando depois todas gavetas, e guardando o molcho das
chaves pequenas]

O Triabo [entrando]

O G.^o tocou?

Henrique

Fique aqui no escriptorio, e se vier algum, q.^o
espere. Vou ao Arsenal e não me demoro.

[Labe]

O Triabo [id]

Acorda demorou havia o Guardalivros? Queria
ver se conversava com elle, e, combinando, tal-
vez que demorou no vinte. Lá' q.^o ha alguma no-
vidade nesta casa, em ha!... Estão rebentan-
do de curiosidade!

Instituto Técnico de Lisboa

Co Serra 9.^o 00

Memo, D. Guilhermina e Adelia.

D. Guilhermina [entrando].

O Sr. Henrique Soares?

O Triabo

Está lá' em cima, minha senhora; e creio que vai
sahir.

D. Guilhermina

Entregue-lhe isto, e diga-lhe q.^o espero aqui. [Dá-lhe
um adresse]

O Triabo

Sim, minha senhora. [Labe]

D. Guilhermina [sentando-se]

Estás melhor, Adelia?

Adelia [conservando-se de pé]

Não, Mãe; estou n'um estado memoço!...

D. Guilhermina

É natural: eu, quando tinha a tua idade, também
me deixava impressionar com essa facilidade. Hoje,
porém, penso mais maduramente e trato sempre
de remediar o mal, em vez de me deixar dominar

por elle.

Am. e Fer.

Adelia

Ah! Mãe! mas este mal parece-me que não tem remédio!... Elle não me ama!

D. Guilhermina

Quem sabe? Que provas temos?

Adelia

Aquella carta!...

D. Guilhermina

Aquella carta não vejo segamos; vejo um mysterio, que é preciso descobrir, que havemos de descobrir.

Adelia

Ahe, Mãe; eu tive até uma idea... bem má!

D. Guilhermina

Qual foi?

Adelia

Não duvido que elle me chegasse a amar... acredito, até, visto que me pediu em forma á Mãe, perante a sua conversação na sala. Mas quem sabe se elle está ao facto da historia de meu Pai, e que, por isso, se arrependesse? Quem sabe se o amor se transformou em certa repugancia por mim, fructo de um casamento criminoso, conforme a Mãe me contou hontem? Quem sabe se aquelle coração tão bem formado lhe repugna a idea de se unir ao fructo de um casamento, q. occasionou o tragico fim de meu Avô?

D. Guilhermina [com tristeza]

Será isso, talvez; mas, se assim é... bem pequeno devia ser o amor, que elle te dedicava. Enfim, nós sabemos isso; Mas como explicas tu aquella confissão de pobre, que elle nos fez na sua carta, e aquella restituição de não sei q. dinheiro pertencente...

Adelia

Não seria isso um pretexto, Mãe? Não imaginaria

Investigar-se da sua palavra, por meio de uma a-
vultada quantia de dinheiro?

D. Guilhermina

Não! não digas isso! Conhece-me bastante para
que podesse pensar nesse meio!... E faço-lhe a
justiça de acreditar, que não imaginou semelhante
te indignidade.

Adelia [muito affita]

Mas então, Mãe, como poderemos saber isto?

D. Guilhermina [escutando]

Vamos sabê-lo; calta-te! Tanto paixão....

o Scena 10.ª

As Meninas e Henrique Soares [com o seu
grande uniforme de Capitão Tente] de Lisboa

Henrique [com certa frieza causada
pela commoção] Minhas senhoras....

D. Guilhermina [cumprimendo]

Sen. Henrique Soares....

Adelia [admirada]

Mais uma surpreza, Mãe!... Que significa
esse uniforme, Sen. Soares?!

Henrique [sorrindo tristemente]

Significa, minha senhora, que tenho a honra
de pertencer à Marinha de guerra portugueza.

Adelia

Ah! sim; na sua carta, que... Sim, agora me
lembro... Naquelle sua linda carta...

D. Guilhermina

Não percamos tempo... Certo que o Sen. Soares
hia saber?...

Henrique

Sim, minha senhora, vou apresentar-me no
Quartel General; mas estou ás ordens de V. Ex.
A honra de a ter em minha casa, pela primeira
vez...

D. Guilhermina

Mr. Ferr.

Muito obrigada, Sr. Henrique Soares: mas, repito, não perca-
mos tempo. Recebi uma carta sua tão extraordinária,
tão inclassificável, enfim, tão sobreinteligível, que
me resolvi a buscar uma explicação; espero do seu
cavalheirismo que se não recusará a dar-me-a.

Henrique [turbado]

Essa carta, minha senhora....

Adelia [tirando-a do vestido]

Está aqui, Sr. Henrique; está aqui.... esta bonita
carta!

D. Guilhermina

Eu amo minha filha estremadamente: sou uma
senhora, cuja nobreza de sangue e de comportamento
nunca até hoje foi descuberta, e creio, portanto,
que estes dois títulos — o de mãe e o de filha —
me dão todo o direito para interrogar o, Sr. Soares.
Tem a bondade de me explicar a sua carta?

Henrique

Minha senhora, peço-lhe q. me poupe a vergo-
nha de lhe narrar factos, que me humilham, que
tem sido o remorso constante da minha vida... en-
fim, minha senhora, peço-lhe encarecidam^{te},
que, se lhe mereci alguma amizade....

Adelia [rapidamente]

Devão, Sr. Henrique, a Maria dizer-me q. temio-
nava ser inescusável! Que havia de saber tudo, cus-
tasse o q. custasse! Não foi assim, Maria?

D. Guilhermina

Realmente, Sr. Soares, não se lança o lucto, a des-
gracia e a aflicção si uma coisa de suas pobres senho-
ras, que nem hum mal lhe fizeram!...

Henrique

Plucto!! a desgraça!..

D. Guilhermina

Plucto, sim, por que eu já o considerava como filho,

e o Sr. matou-me esse filho com semelhante resolu-
ção! A desgraça, por que esta menina já o ama-
na como seu marido, e o Sr. roubou-lhe esse ma-
rido!

Henrique [balbuciante]

Amava-me?!...

Adelia [quasi em lagrimas, tapando
o rosto e entendendo-lhe a outra mão] Amava... muito,
Sr. Henrique!

Henrique [beijando-lhe a mão arrebe-
tada] Adelia!!... [largar a repentina e fica com os olhos no
chão]

D. Guilhermina

A vista de tanta franqueza, de tanta ingenuidade,
e creio q. de tanto amor, ainda duvidará o Sr.
Henrique sobre explicar-me o seu comporta-
to?

Henrique [erguendo a cabeça e com esta
resolução] Minha senhora, uma cabal explicação
não lhe dou... verbalmente; prometto que lhe a es-
creverei amanhã, antes de embarcar...

Adelia [aterrada]

Embarcar!!?... Não ouve isto, Maria?!...

Henrique [continuando]

Hoje, só lhe posso assegurar com a minha honra,
que não é de amor pela sua excellentissima fi-
lha que me faz quebrar as nossas relações. É unica-
mente pelo facto de ser pobre, de ter por patrimonio
o meu soldo e por morada... o mar! Não lhe pos-
so dizer mais nada, minha senhora.

D. Guilhermina

Ellas essa fortuna immensa...

Henrique

Pertence a seu marido.

D. Guilhermina

Mas como? Meu marido, morto ha tantos an-
nos...

Henrique

Seu marido está vivo, minha senhora. And. Ferr.

D. Guilhermina (levantando-se arrebatadamente) Que diz, Sr. Soares?!...

Henrique

A verdade.

D. Guilhermina (radiante de alegria)

Vivo!!...

Manoel Escota (dentro)

J. Ore Soares! Elle cá está!.. elle cá está!

Henrique

Vae ver-o, minha senhora.

Cena nº 2

Mesmo, Manoel, Jacob e Nogueira

Manoel (puxando por Jacob)

Vá! Arriba, gentes! Lá vem este velho bergantim rebucando esta fragata, ainda mais velha!

D. Guilhermina (vendo-o, recuando e cobrindo-se de fúria sobre uma cadeira) Meu marido!!...

Jacob (ap.º, puxando os dedos)

Minha mulher!!...

[Sr. Jacob vem vestido pobremente, m.º mais velho e abatido, e com longas barbas brancas.]

Adelia (correndo p.º D. Guilhermina)

Que tem, minha mãe?!.

Jacob (ap.º, radiante de alegria, mas não se mexer) Ella!!... a minha querida filha!!...

Adelia (baindo para D. Guilhermina e olhando fixamente p.º Jacob) Mãe!!... Quem é aquelle homem?!

D. Guilhermina

Pergunta-o... ao teu coração!

Adelia (espantada e avançando um pouco para elle) Ao meu coração!?...

Jacob (tomando-lhe a mão, deli-

Deligenciando contes a alegria, e olhando-a fixamente] Sara!

Manoel

Já se não chama, Sara: o primeiro cuidado q. tive,
apenas cheguei a terra, foi baptizal-a.

[N. Musica m^{te} piano na orchestra: a mesma do final
do Prologo.] Jacob [sempre com as mãos de Adé-

lia entre as mãos e com m^{te} solemnidade] Houve uma e-
poca na tua vida, que, lá na immensidade dos
mares, havia contigo um homem, q. te ~~amava~~^{amava} entre-
mogatamente!... Lembra-te?

Adelia [sempre com certo espanto e como
querendo recordar-se] No mar?!... n'um navio!...

Jacob [continuando]

N'um navio, sim! [Olhando de vez em quando para
D. Guilhermina] Todas as noites, á claridade das es-
trelas, n'aquella vastidão immensa, este homem
abraçava-te, e contigo sobre os joelhos, fazia-te re-
petir uma oração!... Lembra-te?

Adelia [passando a mão pela tes-
ta e recitando pausadamente] "Oh! Meu Deus! Israel!" pela
tua infinita sabedoria e misericordia...

Jacob [vendo] ella não continúa
"Prisca do coração de minha Mãe..."

Adelia [recordando-se]

"Este remorso purgente, q. o dilacerava, e inspi-
ra-lhe o desejo de paz e conciliação com meu pai!
[Depois de algum silencio e fitando Jacob] Esta puzce...
tão respeitavel, enervava-me um homem, que
me beijava... que... [Fazendo visíveis esforços para
relembrar] Sim... vai-se lembrando!... Depois...
vivi lá, veid o mar... tão grande... tão horrivel!...
e... Ah, meu Deus! agora me lembro!... Levou
esse homem, emotto n'um turbilhão de agua!...
E a mim tambem... Parece-me um sonho!... De-
pois, ouvi o soltar um grito de desespero!... Lá em-
baixo, nas profundidades d'aquelle abysmo, separado

André Ferr.

de mim por uma enorme montanha d'agua,
ouvi-lhe umas palavras... Depois de silencio Não
me lembro!

Manoel

Lembra-me a mim! - Quem salva a minha fi-
lha, pelo amor de Deus!! -

Adelia [lançando-se violentam^{te} a

Jacob] Ah! meu Pae!!... meu Pae!!...

[Ed. Longo silencio de commoção em todos. - A musica nas
orchestra acaba.]

Jacob [depois de silencio, e levando

uma filha pela mão, aproxima-se de D. Guilherme.] Minha
senhora!... Quererá fazer-me presumir, que Deus
não escutasse as orações d'este anjo?

D. Guilherme

Escutou! [Estende-lhe a mão, e elle beija e abraça, em
todos tres.]

Manoel [um pouco conturbado]

Como está lá essa alminha, sore Nogueira?
Elle q. isto tambem é obra sua. Se você não ti-
verse deitado a gateira a velho!...

Escola Superior de Cinema e Nogueira

Deixa-me, homem! Nunca em minha vida
tive um prazer assim, depois que escapei do man-
dazio da St. Praya!

Adelia [com certo acanhamento e

a voz voz] Então, Sr. Henrique?... não tem nada...
nem nada, que pedir a meu Pae?

Henrique

Tenho, minha senhora. [Quando junto d'elle e com certa
resolução] Sr. Jacob, vou declarar aqui um facto da
minha vida, que alguns remorsos me têm feito
soffer. A minha fortuna... não toda, mas, 2/3 con-
tos de reis... salvei-os eu!

Jacob [com alegria]

Ah!!

Henrique

Imaginando que D.^o recumbisse infalivelmente,
fui ao seu camarote, e aponsei-me desse dinheiro!

Manoel (aparte)

Olha lá!

Abelia (baixo p.^o D. Guilherme)

Perceba agora, Manó? Mas olhe que o entrega!
É um homem honrado!

Henrique

Este dinheiro tem prosperado na minha mão, a
ponto de estar quasi triplicado. Esta caixa, estes
livros, esta firma, tudo, enfim, tudo lhe per-
tence. Espero que não se negará a aceitar...

Jacob

Os meus 222 contos de reis, sim senhor; visto que
ainda me aparece um homem de tanta pro-
bitate e honra. Mas, o que D.^o com o seu tra-
balho e com a sua firma, adquiriu depois,
isso não aceito, por que não é meu!

Manoel

É muito bem feito!

Abelia

É!

Henrique (Afflicto)

Mas, valha-me Deus, Sr. Jacob! Se eu me
não tivesse aponado do seu dinheiro, não ti-
nha negociado, não tinha realizado semelhan-
te somma!... Por consequencia, segundo os prin-
cipios da melhor logica, é tudo seu!

Jacob

Pois bem; para satisfazer a minha consciencia
de homem de bem, quero e exijo o seguinte:
Supponha que essa quantia de 222 contos
de reis lhe a emprestei para se estabelecer.
Supponha q.^o foi uma verdadeira transação
commercial. Paga-me hoje o capital e o juro

Ad. Ferr.

de... (sorriso) de meio por cento... ao anno. Não quero, nem aceito definitivamente nada na da!

Henrique (meio alegre, mas ainda com alguma repugnancia) Mas fico ainda com uma sustenia de ~~300~~ tantos contos de reis!

Manoel (mostrando-lhe Adelia) Acha muito para offercer a mia mulher?

Henrique (turbado) Minha mulher!...

Adelia (sorriso e com certo acanhamento) Sim... acha muito?

Henrique E... ainda me quer para marido?

Adelia Quero, por que sempre, nos meus sonhos de felicidade, imaginei ver em meu marido...

Jacob (sorriso) O symbolo da honra e da probidade!

Adelia (entendendo-lhe a intenção) E o amor?

Henrique (pegando-lhe na mão) E o amor!

Manoel Bem! estamos todos felizes! Ora agora diga lá! Foi Jacob (apresentando-lhe Nogueira) O q. ha tencão de fazer d'este pratinho?

Jacob (abracando-o) Meu Guarabalivo... e, sobre tudo, meu amigo! Quero a minha meza pagar-lhe todos os dias aquella celebre ceia de carne com batatas.

Nogueira Aceito, por que é a maneira de me ver livre por uma vez do maldicto Prigo!

Jacob E você, Manoel? Não pede nada?

como sou pobre, diga-me a daquella men-
na... com um pataco.

Todos

e sad. sur

Que quer dizer!?

Manoel

Foi quanto me custou o papel sellado para
o requerimento, que a estas horas já está nas
mãos do Ministro, e em que o Senhor Capitão
Tenente Soares pede... a uma baixa do serviço!

Henrique [na maior alegria e
lançando-se-lhe nos braços] Manoel!!...

Manoel

Não quero cá tennuvas! Deve-me um pata-
co!

Instituto Politécnico de Lisboa

Cabe o Pano

ESTIC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Ad representas re.
Luz 24 de Junho de 1878

L. A. Parmenius.
In or benedictio -

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema